

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

## **“Meio Ambiente e Fotografia: pedagogias em um Parque Urbano”**

**Acadêmica: Juliana Evelyn dos Santos**

**Orientador: Dr. Leandro Belinaso Guimarães**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado como requisito parcial para a  
obtenção do Título de Bacharel em Ciências  
Biológicas.

Florianópolis, 23 de Junho de 2008.

Dedico este trabalho às pessoas

que mais amo:

minha mãe, Rozana;

meu pai, Sérgio;

meus irmãos, Lucas e Paulinho;

meu marido, Leandro.

Das utopias

Se as coisas são inatingíveis... ora!  
Não é motivo para não querê-las...  
Que tristes os caminhos se não fora  
A mágica presença das estrelas!

*Mario Quintana - Espelho Mágico*

## Agradecimentos

Minha gratidão especial...

Aos meus pais, Sérgio e Rozana, por confiarem e acreditarem em mim e assim darem asas aos meus vôos.

Ao meu marido Leandro, meu amor, meu amigo. Obrigada pela paciência, pela companhia nestas intermináveis horas em frente ao computador, por estar ao meu lado em todos os momentos, por me acalmar, por confiar em mim, pelo carinho e pela presença que se constitui nas melhores horas do meu dia.

Aos meus irmãos, Paulinho e Lucas, pelas brigas bobas, carinhos, risadas, pelos olhares de segurança e pelo companheirismo que me fizeram crescer.

Aos meus avôs: vô Paulo que olha por mim lá do céu, pela goiabeira; vô Arnaldo, pelos passeios de batera e por ser exemplo do amor em família; vô Zica, pelo sorriso sempre presente e por seu grande carinho; vô Maria, pela tranquilidade e força.

A todo o restante da família, com beijos especiais no Tio Calo, Tia áurea, Tia Cleusa, Tio Pido, Raphael, Dani e Binho - obrigada por estarem sempre perto de mim e pelos deliciosos almoços em família aos domingos.

À dona Jucênia e seu Osmar, sogrinha e sogrinho: obrigada por terem me recebido tão bem em sua família. Cássio, querido cunhado, obrigada pela companhia e pelo incentivo em minhas experiências culinárias.

Às minhas amigas Ellenita, Dani, Mari Massinha e Dálet, pelas risadas, pelas festas de pijama e pela companhia nos longos períodos de estudo para o vestibular.

Aos amigos da Bio: Helô, por seu sorriso brilhante e por confiar a mim seus alunos; Rebeca, pelos divertidos almoços e pelas confidências; Thalita, pela presença sempre alegre; Ronan e Ric da terra dos “olhinhos puxados”, por me acompanharem por nossas andanças pela UFSC, pelas gargalhadas e pelo passeio a Beira – mar; e especialmente ao Léozito, meu ouvinte e conselheiro fiel, obrigada pela amizade e pelas risadas.

Ao meu orientador, Leandro, por ter sido ótimo professor, por ter feito com que eu me encontrasse, pela dedicação e paciência incríveis, por me fazer rir mesmo quando estava me chamando a atenção, por atender aos meus telefonemas desesperados, por ter aceitado me orientar neste trabalho, por confiar em mim.

Aos professores do Curso de Ciências Biológicas, em especial: Tânia, amada "tuti", amiga, conselheira e dinda, obrigada pela preocupação, pelo carinho e por me ensinar tantas coisas; Benê, obrigada pelas ótimas aulas, pelas caronas, pela calma, preocupação e pelo carinho de ser meu padrinho. Verinha, pelo inesquecível banho na Lagoa do Peri, pelos biscoitinhos, pela biodança, pela sensibilidade e pelo carinho.

A todas as PETssoas: Fefeeco, Gabi, Jona, Moretti, Elise, Elis, Ric, Maíra, Kamke, Du, Ju, Fer... Obrigada pelas inesquecíveis festas, por me ensinarem a trabalhar em grupo, pela companhia gostosa, pela amizade.

Ao pessoal do Laboratório de Drosofilídeos: Professor Paulo Hoffman, por ser excelente professor, orientador e amigo, pelas broncas, pela paciência e por ter me apoiado quando decidi mudar a minha área de pesquisa. Luizão, por ter sido o melhor co-orientador que eu poderia ter, obrigada pelos longos dias de ensinamento, pelas ajudas nas coletas e pela imemorável subida ao Morro do Cambirela; Huguito, por me divertir mesmo quando estava triste, por me acompanhar nas saídas e pela amizade; Marcos pelos “papos-cabeças” com as larvas e pelas performances artísticas em cima da mesa; Dani pelos puxões de orelha e pelas deliciosas risadas; Cão, pelos conselhos; Hermes pelos passeios ao manguezal; Pri, pelas flores.

À galera do Tecendo: Silver e Vianna por terem me acompanhado desde o começo deste trabalho, Fran, Maíra, Aline, Pri e Fer, pelas reuniões e trocas de idéias que me ensinaram muito.

Aos meus alunos, queridos "pestinhas" que são as cores vibrantes do meu dia-a-dia.

Aos professores do Colégio Educar, meus colegas de trabalho que tornam divertido o meu cotidiano, em especial à “mulherada” - companheiras de todas as horas, que me apóiam e com quem a risada é garantida: Simone, Sandra, Valesca, Aline, Dilvana, Fernanda, Mari e Jandira.

Aos moradores da Rua Belarmino Antônio da Silva, que participaram do meu trabalho com grande paciência e compromisso, obrigada pelos passeios ao Parque.

## Sumário

1. De uma pesquisadora de laboratório a uma educadora ambiental: percursos em construção. 9	
2. “Os Tanques”: o começo de uma pesquisa que se transformou em outra. ....	15
3. Redirecionando visões: pensando os caminhos da pesquisa.....	23
4. Personagens, imagens e narrativas nos passeios pelo Parque: peças nos jogos da história .	30
4.1- Dos encontros e desencontros.....	30
4.2 - Dos encontros .....	34
4.3 - Da caracterização dos moradores.....	34
4.4 - As novas (nem tão novas assim) entrevistas.....	36
4.5 - Dos passeios e das surpresas.....	38
4.6 - Das narrativas .....	39
4.7 - Das transcrições .....	41
5. Multiplicidades de olhares e imaginários: as diferentes visões que transitam entre as imagens e as narrativas.....	43
5.1 - Das saudades.....	46
5.2 - Quanto vale? .....	49
5.3 - Natureza reconstruída: essa sim tem valor! .....	53
5.4 - Os estranhos no Parque: vagabundos, drogados e “fazedores de sexo” .....	58
5.5 - Lugar público não tem dono .....	63
5.6 - Alguns deslocamentos de olhares .....	64
5.6.1 - A beleza do Parque.....	65
3.6.2 - O Parque como lugar de lazer .....	66
5.6.3 - Outras marcas humanas... ..	68
6. Capítulo final: Desejos e reflexões.....	71
6.1 - O Parque para mim. ....	76
Referências: .....	79
ANEXO I – Decreto de criação do Parque.....	82
ANEXO II: Termo de Consentimento livre e Esclarecido .....	84
ANEXO III - Caderno de Campo. ....	85
Diário do dia: 05.09.2007.....	85
Diário do dia: 06.09.2007.....	85
Diário do dia: 12.09.2007.....	85

Diário do dia: 26.09.2007.....	86
Diário do dia: 14.10.2007.....	86
Entrevista 1.....	86
Entrevista 2:.....	87
Entrevista 3:.....	88
Entrevista 4:.....	89
Diário do dia 30.03.2008.....	89
Entrevista 1:.....	90
Entrevista 2:.....	94
Diário do dia 12.04.2008.....	95
Diário do dia 27.04.2008.....	104
ANEXO IV: Narrativas completas dos moradores.....	107
Narrativa de L.....	107
Narrativa de W.....	108
Narrativa de R.....	108
Narrativa de J.....	109
Narrativa de N.....	109
Narrativa de M.....	109
Narrativa de C.....	110
ANEXO V: <i>Kits</i> .....	111
ANEXO VI: Fotografias que não foram utilizadas pelos moradores.....	112
Fotografias de L.....	112
Fotografias de M.....	113
ANEXO VII: Reportagem do Jornal Palavra Palhocense.....	115
ANEXO VIII: Mapas.....	117

## Índice de Figuras

<b>Figura 1:</b> Entrada do Parque Ecológico Municipal de Palhoça. ....	31
<b>Figura 2:</b> “(...) já foi mantido como Parque Ecológico, onde eram cultivados peixes, camarões, árvores frutíferas, e outros animais.” .....	50
<b>Figura 3:</b> “Gostaria (...) que não tivesse um mato tão alto como o que aparece nas fotos, que tivesse mais árvores frutíferas” .....	51
<b>Figura 4:</b> “Acho que o lugar precisava ter uma limpeza em volta dos tanques. Tinha que tirar o lixo e o mato que tem muito e está muito alto pra gente poder andar em volta deles, fazer umas trilhas.” .....	52
<b>Figura 5:</b> “Sendo morador e vizinho do Parque ecológico, fiquei surpreso ao observar que o que chamávamos de Parque Ecológico, hoje está totalmente abandonado.” .....	55
<b>Figura 6:</b> “Tendo a oportunidade nesses últimos dias de visitar o Parque, ficamos impressionados com a devastação e abandono.” .....	55
<b>Figura 7:</b> “Mediante estas fotos, pude observar o abandono do Parque Ecológico pelas autoridades municipais, atualmente responsáveis por sua manutenção.” .....	56
<b>Figura 8:</b> “Gostaria que se tornasse habitável, pois possui algumas árvores frutíferas e poderíamos plantar mais. Para isso precisamos de apoio. A prefeitura cuidaria, por exemplo, da iluminação, uma vez por semana da limpeza. A polícia, com suas rondas diárias. E outros tipos de trabalho para que o povo se conscientizasse de não jogar lixo fora da lixeira, não quebrar as árvores. Só assim conseguiríamos colher bons frutos.” .....	57
<b>Figura 9:</b> “O descaso com a área que está em completo abandono, desprezo por.....	57
<b>Figura 10:</b> “Gosto do lugar, pois ele é muito bonito.” .....	65
<b>Figura 11:</b> “Nasci aqui mesmo, ao lado do Parque, sendo um grande admirador do local, o qual possui um imenso mangueza” .....	66
<b>Figura 12:</b> Eu queria que o Parque fosse um lugar onde a gente pudesse passear e levar as crianças, como nessa foto que eu tirei. Que a gente pudesse aproveitar o lugar para passear, que tivesse pedalinho nos tanques para as crianças brincarem e que colocassem de novo bancos em volta dos tanques para sentar.....	67
<b>Figura 13:</b> Quem não gostaria de ter um lugar no centro da cidade para passear e ver a ecologia preservada? .....	68
<b>Figura 14</b> (Figuras da esquerda): “Há muito pouco tempo nós tínhamos uma situação muito parecida com as imagens colocadas a esquerda, apresentando somente imagens da natureza.” .....	69
<b>Figura 15</b> (Figuras da direita): “Infelizmente cada vez mais teremos que ver a mistura da obra de Deus com a obra do homem.” .....	69

## **1. De uma pesquisadora de laboratório a uma educadora ambiental: percursos em construção.**

Hoje, quando sento para escrever este trabalho, penso nos caminhos (ou descaminhos) que me trouxeram até aqui. Lembro-me então da minha infância. Enquanto meu irmão desmontava todas as máquinas ao seu alcance e sonhava com invenções cheias de alavancas e roldanas, eu me ocupava com tudo que era vivo. Com os “pequenos milagres” ao meu redor.

Tudo atiçava a minha curiosidade. Os morcegos nos pés de ameixa, as galinhas coloridas do vizinho, as minhocas, as borboletas, libélulas, meu pé de goiaba. Minha maior diversão era andar na “batera” do meu avô e vê-lo em sua pose de pescador-professor, enquanto nós, netos, ouvíamos suas histórias e víamos os rastros dos nossos dedos nos caminhos das águas. Refugiava-me perto do mato: nos dias em que estava triste, curava-me subindo em árvores ou com uma ida ao Parque perto da minha casa. Concluo então, que é destas pequenas vivências de criança que me decidi por cursar Ciências Biológicas.

Quando ingressei na faculdade gostava de praticamente tudo. Primeiramente, influenciada pela grande quantidade de tempo que passava vendo filmes sobre natureza, queria ser igual aos biólogos de documentários, em suas indumentárias cor cáqui em busca do “incrível desconhecido”. Comecei a trabalhar então com comportamento de antas, um trabalho que me parecia bem próximo ao dos meus colegas aventureiros. Não deu muito certo. As coisas não eram tão românticas quanto eu imaginava, pois o campo não tinha tantas aventuras quanto as que apareciam naqueles documentários da “National Geographic”, da “Discovery” e do “Globo Repórter”. Não sabia eu – na minha ingenuidade e empolgação, que para captar aquelas grandes imagens os repórteres passavam por várias situações difíceis, penosas ou até mesmo entediantes. Meu trabalho, durante aquela época, pode ser resumido em horas sob o sol, caminhando em meio à mata fechada, perseguindo uma anta e anotando de tempos em tempos cada coisa que o animal fazia. Claro que tinha sua importância e beleza, mas para mim, a cada dia tudo ia ficando um tanto cansativo e monótono.

Então, um dia, fiz a seleção do PET-Biologia<sup>1</sup> e passei. Posso dizer que, apesar dos vários momentos em que desanimei por diversos motivos, como a falta de reconhecimento do nosso trabalho (tanto dentro do Curso, quanto por parte da própria Universidade) e pelo tradicional atraso das bolsas no início de cada ano e que se prolongava por meses, fazer parte deste grupo foi um dos melhores acontecimentos da minha vida acadêmica. Fiz amigos, aprendi de tudo um pouco e tive o meu primeiro contato com educação ambiental.

Esta experiência aconteceu através de um projeto de extensão intitulado “Fazer e Aprender Educação Ambiental” que realizávamos com a 4ª série da escola Desdobrada José Jacinto Cardoso<sup>2</sup> situada na comunidade Serrinha vizinha à UFSC<sup>3</sup>. Esta comunidade, considerada carente, possui vários problemas sócio-ambientais, que segundo Reses (2007) são caracterizados principalmente pela falta de destinação correta dos resíduos líquidos e sólidos e pela escassez de água potável. Desta maneira, o projeto, realizado em parceria com alunos do Curso de Engenharia Sanitária e Ambiental, visava o questionamento e a busca de soluções para estes problemas na comunidade através de aulas ministradas às crianças da escola.

Estas aulas aconteciam a cada quinze dias. Eram encontros bastante dinâmicos, com a utilização de materiais diversos (como flanelógrafos<sup>4</sup>, vídeos e microscópios), buscando sempre a interação destes com a “realidade” dos alunos, trabalhando noções de cidadania e meio ambiente. A cada encontro os professores se revezavam, para que todos pudessem ter tanto a experiência do preparo das aulas – que era feito com o grupo todo reunido - como também da vivência em sala de aula. O trabalho pareceu dar bons frutos, tanto para as crianças, quanto para nós. Eu gostava, estava perto de várias

---

<sup>1</sup> PET – **Programa de Educação Tutorial:** é um programa do governo federal brasileiro de estímulo ao ensino, pesquisa e extensão universitários, no nível de graduação, subordinado à Secretaria de Ensino Superior (SESu) do Ministério da Educação (MEC). O programa está presente em alguns cursos de diversas universidades (públicas e particulares) e cada grupo se constitui de doze alunos e um professor tutor que realizam atividades relacionadas ao tripé acima descrito.

<sup>2</sup> Escola municipal de 1ª a 4ª séries do Ensino Fundamental.

<sup>3</sup> UFSC: Universidade Federal de Santa Catarina, situada no bairro Trindade em Florianópolis.

<sup>4</sup> “O flanelógrafo é um recurso visual normalmente composto por uma superfície rígida recoberta por flanela ou material semelhante onde são fixadas peças – gravuras (flanogravuras) que também possuem flanela ou lixa no verso o que permite sua aderência” (RESES, 2007).

pessoas que eu admirava e ficava feliz em contribuir um pouquinho com a vida daquelas crianças, mas o projeto não satisfazia de todo meus desejos, minhas perspectivas, pois muitas vezes eu me questionava se realmente o objetivo de ampliar as visões daquela comunidade quanto a seus problemas ambientais seria alcançado. Parecia-me que o projeto ao ajudar as crianças a ampliarem suas visões, estava contribuindo muito com o futuro delas e da Serrinha, mas ao mesmo tempo suspeitava que enquanto preparávamos os alunos para que eles pudessem ser agentes de mudanças do amanhã, estávamos talvez deixando para trás medidas mais urgentes que auxiliariam o hoje, como talvez trabalhar diretamente com os adultos... Além disso, naquela época, eu decididamente não imaginava o meu futuro como educadora. Dar aulas, ser professora, era algo que não estava em meu horizonte e que me interessava pouco. O medo de falar em público e a falta de reconhecimento da classe eram “fatos” que me assustavam e que, entre outros motivos, foram afastando-me pouco a pouco do Projeto.

Paralelo ao PET estagiava no Laboratório de Drosofilídeos<sup>5</sup>, com ecologia desses insetos. Gostava muito, pois tinha a oportunidade de trabalhar em campo e em laboratório. Imaginava que ficaria naquela área por muito tempo. Entretanto, com o tempo comecei a me decepcionar com aquele trabalho. Minhas lindas mosquinhas e as maravilhosas saídas de barco até as Ilhas de Moleques do Sul<sup>6</sup>, onde coletava os insetos, de repente se transformavam em vários números e gráficos coloridos, que para mim, faziam cada vez menos sentido. Além disso, ficava chocada com a situação das ilhas, que apesar de fazerem parte do Parque Estadual da Serra do Tabuleiro<sup>7</sup>, eram constantemente visitadas por pescadores que retiravam diversas espécies de organismos de suas encostas. Esses fatos geravam turbilhões de perguntas na minha cabeça: será

---

<sup>5</sup> O Laboratório de Drosofilídeos da UFSC pesquisa a genética, a evolução e a ecologia destes insetos pertencentes à ordem Diptera, que são conhecidos popularmente como moscas-da-fruta.

<sup>6</sup> Moleques de Sul é um arquipélago composto por três pequenas ilhas que ficam a aproximadamente 12 km da ponta sul de Florianópolis. São ilhas desertas e chega-se a elas somente de barco. Por pertencerem a uma Unidade de Conservação de Proteção Integral em que o acesso é restrito.

<sup>7</sup> O Parque Estadual da Serra do Tabuleiro, criado em 1975, é a maior Unidade de Conservação do estado de Santa Catarina, possui uma área com cerca de 87.000 hectares, que abrangem os municípios de Palhoça, Santo Amaro da Imperatriz, Águas Mornas, São Bonifácio, São Martinho, Imaruí e Paulo Lopes, além das ilhas costeiras, dentre elas as do arquipélago de Moleques do Sul. A sede do Parque situa-se nas margens da BR-101 no município de Palhoça (ROSÁRIO, 2003).

que estava exercendo o papel de bióloga que gostaria? Será que a minha pesquisa poderia operar alguma mudança na situação das ilhas? Porém, era confortável continuar no laboratório, eu não desgostava e a minha pesquisa estava praticamente concluída, mas ao mesmo tempo eu não conseguia me encontrar. Mas calei-me! Por comodismo, deixei estar. Porém, era como se eu até estivesse fazendo o Curso errado. Eu parecia estar me distanciando cada vez mais da bióloga que eu queria ser. Separava-me cada vez mais da pessoa que pensava em conhecer a vida para melhor ajudá-la. Reacendiam em mim, então, aqueles ares sonhadores de quem queria de alguma maneira “salvar o mundo”.

Naquela mesma época apareceu a oportunidade de dar aulas para o ensino fundamental e médio na rede particular de ensino. Fui novamente impulsionada pela curiosidade, pela aventura do novo e pela esperança de finalmente me encontrar. Em meio ao giz, às provas e à bagunça dos alunos, fiquei apaixonada. Descobri a função de bióloga que queria exercer e que antes me era um tanto avessa: a de educadora.

Assim, fiquei meio perdida. Que trabalho iria realizar para concluir meu Curso? Então uma saudade e uma vontade antiga reapareceram em mim. Durante uma disciplina da faculdade escolhi o Parque perto da minha casa, que eu tanto gostava, para um estudo de ecologia. Porém o que mais me chamou atenção durante a pesquisa não foram os preás<sup>8</sup>, tema do meu estudo, e sim a situação do local. Lixo e descaso por todo lado era o que eu enxergava naquele lugar. O Parque parecia ser visitado apenas por usuários de drogas e pessoas que o buscavam para a realização de outras atividades ilícitas, como prostituição e esconderijo para artefatos roubados. Os moradores da Rua<sup>9</sup> pareciam ter a mesma impressão e, por este motivo, aparentavam revolta com a bagunça e marginalidade proveniente (pelo que eles mesmos comentavam comigo informalmente em conversas pela Rua) dos frequentadores do Parque. Desta maneira, tinham atitudes de desconfiança (como olhares de esguelha, comentários em voz baixa) com praticamente qualquer pessoa que visitasse o Parque. Enfim, o que era para ser, como o próprio decreto de criação do Parque determina<sup>10</sup>, um local onde “as condições peculiares de sua paisagem natural e cultural devem ser aproveitadas para o adequado desenvolvimento de atividades educativas, de lazer e recreação”, havia se tornado um

---

<sup>8</sup> Pequeno roedor com tamanho entre 16 e 29 cm pertencente à família Caviidae.

<sup>9</sup> Rua Belarmino Antônio da Silva que será descrita ao longo do texto.

<sup>10</sup> Ver ANEXO I, Artigo 3º (p.80).

problema para os moradores de entorno, naquele momento em que eu ainda estava, apenas, começando a pensar sobre um trabalho que aliasse o Parque e a educação ambiental. Essa problemática gerou em mim uma grande vontade de mudar a situação, de fazer com que as pessoas mirassem o lugar com outros olhares, que enxergassem a beleza que eu conseguia ver naquele ambiente, talvez por ter aprendido a configurar um olhar de bióloga para o mundo vivo, um olhar que enxergava beleza em pequenas cenas repletas de vida, que via o Parque como um local de refúgio, de descansar os olhos do cinza da cidade.

Contudo, não pretendia que o meu olhar, que é um olhar deslumbrado pelo lugar, que vai além dos saberes acadêmicos sobre os conceitos biológicos, mas que ainda assim é carregado de conceitos técnicos, fosse a única “rota” para a construção de tantas outras visões. Como lembra Guimarães (2006),

(...) os modos como enxergamos e nos relacionamos com a natureza são frutos do momento histórico em que vivemos. Muitas vezes, não percebemos que os nossos atos, as maneiras de narrar acontecimentos, os modos de vermos a nós mesmos e aos outros, tudo isso, são negociações que vamos estabelecendo diariamente com os significados que nos interpelam através da cultura. (p. 7)

Partindo deste pressuposto, não queria com isso gerar uma dicotomia, “olhares do bem e do mal” em relação ao Parque, mas sim olhares diversos, que entrelaçassem os meus olhares e os das pessoas relacionadas a ele (já que são sujeitos que vivem muito próximos ao local) e que, desta maneira, favorecessem tanto os moradores quanto a Unidade de Conservação.

Além disso, na minha busca sobre educação para melhorar as minhas aulas, descobri que muitos textos sobre o assunto são escritos em tom de narrativa onde são contados os modos de fazer da pesquisa e as perguntas que a direcionam vão sendo tecidas e destecidas com os fios diversos colhidos (WUNDER, 2002). Este modo de escrever me interessou muito, principalmente por se distanciar tanto daquilo que eu estava querendo fugir: a linguagem distante, a linearidade e frieza dos números, a certeza dos temas biológicos. Assim, decidi por seguir este caminho, muito diferente do que eu seguia antes.

Com a decisão de iniciar pesquisa na área da educação, percebi que podia realizar o meu desejo de ajudar o Parque perto da minha casa. Inicialmente, meu interesse de pesquisa passou a ser devido ao que eu tinha vivenciado em minhas visitas ao Parque (além das conversas informais pela rua que leva à sua entrada), um levantamento a respeito das visões que os moradores tinham do Parque. Quais imagens eles tinham do local? Qual a importância daquele ambiente na vida daquelas pessoas?

## 2. “Os Tanques”: o começo de uma pesquisa que se transformou em outra.

A partir do delineamento do meu problema inicial de pesquisa fui investigar, antes de tudo, alguns dados sobre o Parque, um pouco do histórico, dos dados físicos e um pouco da relação dos moradores com o local.

Início então este capítulo, comentando sobre o nome pelo qual a área é lembrada na região – Os Tanques. Foi por esta denominação que conheci o Parque Ecológico Municipal de Palhoça. É também por esta designação que a grande maioria das pessoas que moram próximas ao local conhece esta Unidade de Conservação. O “apelido” deve-se ao fato de que a área que deveria ser a atual sede do Parque era, antes de ser apropriada para este fim, uma estação particular de cultivo de camarões, onde os animais eram criados em onze açudes (ou tanques) artificiais. Desta época, restam os açudes, que foram mantidos mesmo depois da compra da propriedade para a criação do Parque e que, nas tardes quentes, servem de alívio para as crianças mais aventureiras que dividem espaços com garças, saracuras e quero-queros.

Restam também histórias dos moradores que conheceram a região antes do estabelecimento do Parque, como conta um trecho da entrevista a seguir, que realizei nas minhas investigações iniciais<sup>11</sup> para este trabalho:

**S:** As crianças brincavam na rua até dez onze horas da noite antes quando era particular (a área da sede do Parque). Depois que a prefeitura comprou acabou o sossego assim.

**Juliana:** Mas era particular como? O que tinha ali?

**S:** Tinha um caseiro. Era de um senhor, tinha açude, tinha criação de peixe, de camarão, daí tinha um moço que cuidava. Era fechado, não entrava ninguém né, tinha um cachorro tudo. E depois a prefeitura comprou e daí bota “Parque Ecológico”, mas não tem ecológico lá, não tem nada, porque infelizmente a gente não pode freqüentar, não pode ir né.<sup>12</sup> (Trecho do Caderno de Campo<sup>13</sup>. Diário do dia 14.10.2007, entrevista 2, p. 85-86).

---

<sup>11</sup> No próximo capítulo deste trabalho discutirei juntamente com as metodologias um pouco das quatro entrevistas preliminares que realizei com alguns moradores que vivem no entorno do Parque.

<sup>12</sup> Ao longo deste trabalho aparecerão partes das narrativas dos moradores de entorno que documentei a partir das minhas entrevistas preliminares. Nestes momentos, as falas destas entrevistas aparecerão em fonte diferente para destacá-las do restante do texto. Além disto,

O trecho acima, além de contar um pouco da história da região, também nos dá a impressão de que o estabelecimento do Parque naquela área não parece ter agradado os moradores. Assim, o Parque Ecológico Municipal de Palhoça, igualmente a tantas outras Unidades de Conservação, já começou um tanto problemático – e continua assim. Em 13 de maio de 1996 foi promulgado o Decreto nº 428/96 que instaurava o Parque. A criação dessa Unidade de Conservação se deu devido aos esforços para desacelerar a pressão antrópica sobre o manguezal, representada principalmente pelo aterramento dos alagados para a construção de casas. A pressão é muito grande, principalmente devido ao fato que este ecossistema, no município de Palhoça, está comprimido entre a BR-101 e o centro urbano.

Segundo Silva (2005), não houve estratégias consistentes para a demarcação do território do Parque, porém, na tentativa de frear o acelerado processo de invasão dos manguezais, a comissão que tentava instaurar a Unidade de Conservação, composta pela Secretaria de Meio Ambiente e Habitação do município, em conjunto com a Fundação de Meio Ambiente de Santa Catarina (FATMA), Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), e a Promotoria da Coletividade, decidiu iniciar a demarcação. Não havia critérios técnicos e também não foram realizados estudos prévios para a implantação do Parque, assim a definição do perímetro do local obedeceu aos limites de ocorrência de vegetação de manguezal.

Apesar da delimitação do Parque Municipal estabelecer os seus limites fora de propriedades particulares, para evitar a retirada de moradores do local, a medida não teve sucesso. De acordo com o que uma funcionária da prefeitura me relatou durante uma visita minha ao setor de meio ambiente da Prefeitura Municipal de Palhoça, pois os moradores do entorno não respeitaram as marcações:

Nele<sup>14</sup> notei coisas interessantes, como por exemplo, o fato do Parque ter sido inicialmente demarcado com mourões<sup>15</sup>. Ao

---

sempre que o texto destacado for parte do Caderno de Campo (ANEXO III) este virá com espaçamento simples para diferenciar-se das demais citações.

<sup>13</sup> Caderno de Campo – ANEXO III

<sup>14</sup> No documento que contém o Decreto de Criação do Parque, correspondente ao ANEXO I.

comentar isso com a moça, ela me disse que vários destes mourões foram mudados de lugar, usados para fixar cordas de varais, ou que até mesmo nem existem mais. Tudo isso obra dos moradores de entorno que queriam ampliar seus terrenos e avançavam sobre o Parque. (Trecho do Caderno de campo. Diário do dia 12.09.2007, p. 83).

Ainda sobre esse assunto podemos destacar o que Silva (2005) relata em relação à demarcação do Parque:

Mesmo nas áreas já demarcadas, o processo de ocupação continuou sem controle por parte dos órgãos responsáveis. Foram pouquíssimos os casos onde houve desocupação de lotes irregulares. Pelo contrário, muitos outros foram aterrados e ocupados, vendidos e trocados. Após mais de oito anos de criação do Parque, a situação do manguezal não mudou. A própria colocação de mourões para delimitação do parque ainda não foi concluída. Os funcionários que realizam este trabalho encontram grande dificuldade em relação às novas ocupações. Mais do que isso, praticamente todos os dias mourões são mudados de posição e avançados mangue adentro. (p. 43-44)

Além da demarcação com os mourões não ter sido concluída até hoje, mais de doze anos após a criação do Parque, também não houve um zoneamento do local, que como o Decreto de criação do Parque Municipal de Palhoça (ANEXO I) determina, deveria ser feito até três meses após a colocação dos mourões.

Desta maneira, sabe-se apenas que o Parque Ecológico Municipal de Palhoça abrange a área de manguezal<sup>16</sup> entre o Patural<sup>17</sup> até a praia Ponta do Tomé<sup>18</sup> e, tem como principal característica a vegetação de manguezal, um ecossistema extremamente importante para a vida aquática, porém muito ameaçado pela ocupação desordenada das regiões litorâneas. Ainda sobre as características do Parque Municipal, Silva (2005)

---

<sup>15</sup> Estacas de madeira que servem para fazer cercas.

<sup>16</sup> Ver ANEXO VIII, onde se encontram os mapas.

<sup>17</sup> Região do Bairro Ponte do Imaruí.

<sup>18</sup> Situada no bairro Barra do Aririú.

ressalta que, apesar de haver controvérsias, alguns autores consideram o manguezal de Palhoça como a área mais austral de vegetação típica desse ecossistema no hemisfério Sul, sendo que as “manchas” de manguezal que aparecem ao sul do município de Palhoça seriam “apenas” terrenos alagadiços à beira mar.

Assim, apesar de ter características importantes e grande potencial para ser utilizado para diversas atividades de cunho ambiental, além de sua função principal – a preservação do manguezal - o Parque segue praticamente esquecido por parte da Prefeitura, órgão responsável pela manutenção e fiscalização do local. Como consequência deste descaso, há inúmeras relações conflituosas entre moradores e Unidade de Conservação. Pode-se citar, como principal exemplo destes conflitos, a região onde deveria haver a sede do Parque, situada no fim da Rua Belarmino Antônio da Silva, no Centro do município de Palhoça. A relação entre os moradores desta Rua com o local é especialmente alarmante, já que é provavelmente a região onde o Parque mais influencia (das mais diferentes maneiras) a vida das pessoas que vivem em suas proximidades.

Algumas pessoas vêem o manguezal como um ambiente “ruim”, inóspito, que exala mau cheiro e é habitat de animais “maléficos”, como muitas vezes ouvi durante minhas andanças pelo Parque e até mesmo de meus vizinhos<sup>19</sup>. Pode-se exemplificar bem esta repulsa pelo ambiente de manguezal com um trecho de uma entrevista extraída do trabalho de Silva (2005):

Olha... Esse negócio de mangue sou bem sincero: não serve para nada. Por mim isto tudo seria derrubado e transformado em casas populares para os pobres que não tem onde morar. Tem esses bichinhos (caranguejos), mas ninguém come isso. A madeira não serve para nada. A única coisa boa são os pássaros que cantam. (Morador de entorno do Parque Ecológico Municipal de Palhoça, p.107).

Além do ambiente predominante no Parque ser de manguezal, que é considerado por muitas pessoas sinônimo de ambiente “ruim”, a Unidade de Conservação também é

---

<sup>19</sup> Ao fim da rua onde moro (Rua Rodolfo Scheidt) há um trecho de manguezal, pertencente ao Parque Ecológico Municipal de Palhoça.

mal vista pela falta de fiscalização e de manutenção, o que tem como conseqüências, segundo afirmações dos moradores do Parque, o livre acesso de pessoas que procuram um lugar deserto para a realização de atividades ilícitas, como uso de drogas e prostituição, como relata o trecho a seguir de uma das entrevistas preliminares que realizei para este trabalho:

(...) no verão a gente se incomoda um monte. O pessoal vai pra lá pra trás para se drogar. Eles matam aula e vão lá pra trás. Já falamos com a polícia pra fazer ronda. Só que até agora não tomaram providência. Botaram um portão pra fechar, mas não resolve, não adianta, mas não foi tomada providência nenhuma. O pessoal daqui todo mundo reclama, tu pode falar com quem tu quiseres que ninguém... Até hoje a gente foi lá passear lá pra trás, mas está assim bem abandonado e a gente nem vai porque tem medo né, porque os drogados vão para lá e tu só encontra seringa, camisinha, só essas coisas assim. Então é bem complicado. (Trecho do Caderno de Campo. Diário do dia 14.10.2007, entrevista 2, p.83-84).

Este fato causa enorme desconforto entre os moradores da Rua. Eles reclamam de falta segurança. Por este, e por outros motivos que serão discutidos ao longo deste trabalho, se revoltam contra o Parque, como se a presença da vegetação de manguezal, além do cheiro característico, exalasse também algo de “marginal e criminoso”.

Eu não gosto (do Parque) porque passa muita gente assim... Pro morador assim não é muito bom, passa muito, muito maconheiro que vai lá só pra fumar maconha, essas coisa toda assim... Aí trás gente boa e trás gente ruim pra rua, essas coisas, aí o roubo aumenta aqui. (Trecho do Caderno de Campo. Diário do dia 14.10.2007, entrevista 3, p.86).

Com tal revolta, foram variadas as atitudes dos moradores para fecharem o Parque. Há tempos atrás, eu mesma presenciei a colocação de uma barreira construída pelos moradores para impedir o acesso de qualquer pessoa ao Parque. Não foi eficiente, até eu passava pelo lado da barreira e logo ela foi derrubada pelos visitantes. Este fato pode ser mais bem descrito com o trecho do meu caderno de campo a seguir:

Comentou que os assaltos no local que vêm aumentando ultimamente e, enquanto discorria sobre o assunto, parecia sempre remeter a violência à presença do Parque. Comentou também de um fato que havia acontecido há algum tempo atrás, a mais ou

menos três anos, do qual eu lembro, quando os moradores fecharam a entrada do Parque por conta própria, para impedir o acesso de qualquer pessoa ao Parque e que eles pretendiam fazer isso novamente – havia rumores. (Trecho do Caderno de Campo. Diário do dia 26.09.2007, p.84) .

Com a cerca arrancada e assim com o acesso livre ao Parque, o problema continuou. Os moradores recorreram à prefeitura e foram atendidos, ou, pelo menos, eles foram ouvidos, como diz a ata da câmara de vereadores que segue abaixo:

A ata da Sessão anterior foi aprovada com restrição do Vereador Manoel Scheimann da Silva<sup>20</sup>, solicitando que constasse em Ata o seu pronunciamento sobre o Parque Municipal como segue em agosto último, quando foi chamado pelos moradores da Rua Belarmino João da Silva, onde os mesmos solicitavam o fechamento da sede do Parque Ecológico Municipal devido à grande entrada e saída de maus elementos, colocando em risco a segurança dos moradores, solicitação que prontamente foi atendido pela Fundação Municipal do Meio Ambiente. (...) <sup>21</sup>

Diante de tantos problemas só consegui, desde os meus primeiros contatos mais intensos com o Parque, visualizar um caminho para uma mudança nos modos de ver o local destes moradores: a educação ambiental, como mediadora na construção de novas sensibilidades e posturas em relação ao Parque. Silva (2005), que trabalhou com as percepções de meio ambiente dos moradores vizinhos ao manguezal de Palhoça, sugere que se forem implementados trabalhos de reeducação ambiental e sanitária pode haver diminuição dos problemas dos moradores que vivem em torno do manguezal. Assim, as soluções para os problemas de origem antrópica seriam mais bem aceitas pelos moradores se fossem identificadas com orientação e não como repreensão. Acima de tudo, se elas forem discutidas nas comunidades.

---

<sup>20</sup> Este vereador é citado em algumas das falas dos moradores que o chamam de Manoel do cartório.

<sup>21</sup> Trecho disponível no site da Câmara Municipal de Palhoça (acesso em 06 de Novembro de 2007): <<http://www.cmp.sc.gov.br/site/?page=ata&id=94>>

A partir destas idéias, como eu poderia realizar atividades de educação ambiental com um “público” tão convencido dos “defeitos” do Parque? Ou seja, com pessoas que têm motivações muito arraigadas para não gostar do lugar, pois ele, na suas concepções, ameaça a segurança das suas famílias! Que direção o meu trabalho deveria tomar? Naquele momento ainda inaugural deste Trabalho de Conclusão de Curso e a partir destas novas questões que paulatinamente foram incorporadas às minhas reflexões, comecei a perceber que o problema central que eu havia inicialmente delineado para a minha pesquisa (compreender os modos pelos quais os moradores da Rua Belarmino Antônio da Silva enxergavam o Parque) já estava parcialmente respondido a partir das minhas primeiras investigações, quando busquei informações na Prefeitura, na bibliografia e nas primeiras coletas de depoimentos com os moradores da Rua.

Como já argumentei, parecia que os moradores viam o Parque, apenas, como uma ameaça à sua segurança, consideravam que o local servia apenas para atrair malfeitores e que o abandono do local fazia com que o Parque simbolizasse algo pouco além de um empecilho na vida deles, visto que o medo afastava as famílias que gostariam de visitar o Parque. Desta maneira, percebi que deveria modificar meu foco investigativo, não tanto pelo fato de que parecia que eu já tinha as respostas para aquela pergunta inaugural do meu trabalho, mas principalmente porque passou a ser fundamental à minha pesquisa criar possibilidades pedagógicas que pudessem levar os moradores da Rua a enxergarem o Parque de outros modos. Meu desejo passou então a ser a criação de estratégias pedagógicas que pudessem fazer com que esses sujeitos da Rua Belarmino Antônio da Silva pudessem olhar o Parque de outros modos. Assim, lendo o trabalho de dissertação de mestrado de Wunder (2002), passei a considerar a fotografia um meio de propiciar aos sujeitos lançarem outros olhares para o Parque.

Com isso meu objetivo principal de pesquisa configurou-se do seguinte modo:

*Que visões os moradores que narram o Parque negativamente poderiam construir se fossem levados a conhecê-lo de outros modos, que não aquele ao qual já estavam acostumados?*

Assim, passei a refletir sobre os modos pelos quais iria construir minha pesquisa. De que modo iria propiciar aos moradores da Rua novas visões do Parque? Necessitava fazer mais algumas entrevistas antes? Quem eu selecionaria? Como os faria ir ao

Parque? No próximo capítulo e ao longo deste trabalho tento discutir um pouco tais questões metodológicas da pesquisa.

### **3. Redirecionando visões: pensando os caminhos da pesquisa.**

Vieram para nos desviar, os Anchieta escolásticos, de sotaina e latinórios, os livros indigestos e clássicos... Que fizemos nós? Que devíamos ter feito? Comê-los todos. Enquanto esses missionários falavam, pregando-nos uma crença civilizada, de humanidade cansada e triste, nós devíamos tê-los comido e continuar alegres. Devíamos assimilá-las, elaborá-las em nosso subconsciente, e produzirmos coisa nova, coisa nossa.

Remeti-me a este trecho de Oswald de Andrade, citado no texto de Valdo Barcelos (2005), para ilustrar o que busco metodologicamente com este trabalho. Como já disse antes, não pretendo criar com este estudo visões do “bem e do mal”, tendo em uma ponta o meu olhar “bom” de proteção à natureza, e na outra a visão “má” dos moradores que não gostam do Parque. Não pretendi também ter uma “intenção de Anchieta”, que buscará “catequizar” os moradores com saberes científicos sobre os seres vivos. Proponho-me então buscar alternativas pedagógicas que tenham uma inspiração naquilo que Valdo Barcelos nomeia como sendo uma educação ambiental antropofágica, que implicaria em

(...) trazer para a discussão as questões sociais, políticas, econômicas e culturais planetárias (e locais) e estar aceitando o desafio antropofágico de relacionar-se com o outro desde que esse outro não tenha a dominação e o aniquilamento cultural como premissa. Nessa relação antropofágica cultural o mais importante não é a assunção de costumes, crenças e verdades, mas, sim, sua devoração, sua transformação a partir do encontro e/ou confronto. A filosofia antropofágica cultural tem como premissa a instabilidade das verdades, a metamorfose dos conceitos, reage com desdém às tentativas de enquadramento e de conceituação tão ao gosto das elites conservadores de plantão nas academias e instituições oficiais. (BARCELOS, 2005)

Ou seja, que ambas as partes pratiquem essa antropofagia cultural, que tanto eu “digira” as informações dos moradores, quanto eles façam o mesmo, jogando fora o que não nos ajuda e absorvendo o que nos serve. Passei a acreditar, após estudar os textos do autor, que não devemos reproduzir o que ouvimos apenas por nos dizerem que é o certo, “não devemos falar a língua dos outros, nem utilizar o olhar dos outros, porque, nesse caso, existiríamos através do outro e é preciso tentar existir por si mesmo” (fala do fotógrafo Eugen Bavcar, “personagem” do documentário *Janela da alma*<sup>22</sup>).

Além disso, para auxiliar na direção deste trabalho, tomo também as palavras de Carvalho (2004) que se refere à educação ambiental como uma mediadora para a construção social de uma prática político-pedagógica que amplie a cidadania das pessoas pela esfera ambiental, ou seja, que amplie no caso do meu Trabalho de Conclusão de Curso, a visão dos moradores da Rua Belarmino, quanto às questões relacionadas ao Parque.

Sendo assim, para iniciar minha pesquisa e continuá-la, optei por fazer algumas entrevistas. Inicialmente estas buscaram saber como os moradores da Rua enxergavam o Parque, qual a relação deles com o local. Utilizei, para o recolhimento destes depoimentos, entrevistas realizadas através de diálogos informais e semi-abertos, utilizando um micro gravador<sup>23</sup> para o registro, que posteriormente era transcrito para o Caderno de Campo. Digo que estes diálogos eram semi-abertos, pois a única pergunta pré-determinada que fiz aos entrevistados era a seguinte: “*O que você acha do Parque?*” Realizava esta pergunta após explicar ao entrevistado minhas intenções, buscando sempre um diálogo “horizontal” que mostrasse ao/a meu/minha entrevistado/a que o saber dele/dela era muito importante para mim. Optei por esta informalidade, esta falta de rigidez no diálogo, pois como considera Silva (2003), a não rigidez estrutural durante o processo do diálogo evita uma perda de riqueza na coleta de dados, pois a informalidade pode conferir uma grande quantidade de imprevisibilidades e variáveis. Assim, após a conversa inicial, deixava o diálogo se desenrolar, ia puxando pontas

---

<sup>22</sup> **JANELA da alma.** Direção e produção de João Jardim e Walter Carvalho. Brasil: Europa Filmes, 2003. 1 DVD (73 minutos), son.,col., legendado/dublado.

<sup>23</sup> A gravação das entrevistas e utilização neste trabalho de todo o material recolhido durante minha pesquisa foram consentidas pelos moradores da Rua Belarmino, confirmado pela assinatura de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido presente no ANEXO II deste trabalho.

soltas, que me levavam saber além da pergunta inicial, como nos diálogos em que partes da história do Parque foram narradas.

Considerando ainda estas entrevistas, além de transcrevê-las para o caderno de campo, tentei também narrar<sup>24</sup> um pouco da “atmosfera da conversa”, buscando eliminar alguns dos filtros que o “passar para o papel” as entrevistas implicam, eliminando, assim, características importantes do diálogo. Desta maneira, considero as entrevistas algo mais complexo que o cruzamento das minhas falas e a dos meus entrevistados. Como lembra Silveira (2007), devemos buscar olhar além desta relação, atentar para as imagens, representações, expectativas que circulam – de parte a parte – no momento e situação da realização destas entrevistas e, posteriormente, ponderá-las na análise das mesmas. Considero, portanto, que enquanto a entrevista se desenrola, os dois atores desta cena estarão buscando a construção de identidades naquele ato, que estas histórias narradas têm um destinatário e que

(...) quando narrativamente fabricamos nossa identidade não é de qualquer maneira que podemos fazê-lo; não se trata, portanto, de uma operação individual, autônoma, senão mediada pelas relações culturais das quais participamos e que estabelecem determinados repertórios discursivos. (SAMPAIO, 2005, p.15)

Considerando então estes pressupostos, planejei continuar realizando estas entrevistas com os moradores de entorno, tentando atingir as outras residências da Rua Belarmino Antônio da Silva. Estas entrevistas teriam como intenção, buscar mais visões sobre o Parque além daquelas que já observara inicialmente.

Porém, apesar de querer, com a realização de mais entrevistas, aumentar a minha “arena de significados”<sup>25</sup> sobre o Parque Municipal, revisando algumas das falas dos moradores que diziam que não iam ao local por terem medo dos marginais, percebi que em torno dessas narrativas já estavam tecidos modos de ver carregados de significados, que em sua maioria apontavam para visões cheias de aversão em relação ao Parque. Assim, retomo a pergunta que fiz no fim do capítulo anterior: “*Que visões os moradores que narram o Parque negativamente poderiam construir se fossem levados a conhecê-*

---

<sup>24</sup> Estas narrativas se encontram tanto no início de cada entrevista, como as permeando.

<sup>25</sup> Tomo este termo do título do texto de Silveira (2007).

*lo de outros modos, que não aquele ao qual já estavam acostumados?”* Ou seja, será que se eles conhecessem o Parque de outras maneiras, eles também continuariam tendo a mesma visão negativa?

Para ilustrar esta perspectiva, tomo as palavras de Carvalho (2004) que diz que

(...) as nossas idéias ou conceitos organizam o mundo, tornando-o inteligível e familiar. São como **lentes** que nos fazem ver isso e não aquilo e nos guiam em meio à enorme complexidade e imprevisibilidade da vida. Acontece que, quando usamos óculos por muito tempo, a lente acaba fazendo parte de nossa visão a ponto de esquecermos que ela continua lá, entre nós e o que vemos, entre os olhos e a paisagem. (p.64)

Grifo nesta citação a palavra *lentes*, pois considero, depois de refletir sobre suas falas, que os moradores deixaram, como nos descreve o trecho acima, que elas passassem a fazer parte de seus olhos, devido a tantos problemas repetidos. Mas, como fazer com que os moradores vissem além de todos aqueles problemas, além da visão negativa em relação ao Parque, além daquelas *lentes*, que faziam parte de seu cotidiano?

Pensando nisso, cogito: se a intenção é então transformar a imagem que os moradores têm do Parque, o que fazer? Imagens. Pois, como afirma Ribas (2003),

(...) ver é recriar sensações a partir de vivências possíveis, estimular em si uma individualidade aberta à identificação alheia. Escrever muito e rasurar tudo. Escrever sempre de novo. Jogar tudo fora e saber fazer um convite. Saber contrariar. Seduzir. Ludibriar. Saber, saber e não saber... me achar e me perder. (p.69)

A partir desta percepção, de que as imagens talvez fossem uma maneira de realizar um deslocamento nos olhares destes moradores, ampliando sua percepção e abrindo espaço para novas visões, porque não inserir na frente destes olhares lentes? Mas não aquelas lentes tão empoeiradas pelo tempo e pelas situações repetitivas que os levavam a ter uma “miopia” em relação ao Parque e sim lentes transparentes, que não ocultassem outros significados, mas que auxiliassem em “teceduras de relatos e reflexões sob o crivo do testemunho vivo, todos alinhavados pela função de enxergar”

(RIBAS, 2003, p.70), e que gravassem estas imagens, para que pudessem ser novamente narradas e assim, que novos discursos sobre o Parque pudessem ser contados. Falo de lentes físicas, mecânicas, que podem ajudar a traduzir nossas visões: as lentes de uma câmera fotográfica.

Em relação a esta construção de imagens, esta tradução de visões, Oliveira *et al.* (2007) dizem que o ser humano entende o mundo a seu redor de uma forma simbólica, “apenas guiado por símbolos culturalmente definidos em sociedade é que o homem pode ter a direção para agir e viver, se reconhecendo como sujeito inserido no mundo.” Desta maneira, os autores consideram que práticas não-verbais de educação ambiental, como a utilização de fotografia para a abertura de espaços para novas visões é de grande relevância. Ainda sobre isso, Filho & Tonso (2006) consideram que aliada à educação ambiental a fotografia pode auxiliar a demonstração da visão existente sobre meio ambiente e, juntamente com diferentes análises, construir bases para o desenvolvimento de diversas atividades.

Assim eu poderia utilizar a técnica da fotografia como uma pedagogia para a criação de novas narrativas e olhares sobre o Parque, novos olhares. Por consequência poderia mudar a pergunta desta pesquisa para:

*Que imagens os moradores da Rua que narram o Parque negativamente poderiam construir se fossem levados a percorrer e fotografar aquele espaço?*

A partir desta pergunta, que metodologias usar para respondê-la? Como dito acima, a fotografia como algo simbólico é capaz de traduzir relações culturais e até mesmo construí-las, ao mostrar sentimentos e expressões que dispensam palavras. Assim, para buscar resposta a esta pergunta que direcionou esta pesquisa, uma das etapas desta investigação consistiu em levar os moradores da Rua em grupos<sup>26</sup> até a sede do Parque para o conhecerem e registrarem suas visões por meio de fotografias.

Para a realização desta atividade, tentei transpor algumas das pedagogias operadas no filme “*Nascidos em bordéis*”,<sup>27</sup> que trata da situação dos bordéis na Índia e mostra como as crianças que viviam nestes lugares ao fotografarem momentos do seu

---

<sup>26</sup> Mais a frente discuto como estes grupos serão escolhidos.

<sup>27</sup> **NASCIDOS em Bordéis**. Direção e produção de Zana Briski e Ross Kauffman. Índia/EUA: Focus Filmes, 2004. 1 DVD (85 minutos), son., col., legendado/dublado.

cotidiano não viam apenas as coisas que podemos considerar ruins naquele ambiente, mas sim muitos fatos interessantes e bonitos.

Assim, inspirada em alguns dos passos que a pesquisadora do filme construiu, levei os moradores ao Parque e, com a máquina fotográfica em punho, eles tiveram a seguinte tarefa:

*“Em pelo menos duas fotografias, registre a imagem que você tem do Parque.”*

Assim, a partir destas imagens construídas pelos moradores da Rua, surgiram outras questões que, juntamente com a pergunta anterior, constituíram, por fim, o eixo principal deste trabalho:

*“Que imagens os moradores que narram o Parque negativamente poderiam construir se fossem levados a percorrer e fotografar aquele espaço?”*

*“Como esses mesmos sujeitos narram suas fotografias?”*

*“Tais narrativas e imagens são diferentes das que eles traçaram nas entrevistas que coligi antes da atividade?”*

Dessa maneira, meu trabalho estaria organizado de modo semelhante ao realizado no filme citado. As outras etapas da minha pesquisa consistiriam, além da realização de novas entrevistas, em organizar grupos para passeios até o Parque onde cada morador da Rua deveria fotografar o local. Após esta etapa caberia a cada um uma tarefa final: escolher duas fotografias e narrá-las, contar histórias escritas sobre elas, pois

(...) o relato, privilegia por suas histórias de interações, uma lógica da ambigüidade. ‘Muda’ a fronteira em ponto de passagem, e o rio em ponte. Narra, com efeito, inversões e deslocamentos: a porta para fechar é justamente aquilo que se abre, o rio aquilo que dá passagem, a árvore serve de marco para os passos de uma avançada, a paliçada, um conjunto de interstícios por onde escoam os olhares. (CERTEAU,1994 *apud* WUNDER, 2002).

Assim, esta parte final da minha pesquisa teria como objetivo ter uma fonte documental para minhas análises sobre as visões dos moradores da Rua em relação ao Parque. Além disso, naquele momento estava muito curiosa para ver as capturas imagéticas que os sujeitos iriam construir. Como seriam esses “novos” olhares agora lançados pelas lentes de uma câmara fotográfica? Que histórias eles escreveriam sobre as imagens que produziram?

## **4. Personagens, imagens e narrativas nos passeios pelo Parque: peças nos jogos da história**

### **4.1- Dos encontros e desencontros**

A partir das questões que norteariam minha pesquisa decidi voltar à Rua Belarmino Antônio da Silva e realizar novas entrevistas com outros moradores, procurando, como dito no capítulo anterior, ampliar o leque de falas que eu vinha recolhendo.

Inicialmente voltei às casas daquelas pessoas que na fase inicial da pesquisa deram-me entrevista e se dispuseram a colaborar com o estudo. Algumas dessas pessoas se desculparam e disseram-me que lhes faltava tempo disponível para continuar contribuindo para a minha pesquisa. Porém, três dessas pessoas (**C**<sup>28</sup>, **M** e **L**)<sup>29</sup> se mostraram dispostas e até mesmo contentes em continuar participando.

Dessa maneira, conversei com elas sobre as novas etapas da pesquisa (que consistiriam na confecção das fotografias que representassem a imagem que elas têm do Parque e da narrativa sobre estas representações) e combinamos um dia para nos encontrarmos no Parque para realizar a segunda parte do trabalho – a produção das imagens. Após esse novo contato com aqueles que eu já havia entrevistado, procurei outros moradores para conversar.

Iniciei esta busca por outras pessoas que pudessem participar de meu trabalho Tateando as casas vizinhas à das pessoas com que havia conversado. Decidi buscar esta vizinhança por dois motivos: primeiramente porque meus entrevistados anteriores indicaram-me estas residências onde os habitantes já possuíam certo histórico de relações com o Parque, por serem residentes antigos da região, do tempo em que o local da sede ainda era propriedade particular (o que poderia me oferecer um histórico melhor sobre a localidade) e porque estas pessoas já haviam se mobilizado para tomar

---

<sup>28</sup> As letras que designarão os moradores estarão sempre em negrito para que não se confundam com outras letras do texto e para facilitar a leitura.

<sup>29</sup> Os moradores citados aqui neste texto serão caracterizados ao longo deste trabalho e no Caderno de Campo.

“atitudes”<sup>30</sup> em relação à Unidade de Conservação. Outro motivo é que estas pessoas que busquei tinham suas residências adjacentes à entrada do Parque (em um perímetro de cerca de cem metros aproximadamente) e, provavelmente, por sua proximidade com o Parque, teriam uma relação mais intensa com o local do que os sujeitos que morassem mais distantes do mesmo.



**Figura 1:** Entrada do Parque Ecológico Municipal de Palhoça.

Nessas tentativas, encontrei muitas dificuldades de conversar com os moradores da Rua. O primeiro obstáculo que tive é que o tempo livre do qual dispunha para essas minhas saídas eram os fins de semana, especialmente os domingos, e por tal motivo muitas casas estavam fechadas, provavelmente porque os moradores estariam aproveitando a folga para fazer seus passeios. Dessa maneira, repetidas vezes tentei contato com os moradores de algumas residências e o que encontrei foram portas e janelas fechadas. Outro ponto que dificultou ainda mais a coleta de informações e que me deixou realmente desanimada é que muitas vezes, apesar da casa parecer cheia de habitantes, ninguém vinha me atender, ou quando atendia, não o fazia de boa vontade.

---

<sup>30</sup> Como a construção de uma barreira na entrada do Parque que comento no segundo capítulo deste trabalho (página 20).

Assim, muitas pessoas que abordei, atenderam-me bem, até se dispuseram a falar sobre o Parque, mas pouquíssimas quiseram continuar inseridas no meu trabalho, uma vez que a investigação, da forma como foi elaborada, dependeria de disposição e desprendimento de tempo por parte dos entrevistados. Desta maneira, a grande maioria apenas trocou algumas palavras, alegou falta de tempo para ajudar-me com minha pesquisa e assim se desculpou. Muitas outras, como eu disse anteriormente, não se mostraram dispostas e apresentaram bastante desinteresse em relação ao que eu estava fazendo, como mostra o trecho a seguir do meu caderno de campo:

(...) em duas casas as pessoas que me atenderam mal quiseram me ouvir. Essas duas casas eram muito bonitas, grandes e com fachadas bem decoradas, situadas próximas a entrada da rua. Em uma dessas, que se erguia em dois pavimentos atrás de um pequeno jardim onde tudo parecia minuciosamente em seu devido lugar, percebi movimentos dentro da casa e chamei, repetidas vezes. Depois de algum tempo (provavelmente quando perceberam que eu não iria desistir) finalmente me atenderam, com aquela cara de que “aqui não tem pão velho”. Estas “caras” são uma das coisas que me desanimam muito nas minhas andanças. Algumas pessoas não atendem ao chamado ou atendem de muita má vontade. Imagino que ao ouvir as palmas e os chamados pensem que é alguém pedindo esmola, um vendedor chato ou religioso querendo passar a sua fé. Aí eu até entendo e faço uma “anotação mental” para nunca fazer uma cara de “aqui não tem pão velho” para quem quer que seja. Assim, depois desses segundos de reflexão, tentei conversar com a senhora que me atendeu. Após eu ter explicado minhas intenções ela me perguntou:

- Você quer fazer isso para reabrir o Parque?

Juliana: Sim, pode ser que meu trabalho ajude o Parque a ser reaberto.

- A então eu não quero ajudar não. Não quero que aquela coisa seja aberta porque vai ter muito movimento aqui.

(Trecho do Caderno de Campo. Diário dia 30.03.2008, p.87-88).

Com todas essas “barreiras” foram poucas as pessoas que consegui que participassem do meu trabalho, pessoas que dispusessem tempo e paciência para levar cada momento da pesquisa até o fim. Assim, acho importante destacar que não mapeei as visões de todos os moradores da Rua Belarmino Antônio da Silva, e nem esta era uma intenção da pesquisa. Busquei desde o princípio coletar algumas narrativas sobre o Parque, que pudessem remontar acontecimentos, para que eu as esmiuçasse e visse se nas “entrelinhas” dessas falas poderia haver algo além do aparentemente homogêneo

“não gostar do Parque”. Queria “decompor” estas visões, ver em que direções elas apontavam, para que juntamente com diferentes análises pudesse traçar alguns aspectos dessas pessoas que estão diretamente envolvidas com o local, esperando que em um futuro próximo, quando o Parque viesse a ser utilizado para seus devidos fins, essas diferentes visões e desejos em relação ao local fossem ao menos considerados.

É relevante assinalar aqui que acredito que existam outras maneiras de coletar tramas de discursos além de estatísticas e números. Logo, esse trabalho não pretende ser um instrumento de “mapeamento cartográfico” de visões que possa ser usado como uma estatística geral, pois creio que os discursos que coletei como memórias individuais são

(...) na verdade, uma multiplicidade de correntes de pensamento coletivo. Por isso, a “memória coletiva” não é apenas um somatório das “memórias individuais”, mas, ao contrário, é um campo discursivo e de força em que estas memórias individuais se configuram (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007, p.204).

Busco com este trabalho mostrar algumas das narrativas e visões inseridas em um contexto maior, pois estas falas, mesmo sendo de sujeitos específicos, mesmo que estes produzam imagens e

(...) textos particulares, eles estão operando dentro de um sistema de representações culturais histórica e socialmente situado. Com isso, quero sublinhar que, embora utilize para fins de análise falas, depoimentos, textos produzidos em situações específicas por pessoas específicas, estou considerando-os representantes ou variações de discursos que já existem e que estão circulando em diversas instâncias culturais, interpelando-os continuamente (SAMPAIO, 2005, p.23).

Assim, acredito que apesar de não haver um grande número de entrevistados, creio que o material recolhido, entre arquivos de áudio das entrevistas e as imagens e narrativas produzidas pelos moradores que participaram desta pesquisa, seja razoavelmente suficiente para tentar responder a pelo menos alguma das perguntas que propus. Porém, não pretendo com este trabalho e com as análises que serão realizadas

aqui, que eu consiga esgotar todas as perguntas que possam aparecer a partir dos materiais que coletei, pois acredito que as questões que surgirem a partir da tecedura desta pesquisa possam ter várias respostas, ou ainda, vários questionamentos.

#### **4.2 - Dos encontros**

Depois de ter feito novas entrevistas e de ter contatado novamente as pessoas que havia entrevistado inicialmente para a confecção do meu projeto, consegui definir um pequeno grupo de pessoas que iriam continuar caminhando junto comigo na construção deste trabalho. Assim, apesar dos muitos desencontros que tive pelos mais diferentes motivos, se enredaram definitivamente na teia deste trabalho sete moradores da Rua Belarmino Antônio da Silva. Três desses já tinham participado das entrevistas preliminares (**C**, **M** e **L**), três outros aderiram ao grupo a partir da nova coleta de entrevistas (**W**, **R** e **J**) e um último (**N**) entrou no trabalho posteriormente, quando encontrou o grupo enquanto estávamos em nossa primeira saída<sup>31</sup>. Essas pessoas passaram então a ser sete personagens dessa história que conto neste trabalho, história que se mistura com a vida desses sujeitos e que se relaciona com a de um local que de alguma maneira é “especial” para nós, seja por experiências especialmente alegres, ou especialmente tristes.

#### **4.3 - Da caracterização dos moradores**

As primeiras pessoas que reencontrei quando voltei à Rua Belarmino pra contatar os antigos entrevistados foram **C** e **M**, um casal bastante simpático. Desde a nossa conversa anterior já havia constatado que são muito receptivos, falam de maneira tranqüila e são muito carinhosos entre si. Assim, já em nosso primeiro encontro criei uma grande simpatia pelo casal, acho que particularmente estimulada pelo modo com que eles tratavam seus dois filhos: com uma atenção e paciência incríveis. A família

---

<sup>31</sup> **N** é irmão de **J** e ficou sabendo da pesquisa por seu intermédio. Curioso, apareceu no fim da primeira saída que realizamos no dia 12.04.2008, com sua máquina fotográfica em punho, pronto para participar do trabalho. Desta maneira passou também a fazer parte do grupo de moradores que participaram da investigação.

mora bem próxima à entrada do Parque em uma casa simples, mas, aparentemente confortável, com um grande quintal ao lado. **C** mora ali desde que nasceu (há trinta e um anos) e sua esposa **M** passou a morar ali depois que se casou, há aproximadamente 10 anos. Ela trabalha no comércio e ele em uma empresa que monitora alarmes residenciais.

Após ter conversado com **M** e **C**, fui à casa praticamente em frente, onde havia conhecido, na ocasião das primeiras entrevistas, **L** e seu marido **D**. **D** não quis continuar contribuindo com o trabalho por falta de tempo, mas **L** se dispôs a seguir ajudando com minha pesquisa. Ela tem duas filhas e não aparenta ter seus quarenta anos. Vive na Rua Belarmino há pouco mais de cinco anos em uma meia-água no fundo do terreno. O grande quintal de sua casa fica um pouco mais próximo do Parque do que a casa de **C** e **M**, uma pequena diferença de aproximadamente cinco metros. A casa é grande e confortável e de fora sempre ouço o grito do papagaio furioso que um dia tentou arrancar meu dedo. **L** é muito agradável e, quando nos reencontramos para a segunda entrevista, convidou-me para entrar em sua casa e sentar na cozinha, onde sua cadelinha poodle pulou em meu colo enquanto seu papagaio “comedor de dedos” olhava-me de esquelha. Apesar de ser muito gentil neste novo encontro, no primeiro contato que tivemos não estava muito disposta em relação ao meu trabalho e a princípio até se recusou a falar<sup>32</sup>, mas depois dessa nossa conversa pareceu um pouco mais empolgada com minha pesquisa. Despedimo-nos e ela indicou-me a casa da frente, dizendo que seus vizinhos moravam há tempos nas proximidades do Parque e poderiam me dar maiores informações sobre o local.

Foi então que conheci **W** e **R**. Os dois estão casados há mais de vinte e cinco anos e esse tempo também corresponde aproximadamente ao período em que moram na Rua Belarmino Antônio da Silva. **R** é dona de casa enquanto o marido, **W**, trabalha em um galpão ao lado da casa onde fabrica esquadrias de alumínio. Enquanto **W** é muito tímido, **R** é bastante comunicativa.

Logo após ter conversado com **R** e **W** conheci **J**. Ele é dos participantes, o que mora mais próximo da Unidade de Conservação. Sua casa com uma grande varanda se estende pelo vasto quintal situado ao lado do manguezal, com que faz fronteira. Tem quarenta e seis anos e é muito jovial, no jeito de falar, de vestir e em seus gestos. Mora

---

<sup>32</sup> Este fato está descrito no Caderno de Campo (ANEXO III), Diário do dia 14.10.2007 entrevista 4, p.87.

na região desde pequeno e, como ele mesmo afirma, acompanhou boa parte das mudanças do Parque.

Por último conheci **N** – o último personagem a integrar esta história. Encontramo-nos no fim da primeira saída que realizei com os moradores. Quando conversamos, ele me disse que seu irmão, **J**, havia lhe contado sobre o trabalho e percebendo o movimento de pessoas em direção ao Parque pegou sua câmera e veio ao nosso encontro. Ele foi muito simpático e depois de termos conversado sobre o Parque se dispôs a contribuir com a pesquisa. Sua casa fica na frente da residência de **J**. Ele, além de ser presidente do Guarani Futebol Clube<sup>33</sup>, é membro ativo do grupo de irmãos da igreja católica do Centro de Palhoça.

#### 4.4 - As novas (nem tão novas assim) entrevistas

Depois dessas conversas com os moradores, percebi que as novas entrevistas que realizei não trouxeram muitas mudanças para o grupo de narrativas que eu havia coletado antes e que respondiam à pergunta “*O que você acha do Parque?*”. Os quatro novos entrevistados pareciam manter o mesmo padrão de falas: hegemonicamente com a visão de que o Parque era ruim para a vizinhança e que o abandono do local trazia o perigo para os moradores, como mostram os trechos a seguir:

**W:** (...) A propriedade tem uma área de mangue que é de preservação, só que ficou abandonado serviu só pra droga, pra prostituição e tem menores ali se envolvendo com drogas tudo isso tem ali. A gente até já reclamou várias vezes aí pra prefeitura, até botaram um portão ali, não sei se tá fechado ou não.

(...)

**R:** aqui o roubo é um inferno, porque agora o que eles roubam no comércio da praça eles vem correndo esconder aqui atrás. Depois mais tarde é que eles vêm pegar o roubo sabe? A gente vê é bicicleta e de vez em quando a polícia vem dar uma batida ali. Porque é ali que os pivetes se escondem. Se tivesse um controle da prefeitura, alguém que vigiasse não ia acontecer isso.

(Trecho do Caderno de Campo. Diário do dia 30.03.2008, p.91)

---

<sup>33</sup> O Guarani Futebol Clube possui sede ao lado do Parque Municipal de Palhoça.

**J:** Olha, eu nasci aqui e vivi praticamente a vida toda aqui. Vi esse Parque ser criado e para ser sincero, eu acho que ele não serve para nada. Apesar de estar morando do lado do Parque eu praticamente não vou lá!

**Juliana:** Porque o senhor não visita o Parque?

**J:** Porque eu só vejo mala indo para lá. Pessoas que vão lá para fumar, cheirar, fazer sexo. Eu tenho até vergonha de ir lá. Quer ver no verão! Muita incomodação. Apesar de que nesse verão não foi tanto. A gurizada das escolas mata aula e vem pra cá vagabundear. Se você quiser, eu até te levo lá pra você ver. É só mexer nos matos que pulam uns dez muito malucos. [Risos] Estava sentando aqui agora e passou uns dez tudo doido. É de manhã, de tarde e a noite. O tempo todo.

(Trecho do Caderno de Campo. Diário do dia 30.03.2008, p.92)

**N:** aqui dentro tem é uns pés de goiaba bonitos. Mas aqui é perigoso. Realmente perigoso. Além disso, o mato tomou conta. Antes tinha umas trilhas, tinha churrasqueira. Simplesmente depredaram tudo.

(Trecho do Caderno de Campo. Diário do dia 12.04.2008, p.101)

Com a realização dessas novas entrevistas e a repetição destas narrativas que apenas mostravam um lado “negativo” do Parque, cresceu ainda mais em mim o desejo político que me impulsionou a realizar este trabalho. Queria tentar mudar, pelo menos um pouquinho, aquela situação que para mim parecia insustentável. Quanto mais eu ouvia as pessoas, mais eu via que o Parque que eu pensava existir – um espaço de repouso do cinza da cidade, um local de refúgio – poderia desaparecer, ou melhor, nunca nem teria existido para aquelas pessoas.

Enquanto transcrevia as minhas entrevistas, torci muito para que os passos seguintes da pesquisa causassem algum deslocamento nos modos de ver, ou que despertasseM nas pessoas olhares esquecidos e empoeirados por todas aquelas experiências que elas vinham descrevendo. Os moradores tinham visões muito diferentes da minha e, apesar de não querer que eles mirassem o lugar com os meus olhos, preocupava-me muito que os modos como esses sujeitos contemplavam o local se distanciassem tanto dos meus. Concordava com eles que o Parque não deveria continuar daquele jeito, sem manutenção alguma, sem atenção. Porém para mim a falta de cuidados trazia outras conseqüências, que apontavam nas mais diferentes direções...

Assim, foi com certo entusiasmo que marquei as saídas com os moradores. Queria que acontecessem logo. Estava curiosa para ver a reação daquelas pessoas que há tempo não visitavam Parque. Será que olhariam para as coisas bonitas do local? Que imagens seriam produzidas?

Apresentei então aos moradores diferentes datas em que poderíamos fazer a saída e, apesar de querer que todos os participantes da pesquisa fossem juntos ao Parque, isso não foi possível. Alguns podiam ou preferiam que o encontro fosse em um sábado e outros só poderiam aos domingos. Tive então que marcar dois encontros distintos, um com **R, W, J e L** e outro com **M e C**.

#### **4.5 - Dos passeios e das surpresas**

Enfim chegou o primeiro dia de visitação ao Parque<sup>34</sup>. Em um sábado bastante ensolarado eu e mais quatro entrevistados nos encontramos para o nosso primeiro passeio. Antes de passarmos pelo portal que dá acesso ao local (Figura 1), reuni o grupo e expliquei novamente aos moradores a tarefa que cada um teria durante nossa caminhada: deveriam fotografar o que quisessem e assim produzir no mínimo duas imagens que representassem o Parque para eles. Salientei a importância de que cada um produzisse aquelas imagens, de que cada um fosse autor de pelo menos duas fotografias. Além disso, tirei dúvidas sobre o funcionamento das câmeras fotográficas e de como eles deveriam proceder ao revezarem os instrumentos. Destaquei bastante esta última instrução visto que o grupo estava munido de duas máquinas fotográficas digitais, logo, por haver uma câmera para cada duas pessoas, pedi que cada morador marcasse a numeração de suas fotos com bastante atenção, para que não houvesse confusão em relação à autoria das mesmas.

Dúvidas esclarecidas, iniciamos nosso passeio. Andamos juntos pelo Parque, sem trilhas definidas, deixamos que a conversa e nossos passos nos levassem pelo caminho. Quis deixar o percurso bem livre para que realmente parecesse um passeio e não uma tarefa, uma obrigação de estar ali e também porque queria que eles me guiassem para os lugares que quisessem me mostrar. Assim, caminhamos por boa parte do que seria a sede do Parque<sup>35</sup> e de vez em quando parávamos para que os moradores pudessem fotografar algo ou contar alguma história sobre determinada cena, determinado ambiente, determinada planta. Desta maneira, durante todo o passeio

---

<sup>34</sup> Dia 12.04.2008.

<sup>35</sup> Ver Mapa I, ANEXO VIII.

conversamos uma prosa solta, em que eu mais ouvi do que falei, pois ficava escutando cada detalhe novo, cada lembrança que surgia e se enredava naquela teia de falas que se formava. Para não perder nenhum detalhe deixei o gravador ligado, registrando esses diálogos que depois foram transcritos para o Caderno de Campo. Inicialmente nem havia pensado em ter arquivos de áudio das saídas, e a princípio não dei muita importância para eles, mas à medida que fui transcrevendo as conversas fiquei feliz de ter tido essa idéia, tal a riqueza de narrativas que coletei. Tanto que esses diálogos constituíram-se grandes fontes de falas e olhares, material que foi utilizado para várias análises que se seguirão neste trabalho.

Para finalizar o passeio, recolhi as câmeras e olhei rapidamente as fotografias registradas. Fiz um breve comentário de que as fotos estavam muito bonitas, pois não queria que alguma fala minha viesse a influenciar os discursos que estariam presentes nas narrativas que os moradores produziram em relação a estas imagens. Ainda antes de nos despedirmos dei instruções sobre o terceiro passo da pesquisa, que seria a produção dos textos que deveriam narrar as fotografias que eles produziram (esta etapa está descrita no próximo tópico).

Da mesma maneira que o primeiro, o segundo passeio aconteceu<sup>36</sup>. Segui os mesmos procedimentos adotados na saída anterior e fiquei muito contente, pois tivemos sorte de termos um domingo de céu azul e calor para caminhar pelo Parque. Deste passeio participaram **M** e **C**, juntamente com seus filhos, a irmã de **M** e seu filho.

#### **4.6 - Das narrativas**

O último passo da pesquisa consistia em pedir que meus entrevistados escolhessem entre os retratos que produziram duas fotografias que representassem a imagem que eles têm do Parque. Após isto, deveriam narrá-las, falar sobre elas, dizer o porquê de tê-las feito. Inicialmente, havia pensado essas narrativas como orais, que seriam obtidas a partir de entrevistas que eu gravaria e depois as transcreveria para o Caderno de Campo assim como as outras foram realizadas. Porém, refletindo sobre esta etapa, eu e meu orientador pensamos: Será que deixá-los falar sobre as fotografias que produziram não iria permitir que eles repetissem as mesmas idéias sobre o Parque, hegemonicamente “negativas”?

---

<sup>36</sup> Dia 27.04.2008

Solicitei então que eles escrevessem uma história sobre as fotografias que escolheram. Uma história que poderia acontecer no presente, no passado ou no futuro, mas que se passasse no local onde aquela imagem foi capturada. Pedi que eles narrassem as fotografias desse jeito por dois motivos: primeiramente, acreditei que se eles criassem uma história sobre as imagens, ela viria impregnada de seus valores, de suas idéias, e que essas poderiam vir apresentadas de outras maneiras, que não aquela que eu já estava acostumada a ver e ouvir. Outro ponto - talvez o mais importante - que me fez decidir pela escrita e não pela oralidade, é que escrever impõe ao indivíduo que ele reflita sobre o que escreve, sobre seus pensamentos que pouco a pouco vão passando ao papel. Queria com isso que eles pudessem medir as palavras, repensá-las e assim que repensassem também seus discursos. Talvez a escrita, por ser menos espontânea que a oralidade trouxesse mais reflexão aos moradores, pois...

(...) A propósito de qualquer imagem que nos impressiona, devemos indagar-nos: qual o arroubo lingüístico que essa imagem libera em nós?(...) Para bem sentir o papel imaginante da linguagem, é preciso procurar pacientemente, a propósito de todas as palavras, os desejos de alteridade, os desejos de duplo sentido, os desejos de metáfora (...) Pela imaginação abandonamos o curso ordinário das coisas (...) imaginar é ausentar-se, lançar-se a uma vida nova. (BACHELARD, 2001 *apud* WUNDER, 2007)

Pedir que eles escrevessem contando uma história talvez fizesse com que eles adicionassem novas falas, que se desprendessem daqueles discursos homogêneos que só mostravam um Parque “ruim”. Essa era a minha aposta.

Assim, ao fim de cada passeio, reuni os moradores novamente em grupos e expliquei-lhes este último passo da pesquisa. Para que pudessem realizá-lo, comprometi-me a entregar a eles suas fotografias impressas e um texto que explicasse o que deveriam fazer, caso houvesse ainda dúvidas. Combinei um prazo de uma semana para a entrega das narrativas.

Chegando em casa então montei *kits*<sup>37</sup> com as fotos de cada um. Coloquei em cada *kit* as fotografias que cada um produziu, impressas em tamanho 8x6cm, e uma folha pautada que continha um texto que instruía como deveriam ser as narrativas.

#### **4.7 - Das transcrições**

Depois das conversas nas varandas e dos passeios ensolarados, chegaram as partes mais difíceis do trabalho: horas e horas sentada em frente do computador transcrevendo as entrevistas.

Apesar de fazer essas transcrições pouco tempo depois de obter os arquivos de áudio, demorei muito para realizar este trabalho. Nesse “ouve, pára e escreve” demorei mais de cinco vezes o tempo de cada arquivo de áudio para transcrever as conversas.

Tentei sempre falar um pouco da atmosfera do diálogo para impedir que a transcrição fosse muito “filtrada”, por isso, entre as falas dos moradores, muitas vezes existem falas minhas assinaladas com asteriscos (\*) que relatam alguma expressão, como risos e pausas nos diálogos, que não seja possível perceber na escrita das falas. Apesar disso, por mais que eu tentasse completar ao máximo as entrevistas, talvez o leitor vá sentir falta de “um algo a mais” em algumas falas. Sobre isso, encontrei no trabalho de Zanco (2002) a seguinte citação de Toutier-Bonazzi (2000):

O fato de ler em vez de ouvir priva o historiador de muitas contribuições da forma oral: entonação, ênfase, dúvidas, rapidez ou lentidão nas reações, risos, repetições; e, portanto corre-se o risco de privilegiar a leitura a ponto de renunciar a escuta. Por outro lado, toda transcrição, mesmo bem feita, é uma interpretação, uma recriação, pois nenhum sistema de escrita é capaz de reproduzir o discurso com absoluta fidelidade; de certa maneira, é uma traição à palavra. (p.21)

Assim, espero que o leitor entenda que apesar de ter me esforçado muito para me aproximar de uma transcrição fiel das entrevistas, sei que provavelmente o meu texto

---

<sup>37</sup> Ver um exemplo desses *kits* no anexo V (p.110).

ficou um pouco distante desse ideal, pois afinal, ao ouvir ou ler algum diálogo cada um interpreta do seu jeito as vírgulas e exclamações de uma história.

## 5. Multiplicidades de olhares e imaginários: as diferentes visões que transitam entre as imagens e as narrativas.

Quando sentei em frente ao computador para imprimir as fotos tiradas pelos moradores para a montagem dos *kits*, fiquei durante muito tempo observando as imagens. Havia uma variedade de “estilos” de fotografias. Mostravam diferentes paisagens do Parque, destacavam árvores, registravam alguma cena do passeio em que pessoas estavam incluídas ou enfocavam a insistente presença do lixo. Essas últimas me preocuparam um pouco: será que os moradores utilizariam essas fotos para reafirmar suas falas? Será que eles usariam as fotos como uma comprovação de tudo o que eles haviam falado até agora?

Imprimi as fotos e montei os *kits*. Torci então para que eles não escolhessem aquelas fotos que enfocavam o abandono do Parque, pois para mim, naquele momento, isso significaria que não teria acontecido nenhum deslocamento de olhar.

Então, como combinado, fui entregar as fotografias para que eles pudessem produzir as narrativas. Entreguei em mãos para aqueles que eu encontrei em casa e expliquei novamente o que eles deveriam fazer. Outros eu não encontrei e, como combinado, abri a caixinha do Correio e lá deixei o *kit* com todo o cuidado, torcendo para que quando o envelope fosse devolvido a mim viesse recheado de histórias.

Havia combinado uma data para a entrega das narrativas<sup>38</sup>, porém deixei o meu telefone no envelope para que eles me avisassem quando tivessem terminado. Ninguém me avisou. Passou o dia combinado e ninguém havia me ligado. Preocupada, fui visitar meus entrevistados e assim consegui recolher as primeiras narrativas, confeccionadas por **R, W e L**.

Ainda no carro abri os envelopes, tamanha era minha curiosidade. Tamanha foi também a minha decepção naquele instante. Os textos que eles haviam escrito não condiziam com minhas expectativas e com o que eu havia pedido. Queria ver ali no papel, narrativas, “historinhas” que eles contassem de forma vibrante, que tivessem imaginado e criado. Mas o que eu encontrei foram textos curtos e que na verdade só reforçaram os discursos que eles acionavam antes da visita no Parque. Ou seja, as

---

<sup>38</sup> As narrativas completas e as fotografias selecionadas pelos moradores estão no ANEXO IV.

narrativas que eles escreveram contavam que o Parque era abandonado, sujo, que era “ruim” para a vizinhança...

Não... Sem falar nas fotos! Esperava naquelas fotografias ver imagens bonitas que me mostrassem que talvez eles tivessem enxergado fatos diferentes, cenas novas que fossem além do “feio” Parque que conheciam. Porém, aconteceu o que eu suspeitava: de todas as fotografias bonitas que dona L<sup>39</sup> tinha produzido, ela justamente escolheu aquela que mostrava um montinho de lixo. Já as fotografias dos outros moradores eram bastante bonitas, porém percebi que foram construídas “legendas” para as fotos, que permeavam as narrativas. Não que estivessem explicitamente em formato de “legendas”, mas havia frases nos textos que pareciam tentar dar um significado para aquelas imagens, mostrar o que os moradores viam através delas. Eles tinham apenas mostrado em suas fotos o que eles vinham dizendo a mim desde os nossos primeiros encontros: o Parque é lugar de abandono, de descaso, de lixo, de coisas ruins, do medo.

Fiquei muito triste e angustiada. Naquele momento eu só conseguia enxergar uma coisa: as narrativas tinham repetido os mesmos discursos hegemônicos. Meu Deus! Meu trabalho tinha ido por água abaixo! Socorro!

Só fiquei mais tranqüila depois que conversei com Leandro. Liguei pra ele quase aos prantos (orientador também é pra essas coisas!) e marcamos de conversar em poucos dias. Depois da conversa fiquei um pouco menos nervosa e então voltei a olhar as narrativas. Nesse meio tempo também recebi a narrativa de J, e mais calma, consegui notar que havia algumas nuances entre os discursos presentes nas narrativas e nos antigos, coletados pelas minhas entrevistas.

Quando eu e Leandro então conversamos sobre as narrativas ele me disse que já esperava que as narrativas não fossem muito elaboradas, afinal escrever é difícil! Eu pensei então: eu que o diga! “Pobre” acadêmica pensando para escrever seu Trabalho de Conclusão de Curso... Eu realmente achava que receberia narrativas um pouquinho mais bem elaboradas, não imaginei que eles teriam muitas dificuldades, afinal todos os moradores que participaram da pesquisa tinham um bom nível de escolaridade, com o Ensino Médio completo. Mas esqueci-me do quão difícil é o trabalho de escrever! Pensar, escrever, apagar, escrever tudo de novo... Repensar e desistir e recomeçar...

---

<sup>39</sup> As fotos “rejeitadas” que não foram escolhidas pelos moradores para as narrativas estão no CD no Anexo VII. As demais fotografias estarão ao longo deste trabalho e também no ANEXO IV, em tamanho pequeno juntamente com as narrativas completas dos moradores.

Ainda mais difícil quando você está escrevendo para uma pessoa que irá esmiuçar os seus textos, como eu.

Percebi também que foi uma ingenuidade minha não ter, lá no início do trabalho, cogitado que os moradores poderiam usar as imagens para reforçar suas narrativas. Fui ingênua ao pensar que eles seriam tão ingênuos. Afinal, como diz França (2007):

(...) A idéia de uma experiência de realidade pura e imune às linhas de força, livre de estratégias, fora de redes e relações, é uma postura ingênua, idealista, pois parte do pressuposto de que existiria um real não contaminado por mediações. (p.50)

Queria que eles sentissem o Parque de uma maneira diferente, que tentassem esquecer um pouco dos episódios negativos do local, mas esqueci-me do que tinha estudado em um texto que li para este trabalho, que dizia que contamos e construímos uma história

(...) levando em conta o destinatário. Procurando provocar uma interpretação (sua interpretação) e procurando controlá-la. E aqui se abrem múltiplas diferenças, múltiplos espaços de sentido. Em primeiro lugar, porque nossas histórias são distintas conforme a quem contamos. (LARROSA, 1996 *apud* SILVEIRA, 2007, p.135)

E foi o que eles fizeram. Eles praticaram as estratégias que lhes interessavam. Endereçaram a mim as suas narrativas. Talvez tenham deixado se levar pelo que eles suporiam que eu esperava deles: uma confirmação das entrevistas.

Porém, eu como examinadora, percebia na fotografia deles a beleza do Parque e sua riqueza, algo que não estava sendo percebido como tal por quem produziu as imagens, afinal as lentes da máquina fotográfica não eram tão objetivas assim. Acabei percebendo que ela estava sujeita ao

(...) inexorável programa do dispositivo, no qual opera localizada e circunscrita a subjetividade do fotógrafo. Trata-se de admitir que a fotografia gera uma visão programada do mundo que se dá

por intermédio de noções convencionadas de espaço, tempo e realidade. (MICHELON, 2007, p.189)

Encontrei um pouco mais de dificuldade para recolher as demais narrativas. Nunca encontrava **C** e **M** em casa e, **N** não me mandava o e-mail com suas fotografias e narrativa.<sup>40</sup>

Quando eu finalmente recebi os textos faltantes fiquei bastante feliz com o material, pois mostravam narrativas bastante distintas daquelas que os outros moradores haviam construído. Pude ver com mais clareza uma distinção nos diferentes imaginários, uma passagem das narrativas homogêneas carregadas do “não gostar do Parque” para uma heterogeneidade que já mostrava outras relações dos moradores com o local.

No próximo capítulo tratarei então destas heterogeneidades. As perguntas e respostas que direcionam estas análises serão tecidas a partir das experiências em campo e das leituras que fui fazendo ao longo da investigação. Assim, o tempo todo estarei me remetendo a diferentes trechos das entrevistas do meu Caderno de Campo e às narrativas e imagens produzidas pelos moradores. Este capítulo estará subdividido em diferentes temas que tratarão de diferentes visões relacionadas ao Parque.

## **5.1 - Das saudades...**

Muitas e muitas vezes os moradores se referiram com “saudade” de um tempo passado em que a sede do Parque era uma propriedade particular. Em vinte anos, como conta **R**<sup>41</sup>, houve três donos diferentes, Seu João Canavarra, Seu Luiz Flor e um terceiro que, por ter ficado pouco tempo na propriedade, os moradores não tiveram muito contato e, desta maneira, não recordam seu nome. Dentre esses proprietários, seu Luiz Flor é o mais citado. Contam diversas coisas sobre essa época, referindo-se a esse

---

<sup>40</sup> **N** ficou de mandar o material por e-mail, pois, suas fotografias foram feitas a partir de sua câmera que ele levou no passeio. Maiores detalhes sobre isso estão no Caderno de Campo, no diário do dia 12.04.2008, p.102

<sup>41</sup> Esta informação foi coletada no primeiro dia de passeio no Parque e está registrada no diário de campo do dia 12.04.2008, p. 98.

passado sempre como uma experiência boa, desprovida de conflitos ou problemas relacionados a essas vivências, como mostra o trecho a seguir:

**R:** Uuu, mas quando era do cara a gente entrava aqui, só entrava com a autorização do dono, nossa, mas a gente pegava os peixes aqui era pulando assim, era a coisa mais linda assim.

(...)

**R:** é precisavas ver como tinha pé de caju. A gente às vezes costumava vir aqui domingo à tarde quando isso aqui era propriedade particular né? Os donos foram até bem conhecidos da gente. Eles eram bem gente boa. Mas aqui dentro ele criava ó: desde marreco a vaca leiteira.

(Trecho do Caderno de Campo. Diário do dia 12.04.2008, p.94)

Assim, quando penso nessas falas, primeiramente me vem à cabeça experiências que eu tive quando bem pequena. Antes de mudar para o município Palhoça, até uns treze anos de idade aproximadamente, vivia na cidade vizinha, São José. O bairro onde eu morava era muito urbanizado, assim como a maior parte da cidade. Em meu quintal, no lugar de um jardim, tinha pedrinhas, sem nenhum verde. Porém, atrás do alto muro que se erguia atrás da minha casa, florescia o pouco verde que existia nas proximidades. Era uma chácara não muito grande que tinha várias árvores frutíferas – ameixeiras, bananeiras, laranjeiras, pés de caqui, de abacate, de mamão. Além disso, havia uma criação de galinhas das mais variadas possíveis. Imaginava eu que o dono era um “colecionador de galinhas”. Curiosa que era, sempre subia no telhado da minha casa e ficava a espiar aquelas cores e movimentos diferentes enquanto comia ameixas. Quase nunca era perturbada ali, a não ser quando o “terrível” dono do lugar aparecia. Impiedoso com seu facão corria comigo e com todas as crianças que se atreviam a subir no muro para “inocentemente” surrupiar as doces e amarelas ameixas. Relembro aqui este episódio porque naqueles dias tudo o que eu queria era pular o muro e subir nas árvores e me revoltava que aquilo tudo fosse apenas do velhinho taciturno que me espantava de vez em quando. Então relaciono esta minha experiência com a dos moradores e me pergunto: será que os moradores fariam tão bem do local se tivessem tido uma experiência tão ruim quanto a minha com uma propriedade particular? Teriam boas lembranças se o dono do local que vivesse lá guardasse seus cajueiros a “sete chaves”? E se ele fosse um daqueles vizinhos dos quais não dá para ter saudades, será que essas falas não seriam um pouco menos saudosistas? Será que, algumas vezes, o abandono do Parque não seria mais bem visto se comparado com um passado do qual não gostam de lembrar?

Remeto-me então ao que Albuquerque Júnior (2007) discute em seu livro. Fala ele de uma memória voluntária que pode ser evocada por símbolos do momento em que a lembrança aconteceu ou de momentos póstumos. Essa memória seria uma “recomposição do passado, não um aceso direto ao passado, mas fruto de um trabalho de rememoração que é feito no presente, relativo ao presente que foi e o presente que é.” (p.202) Assim, acredito que talvez as vivências de hoje, como o abandono do Parque, tornem-se um símbolo que faça com que os moradores revivam as memórias de antes e as achem melhor que o que acontece hoje. Ou melhor, as reformulem, para que pareçam melhores e assim possam usá-las para justificar porque acham que uma propriedade particular seria melhor do que um espaço público. Para melhor ilustrar isto, tomo novamente as palavras do mesmo autor, que diz sermos

(...) capazes de inventar novas imagens a partir de novos desejos e fantasias, novas sensações, incorporando-as inclusive na narrativa de nossas memórias como fatos socialmente ocorridos e sensações realmente vividas.  
(ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007, p.204)

A propriedade particular anterior ao Parque tornou-se, convencionalmente, melhor nas falas de todos, até mesmo de **L**, que só veio a conhecer o local como é hoje – uma Unidade de Conservação:

**R:** ó quando era propriedade particular esses tanques tinham criação de peixe e de camarão.  
**L:** é nessa época eu não morava aqui ainda. Mas era melhor né R?  
(...)  
**L:** pra que é que a Prefeitura faz isso pra quê? Tirar uma pessoa que cuidava daqui pra depois deixar jogado às traças.  
(Trecho do Caderno de Campo – Diário do dia 12.04.2008, p.93-94)

Albuquerque Júnior (2007) sobre isso diz que existem fatos que são convencionalizados como históricos e que tem repercussões nas memórias individuais e de grupos porque tem significado para eles, significados que servem como marcos temporais. O fim da

propriedade particular e da criação do Parque é um marco que separa o que era considerado como bom para a comunidade de entorno do que é ruim.

Mas, ao longo das falas dos moradores outros discursos se configuram em torno desta “saúde” da antiga propriedade particular. Durante suas falas os moradores sempre se referiram às diversas atividades econômicas realizadas pelos antigos donos da região.

## 5.2 - Quanto vale?

É claro que todos eles receberão as vacas com alegria e júbilo, e os cavalos com entusiasmo, e também as galinhas que botam seus ovos para eles, e as cabras, gansos, carneiros e pombos, sim, e alguns deles vão de novo se afeiçoar aos cachorros, gatos e canários. É claro. Mas o que farão às ratazanas? E aos vermes? O que acontecerá aos carrapatos, mosquitos e aranhas da casa? (OZ,1939, p.135-136)

Tanto nas entrevistas preliminares, quanto nos diálogos que ocorreram durante a saída e nas narrativas feitas a partir das fotografias, muitas falas se remetem às atividades econômicas desenvolvidas no Parque ao longo do tempo em que a área foi uma propriedade particular. Essas falas sempre se configuram para exemplificar passagens boas, para lembrar como o lugar era mais interessante quando possuía uma função econômica. Como exemplificam os trechos a seguir:

**J:** (...) Quando isso aí era particular, o cara era meu amigo. Tinha criação de peixe, camarão, pé de fruta, vendia leite de cabra. Vinha até escola visitar. Era tudo muito bem cuidado. (Trecho do Caderno de Campo. Diário do dia 30.03.2008, entrevista 3, p.92)

**R:** quando era do seu Luis Flor, o dono daqui, teve uma época que a maré ficou muito baixa e foi carregado peixe de carrinho de tanto que morreu, morreram asfixiados. Aí é que a gente viu como tinha peixe. Era lindo aqui dentro menina. **L,** era coisa linda aqui aqueles peixes enormes. (Trecho do Caderno de Campo. Diário do dia 12.04.2008, p.94)

(...) o qual possui um imenso manguezal. Não é para menos que os meus tios maternos vendiam folhas das plantas do mangue para fazer chá.  
(Trecho da narrativa de **J**, p.107)



**Figura 2:** “(...) já foi mantido como Parque Ecológico, onde eram cultivados peixes, camarões, árvores frutíferas, e outros animais.”  
(Fotografia e trecho da narrativa de **R**, p.106)

Pode-se então notar a valorização dos antigos seres que viviam no lugar, antes cultivados, como peixes, camarões, cabras e os tão apreciados “pés de fruta”. Estes se configuram como criaturas com valor, pois produziam *coisas* interessantes às pessoas, à espécie humana, eram úteis. Eram passíveis de venda, de obtenção de lucro. Assim se destacavam do restante dos outros seres vivos. Dentre todos esses seres, talvez os mais lembrados e valorizados pelos meus entrevistados sejam os “pés de fruta”, que são constantemente lembrados e destacados pelos moradores:

**R:** Olha lá **L** ó, olha como tem sujeira. E o que tinha aqui de araçá, tinha pé de caju. Hoje tu vês um ou outro pé de caju, mas tinham muitos, pois então a gente colhia caju!

**Juliana:** e essa fruta aqui, é araçá?

**L:** Não, isso aqui é biricó, é o nosso damasco. É uma fruta rara hoje, caríssima!

**Juliana:** Ah, agora eu lembro, comia quando era pequena.

**L:** pois é hoje é o damasco que só rico come.  
**R:** poxa gente, vocês não conheceram como era isso aqui quando era particular, era pé de fruta por isso tudo. Agora só tem um pé de caju velho que eu vi.  
**L:** A é que tem pé de caju!  
(...)  
**R:** ah tinha tanta fruta boa, araçá.  
(Trecho do Caderno de Campo. Diário do dia 12.04.2008, p.94)

Outro ponto que pode ser notado nestas falas é que valorizando estes seres, que são “úteis” para os humanos, o restante passa a não ter valor, precisa ser retirado, destruído, para que o local seja limpo. Assim, por exemplo, o capim, gramínea importante para tantos seres vivos não teria importância nenhuma para o ser humano, pois não serve para comer, para vender. Alguns moradores se referem a isso em suas fotografias, mostrando nelas o mato alto que deveria ser retirado:



**Figura 3:** “Gostaria (...) que não tivesse um mato tão alto como o que aparece nas fotos, que tivesse mais árvores frutíferas”  
(Fotografia e trecho da narrativa de **M**, p.108)



**Figura 4:** “Acho que o lugar precisava ter uma limpeza em volta dos tanques. Tinha que tirar o lixo e o mato que tem muito e está muito alto pra gente poder andar em volta deles, fazer umas trilhas.”

(Fotografia e trecho da narrativa de **C**, p.109)

Isso se estende para outras plantas, árvores maiores, que por não serem frutíferas, perdem seu valor. Assim, toda a diversidade parece passar despercebida como mostra o trecho a seguir:

**W:** antes tinha um monte de pé de fruta agora não tem mais nada!

(Trecho do Caderno de Campo – Diário do dia 12.04.2008, p.98)

(...) Os tanques de peixes, assim como os animais e as árvores que ali existiam, já não existem mais. O local está totalmente abandonado.

(Trecho da narrativa de **W**, p.106)

Os moradores parecem enxergar apenas “o valor **na** natureza e não simplesmente o valor **da** natureza” (GRÜN, 1994, p.184).

**L:** a olha o damasco olha que coisa mais fofa!

(...)

**L:** pra que fazer isso olha quebrar um galho do coitado do araçá que é tão lindo!

(Trecho do Caderno de Campo. Diário do dia 12.04.2008, p.99)

**L** não falou isso sobre o capim que crescia livremente e se movia em bonitas ondas verdes, ou sobre os pequenos arbustos carregados de miúdas e belas inflorescências. **N**, disse que não havia mais animais e árvores que ali existiam, mas e a vida em explosão dos pequenos insetinhos pululando sobre as diversas árvores desconhecidas pelo caminho?

Nas falas dos moradores há apenas estampado o valor instrumental da natureza e não o seu valor intrínseco, sua importância por si mesma, seu valor inerente simplesmente por existir. Como diz Brügger, “dentro do pensamento humano, só o que é ‘recurso’ merece ser preservado, por sua utilidade (imediata ou potencial)”. Ainda sobre isto, Grün (1994) discute que as pessoas têm essa visão generalizada de dar valor apenas às coisas que lhes são úteis, pois, a nossa educação é tradicionalmente iluminista, onde só as pessoas seriam intrinsecamente valiosas, e que a natureza por si mesma não possui valor algum. “O direito parece estar onde estão os humanos.” (p.187) Assim, só haveria direito de existir naquelas plantas e animais que ali viviam antes, pois elas eram uma criação humana, ou melhor, um cultivo humano, onde havia humanos.

### **5.3 - Natureza reconstruída: essa sim tem valor!**

A natureza remexida, reconstruída e remodelada pelos seres humanos aparece repetidas vezes nos discursos dos moradores. Ela é tida como exemplo de coisa boa, de benfeitoria para o local, de estado ideal. A representação do local assim mexido e alterado (com grama aparada e cada coisa em seu lugar) aparece muitas vezes como sinal de preservação.

**R:** Quando era propriedade particular era mais preservado do que é hoje podes ter certeza disso porque o homem que tinha ali a fazenda dele ele preservava mesmo, tinha criação de peixes e de camarão, e ele tinha assim marreco, uns animais assim que ele cuidava, mas era preservado. Ninguém entrava ali para estragar nada agora está tudo estragado.

(Trecho do Caderno de Campo – Diário do dia 12.04.2008, p.91)

Como mostrado na parte sublinhada acima a preservação de um Parque ecológico no conceito dos moradores seria representada pela constante influência das mãos humanas. Pelo cuidar, para que o capim e outras plantas não cresçam desordenadamente, pois este crescer estaria modificando o ambiente preservado, com a estrada bem definida, a grama aparada, o “jardim” bem cuidado. O abandono, descrito pelos moradores, nada mais é que a vida nativa se restabelecendo, camuflando e dissolvendo as marcas humanas.

**W:** olha, fiquei até impressionado com isso aqui. Não tem mais nada que interesse. O mato tomou conta de tudo. As lagoas tinham tudo capim baixo em volta. A pessoa tinha acesso a elas... (Trecho do Caderno de Campo – Diário do dia 12.04.2008, p.97)

O Parque então se configura em um lugar desinteressante, desprovido de propriedades atrativas, uma vez que tem apagadas as marcas humanas através da recuperação da vegetação da área. Assim, o sinônimo de Parque Ecológico e de preservação para os moradores se mistura com o conceito de praça, onde há árvores cultivadas por serem belas ao olhar ou que dêem frutas boas para comer, um caminho definido para a passagem, a grama aparada e bancos para descansar.

**W:** a prefeitura não faz nada. A prefeitura não vai mais fazer investimento nisso daqui.

**L:** ai, mas não gasta tanto pra passar uma máquina, pra arrumar a rua.

**N:** mas não é só a estrada é tudo isso lá ó! Do lado dessas lagoas antes era tudo pasto, tudo limpo!

**W:** é na realidade não tinha nenhum desses pés de manguê como tem agora.

**N:** vai ter Parque da onde? Vai virar mato!

**Juliana:** Gostaria de fazer uma pergunta para vocês, o que é Parque? O que é um Parque para vocês? Ou o que deveria ser um Parque como esses para vocês?

**N:** na realidade para mim Parque tem o mesmo conceito de praça. Guardadas as devidas proporções... É um lugar onde tu podes vir, onde tu podes passear... Agora hoje aqui...

**L:** com esse lugar aqui cheio de mato é muito difícil de se tornar uma praça.

(Trecho do Caderno de Campo – Diário do dia 12.04.2008, p.100)

Isto também pode ser revelado pelas fotografias e narrativas produzidas pelos moradores:



**Figura 5:** “Sendo morador e vizinho do Parque ecológico, fiquei surpreso ao observar que o que chamávamos de Parque Ecológico, hoje está totalmente abandonado.”  
(Fotografia e trecho da narrativa de **W**, p.106)



**Figura 6:** “Tendo a oportunidade nesses últimos dias de visitar o Parque, ficamos impressionados com a devastação e abandono.”  
(Fotografia e trecho da narrativa de **W**, p.106)



**Figura 7:** “Mediante estas fotos, pude observar o abandono do Parque Ecológico pelas autoridades municipais, atualmente responsáveis por sua manutenção.”  
(Fotografia e trecho da narrativa de **R**, p.106)

Grün (1994) diz que “existe, em nossa cultura, um pressuposto solidamente enraizado de que a natureza em si mesma não possui valor algum.” (p.182) Os moradores mostram este conceito quando sempre se remetem à propriedade particular como o estado ideal para a área, onde tudo era perfeitamente controlado pelo dono do local. A natureza “desantropomorfizada”, sem a ação humana, ali mostrada no Parque e voltando a se estabelecer, não tem valor algum, por tal motivo precisa ser modificada, para que deixe de ser selvagem e não cubra mais os caminhos humanos.

Porém, apesar desse querer ver o Parque como um lugar “habitável”, como descreve **L** em um dos trechos de sua narrativa (trecho a seguir, como legenda da Figura 8), há uma marca humana que se quer ver constantemente apagada: o lixo. Várias vezes os moradores se referem aos detritos como outro símbolo do abandono do Parque, indicando que deveria haver uma limpeza não só para retirar o mato que cresce livremente, mas também para retirar estes inoportunos resíduos dos seres humanos.



**Figura 8:** “Gostaria que se tornasse habitável, pois possui algumas árvores frutíferas e poderíamos plantar mais. Para isso precisamos de apoio. A prefeitura cuidaria, por exemplo, da iluminação, uma vez por semana da limpeza. A polícia, com suas rondas diárias. E outros tipos de trabalho para que o povo se conscientizasse de não jogar lixo fora da lixeira, não quebrar as árvores. Só assim conseguiríamos colher bons frutos.” (Fotografia e trecho da narrativa de L, p.106)



**Figura 9:** “O descaso com a área que está em completo abandono, desprezo por

parte dos administradores. (...) O ideal seria manter o local limpo, cuidado e vigiado.”  
(Fotografia e trecho da narrativa de J, p.107)

É interessante notar que tanto J quanto L registraram a mesma imagem para ilustrar o abandono e a sujeira existentes no Parque. Esse monte de lixo estava bem próximo ao que era para ser uma lixeira. Talvez ambos ao fotografarem essa mesma imagem tenham tentado representar através dela que, como eles mesmos falam, as pessoas que passam por ali não dão a mínima importância para o lugar, que utilizam o Parque somente para realizar atividades ilícitas e não para buscarem o refúgio da natureza.

#### **5.4 - Os estranhos no Parque: vagabundos, drogados e “fazedores de sexo”**

Desde o início das minhas coletas de depoimentos dos moradores da Rua Belarmino Antônio da Silva, a falta de segurança foi a principal fala que ouvi. Dessa maneira, acredito que este seja o principal motivo para que as pessoas não tenham uma boa relação com o local. Para os moradores da Rua, o Parque Ecológico Municipal de Palhoça parece se configurar como a fonte de seu principal problema: a insegurança.

**R:** aqui o roubo é um inferno, porque agora o que eles roubam no comércio da praça vêm correndo esconder aqui atrás. Depois mais tarde é que eles vêm pegar o roubo sabe?  
(Trecho do Caderno de Campo. Diário do dia 30.03.2008, p.91)

Essa insegurança dos moradores flui entre suas falas o tempo todo. Está nas entrelinhas, quase sempre sendo atribuída à movimentação de pessoas que vão e vêm do Parque e lá fazem atividades consideradas ilícitas.

**W:** (...) Só usa mais tráfico de drogas; pessoal usa... Muito pessoal com namorado, na verdade a finalidade que era para ter mesmo não tem.  
(...)  
**R:** (...) só que ficou abandonado e serviu só pra droga, pra prostituição e tem menores ali se envolvendo com drogas. Tudo isso tem ali. (Trecho do Caderno de Campo. Diário do dia 30.03.2008, entrevista 1, p.87)

**J:** Porque eu só vejo mala indo para lá. Pessoas que vão lá para fumar, cheirar, fazer sexo. Eu tenho até vergonha de ir lá. Quer ver no verão! Muita incomodação. (Trecho Caderno de Campo. Diário do dia 30.03.2008, entrevista 2, p.92)

Assim, durante as minhas entrevistas, repetidas vezes o Parque foi narrado como um lugar “ruim”, um lugar que direta ou indiretamente é apontado como o “culpado” pelos assaltos nas residências vizinhas e pelos rostos estranhos que circulam pela Rua e “ameaçam” a segurança de seus habitantes.

Bauman (2001) discute que esse horror e obsessão por encontrar em cada rosto uma ameaça fazem parte do terror moderno, presente em nossa cultura, gerado pelo individualismo e pelo crescente consenso de que as pessoas precisam estar sempre sendo vigiadas de perto, onde tudo que é diferente é suspeito. Assim, parecia-me que muitas vezes as pessoas estavam obcecadas pela ameaça iminente de um assalto, pois os “tipos inferiores” de pessoas que rondavam o lugar – vagabundos, desocupados, alunos matando aulas, bêbados e drogados estavam o tempo todo se aproximando de seus redutos – suas imaculadas casas. Pois esses

(...) tipos de pessoas inferiores em movimento, surgindo e se espalhando por lugares onde só deveriam estar as pessoas certas – e porque a defesa das ruas perigosas (...) é reconhecida como objetivo digno de ser perseguido e como maneira apropriada de proteger as pessoas que precisam de proteção contra os medos e perigos que as fazem sobressaltadas, nervosas, tímidas e assustadas. (BAUMAN, 2001, p.109)

Dessa maneira, os moradores da Rua sentem-se ameaçados o tempo todo por esse “medo líquido” que escorre por entre os passos das pessoas de rostos desconhecidos que passam diariamente em frente às suas casas. Assim,

(...) o perigo representado pela companhia de estranhos é uma clássica profecia autocumprida. Torna-se cada vez mais fácil misturar a visão dos estranhos com os medos difusos da insegurança; o que no começo era uma mera suposição torna-se

uma verdade, para acabar como algo evidente. (BAUMAN, 2001, p. 124)

A relação entre o incógnito, entre essas faces diversas circulando por espaços “desconhecidos” é bastante difícil, pois culturalmente estamos programados para sabermos que não podemos simplesmente relaxar e sermos “ingênuos” de confiar em todos o tempo todo. Por exemplo, desde pequenos ouvimos nossos pais sempre dizendo a fatídica frase: “Não fale com estranhos!”.

Infelizmente não tivemos a oportunidade de acompanhar tudo o que se passa no Parque Ecológico devido ao medo que sentimos em relação aos indivíduos que freqüentam o Parque, e ao que é feito no mesmo. (Trecho da narrativa de **W**, p.106)

Porém não posso deixar de pensar que todo esse medo seja gerado muitas vezes pela simples aversão do diferente, do fora do padrão. Afinal, porque uma moça não pode “corajosamente” dar uma caminhada no Parque? Porque um pai não pode tomar banho com sua filha nos tanques sem que ele seja examinado e paire sobre si o rótulo de pedófilo?

**C:** aquele senhor lá com a menina, será que ele é pai dela? Ui tem uma cara de pedófilo! (Trecho do Caderno de Campo – diário do dia 27.04.2008, p.103)

Será que as pessoas não podem circular por um espaço diferente, sem que recebam olhares incriminantes de esquelha? É muito difícil se acostumar com a pluralidade humana, principalmente quando vemos ela passar rotineiramente na frente de nossas casas e quando para nós, para a sociedade em que vivemos, estas diferenças são ameaças.

(...) A incapacidade de enfrentar a pluralidade de seres humanos e a ambivalência de todas as decisões classificatórias, se autopropetuum e reforçam: quanto mais eficazes a tendência à homogeneidade e o esforço para eliminar a diferença, tanto mais difícil sentir-se à vontade na presença de estranhos, tanto mais ameaçadora diferença e tanto mais intensa a ansiedade que ela gera. (BAUMAN, 2001, p. 123)

Os moradores da Rua acabaram por rotular o Parque como um lugar de “estranhos”, que diferem dos moradores, pois estes se constituem como uma comunidade, um agregado de pessoas que possuem o fato de serem “vítimas do Parque” como característica que os une e, portanto lhes dá o direito de serem “normais”. O que é alheio, o que é diferente e o que está fora é “estranho”, é “anormal”.

A ausência de diferença, o sentimento de que “somos todos semelhantes”, o suposto de que “não é preciso negociar, pois temos a mesma intenção”, é o significado mais profundo da idéia de “comunidade” e a causa última de sua atração, que cresce proporcionalmente à pluralidade e multivocalidade da vida. Podemos dizer que “comunidade” é a versão compacta de estar junto, e de um tipo de estar junto que quase nunca ocorre na “vida real” (...) um estar junto que por essa razão não é problemático e não exige esforço ou vigilância. (BAUMAN, 2001, p. 116)

Desse medo gerado pela multiplicidade de pessoas que freqüentam o Parque, surgem os apelos mais constantes feitos pelos moradores: o pedido pela vigilância do Parque.

**R:** Não tem uma vigilância. Teria que ter uma vigilância aqui por 24 horas. (Trecho do Caderno de Campo. Diário do dia 12.04.2008, p.93)

De tal modo, os moradores da Rua preferem se assegurar na “raiva” que tem do Parque para justificar suas inseguranças em relação aos “estranhos” do que buscar outros interesses em comum que possam ser compartilhados para servirem de agentes de mudanças no local. Não querem alternativas, desejam apenas se ver longe do Parque, querem a sua clausura, pois assim acabariam com um vazio que os assombra e que traz a suspeita para perto das suas casas. Sobre isso, Bauman (2001) diz que “(...) o espectro arrepiante e apavorante das ‘ruas inseguras’ mantém as pessoas longe dos espaços públicos e as afasta da arte e das habilidades necessárias para compartilhar a vida pública” (p.110). Assim, muitas vezes não está representado nas falas dos moradores nenhum querer de transformação do espaço, apenas o pedido de clausura do lugar, de controle sobre ele:

Queria (...) que tivesse um vigia para impedir a entrada desse pessoal que vem aqui só para fazer coisa o que não deve. (Trecho da narrativa de **M**, p.108)

(...) é que tenha segurança no Parque, que tenha controle das pessoas que entram pra que os vândalos não destruam mais os bancos e as churrasqueiras se eles quiserem construir e para que a gente possa vir aqui com a família mais sossegado. (Trecho da narrativa de **C**, p.109)

Com isso, os moradores muitas vezes se remetem à época em que o local era propriedade particular para justificar como o controle e a privação do local seria melhor para os residentes da Rua Belarmino Antônio da Silva.

**W:** pelo menos era uma propriedade particular que tinha que pedir permissão para entrar. Mas tinha muito mais fundamento para uma pesquisa do que agora. Quem é que vai ali para pesquisar agora?  
(Trecho do Caderno de Campo. Diário do dia 30.03.2008, p.90)

**R:** tinham uns cachorros bravos que não entrava ninguém aqui no quintal dele. Ele tinha um caseiro que cuidava aqui. (Trecho do Caderno de Campo. Diário do dia 12.04.2008, p.98)

Esse controle, esse impedimento de pessoas estranhas estejam “rondando” o Parque, daria mais controle aos moradores, visto que, na rua apenas os moradores passariam a transitar. Assim, essas pessoas que supostamente se conheceriam entre si, poderiam observar melhor uns aos outros e assim se julgarem. Além disso,

(...) um território vigiado de perto, onde aqueles que fazem algo que desagrade aos outros provocam seu ressentimento e são prontamente punidos e postos na linha – enquanto os desocupados, vagabundos e outros intrusos que ‘não fazem parte’ são impedidos de entrar ou, então, cercados e expulsos. (BAUMAN, 2001, p.108)

Porém, apesar de quererem tanto essa segurança, essa mudança no Parque, os moradores poucas vezes se motivaram a produzir mudanças no lugar que é deles, pois

na sua visão, o Parque é um lugar público, logo a responsabilidade sobre ele é apenas dos órgãos públicos.

### **5.5 - Lugar público não tem dono**

**D:** Pra gente não vale muita coisa, porque está abandonado porque a Prefeitura deixou aquilo ali em estado de abandono. Não tem iluminação. Não tem é... As famílias da rua não podem freqüentar... (Trecho do Caderno de Campo. Diário do dia 14.10.2007, entrevista 3, p.87).

**W:** (...) Só que, a gente vai se envolver de que maneira? A prefeitura é que teria que tomar providência, não sei por que foram eles que desapropriaram. Até então o senhor que tinha ali....

(...)

**R:** Ali teria que ter vigia né. Na verdade a prefeitura teria que tomar uma providência para ter vigia pelo menos. (Trecho do Caderno de Campo – diário do dia 30.03.2008, entrevista 1, p.89).

Como pode ser observado nos trechos acima, e em tantos outros trechos que foram colocados ao longo deste trabalho, as pessoas sempre acabam por colocar a culpa dos seus desgostos em relação ao Parque nos estranhos ou em atores mais ou tão “repugnados” quanto: os governantes, representados pela instituição da Prefeitura Municipal de Palhoça.

Por estes e outros motivos não posso concordar com o que vejo passar nesses dias meses e anos. O descaso com a área que está em completo abandono, desprezo por parte dos administradores. O mínimo que poderia ser feito, numa área tão grandiosa e valiosa é dar mais atenção, mais valor, sendo que os órgãos públicos alegam nunca possuir verba. (Trecho da narrativa do **J**, p.107).

Por ser um lugar público se configura, na visão dos moradores, como uma região sem dono, assim como estradas, hospitais e escolas. Por tal motivo, muitas vezes as pessoas acabam por esperar que providências em relação ao local sejam tomadas pelas autoridades, de “cima para baixo”. Assim, poucas foram as ocasiões em que os moradores juntos tentaram mudar o local de alguma maneira e, quando o fizeram, fecharam a entrada do Parque ou buscaram a Prefeitura para fazer o mesmo, ou seja realizaram atividades que visaram atender apenas sua necessidade imediata: impedir a

passagem de estranhos. Sobre isso Bauman (2001) diz que um lugar público é uma rede muito maior do que apenas uma lista de desejos individuais ou de um pequeno grupo. Dessa maneira,

“vestir uma máscara pública” é um ato de engajamento e participação, e não um ato de descompromisso e de retirada do ‘verdadeiro eu’, deixando de lado o intercurso e o envolvimento público, manifestando o desejo de ser deixado só e continuar só (p.112).

Desta maneira, os residentes da Rua Belarmino parecem entender suas ações (como o fechamento do Parque) como “atitudes para o bem público”, o que lhes livraria do compromisso de estarem sempre vigilantes em relação ao local. Porém não estariam eles reduzindo esse bem comum, representado pelo espaço público do Parque, em um agregado de interesses e propósitos individuais de um pequeno grupo de pessoas?

## **5.6 - Alguns deslocamentos de olhares**

Ao longo das narrativas, das entrevistas e fotografias, estão tecidos diferentes olhares em relação ao Parque que até aqui, juntamente com as minhas análises, talvez tenham mostrado a você, leitor, os diferentes “não gostar do Parque”, os motivos pelos quais meus entrevistados se mostram avessos ao local. Porém, me surpreendi ao perceber que em alguns momentos dessas diferentes formas de discurso há sim alguns desvios desses olhares que conseguiram ver algo além da imagem de abandono e insegurança que os moradores vinham demonstrando em suas falas.

### 5.6.1 - A beleza do Parque



**Figura 10:** “Gosto do lugar, pois ele é muito bonito.”  
(Fotografia e trecho da narrativa de C, p.108).

Em meu primeiro contato com C ele havia dito que não gostava do Parque<sup>42</sup>. Quando recebi seu texto, fiquei feliz ao perceber que entre algumas repetições das falas anteriores (que descreviam visões negativas em relação à Unidade de Conservação), algo na narrativa de C havia mudado. Ele fotografou uma imagem muito característica do Parque: uma grande e bela árvore que fica ao lado do tanque usado por muitos para tomar banho. Talvez tenha escolhido essa imagem como símbolo da beleza do Parque e, em seu texto, disse que gostava do local por ele ser bonito. Dessa maneira, acredito que, mesmo que C tenha repetido algumas falas, essa pequena mudança em seu discurso já mostra que ele conseguiu olhar um pouquinho acima do “muro” que separa o “Parque abandonado” do “Parque que possui detalhes que merecem ser apreciados”.

---

<sup>42</sup> Ver Caderno de Campo, diário do dia 14.10.2007, entrevista 3.

Pude perceber também que aconteceu algo muito semelhante com **J**. Quando conversamos pela primeira vez ele me disse que o Parque, em sua opinião, não servia para nada, a não ser para receber os “malas”<sup>43</sup>. Porém quando ele confeccionou seu texto sua narrativa já muda um pouco. Ele passa de um sujeito que vê o Parque como um espaço sem serventia para um personagem que é “grande admirador do local”. E para ilustrar isso escolhe a imagem que ele produziu da mesma árvore que **C** fotografou.



**Figura 11:** “Nasci aqui mesmo, ao lado do Parque, sendo um grande admirador do local, o qual possui um imenso manguezal”  
(Fotografia e trecho da narrativa de **J**, p.107).

### 3.6.2 - O Parque como lugar de lazer

Outro deslocamento importante que percebi nas narrativas dos moradores é que alguns sujeitos pedem mudanças no Parque além da vigilância. Desejam também que o lugar próximo a sua casa possa ser um lugar de lazer, onde suas famílias possam passear. Querem ver de volta as marcas humanas representadas em forma de bancos e trilhas, porém já anseiam por uma proximidade com o Parque, não mais aquela distância

---

<sup>43</sup> Ver Caderno de Campo, diário do dia 30.03.2008, entrevista 2.

que havia quando coletei os primeiros depoimentos. Alguns entrevistados passam a perceber algumas “vantagens” de ter perto de si um pouco de verde para fugir da agitação da cidade.



**Figura 12:** Eu queria que o Parque fosse um lugar onde a gente pudesse passear e levar as crianças, como nessa foto que eu tirei. Que a gente pudesse aproveitar o lugar para passear, que tivesse pedalinho nos tanques para as crianças brincarem e que colocassem de novo bancos em volta dos tanques para sentar.

(Fotografia e trecho da narrativa de **M**, p.108).



**Figura 13:** Quem não gostaria de ter um lugar no centro da cidade para passear e ver a ecologia preservada?  
(Fotografia e trecho da narrativa de **L**, p.105).

### 5.6.3 - Outras marcas humanas...

A narrativa e as fotografias de **N** foram as que mais me surpreenderam. Enquanto esperava que seu **N** me enviasse suas imagens, fiquei imaginando que, a exemplo dos demais moradores, ele também teria representado os fatos que ele tão enfaticamente havia falado sobre o Parque em nosso primeiro encontro. Talvez você leitor lembre-se que **N** disse que o Parque tem o mesmo sinônimo de praça. Dizia ele que havia mato demais no Parque. Agora, você leitor pode imaginar como foi grande a minha surpresa ao receber a narrativa e imagens que se seguem:

Há muito pouco tempo nós tínhamos uma situação muito parecida com as imagens colocadas a esquerda, apresentando somente imagens da natureza.

Hoje, com a chegada de novas empresas, novas pessoas passaram a residir em Palhoça, com isso começamos a conviver com novas imagens, ou seja, a mistura da natureza com a presença de construções, de grandes prédios de apartamentos para poder abrigar a todos que escolhem Palhoça para morar ou trabalhar.

Infelizmente cada vez mais teremos que ver a mistura da obra de Deus com a obra do homem.



**Figura 14** (Figuras da esquerda): “Há muito pouco tempo nós tínhamos uma situação muito parecida com as imagens colocadas a esquerda, apresentando somente imagens da natureza.” (Fotografia e trecho da narrativa de N)

**Figura 15** (Figuras da direita): “Infelizmente cada vez mais teremos que ver a mistura da obra de Deus com a obra do homem.” (Fotografia e trecho da narrativa de N)

N viu algo que nenhum dos moradores havia visto. Viu outras marcas além daquelas que os moradores repetiram tantas vezes ao longo das suas narrativas (as visões negativas do Parque) e surpreendentemente caracterizou essas novas marcas como “ruins”. Ele viu além dos limites do Parque onde a cidade crescia a um ritmo acelerado. Os prédios que estão ao fundo das árvores são bastante recentes e, como N falou, surgem com o crescimento da cidade, que como em tantos outros lugares, pressiona o pouco de verde que resta. Talvez para ele, depois da nossa conversa, o Parque não mais se configure como uma praça, já que ele diz que infelizmente teremos que ver a mistura da obra de Deus, representada para ele como a natureza, com a obra do homem, como os prédios. Quem sabe N, ao se juntar voluntariamente à pesquisa já

estivesse predisposto a aprender coisas diferentes em relação ao Parque ao lado da sua casa, estivesse aberto à mudanças em suas próprias visões.

## 6. Capítulo final: Desejos e reflexões

Quando estava finalizando a pesquisa e revisando meus materiais para finalmente terminar meu trabalho, reli uma reportagem sobre o Parque Municipal que foi publicada no Jornal Palavra Palhocense.<sup>44</sup> Guardei esse jornal porque **R** e **J** durante nossas conversas haviam dito que deram entrevista a uma jornalista que perguntava sobre o Parque. Mesmo depois de ter lido a reportagem não dei muita atenção a ela, já que nunca dei muito “crédito” a este jornal. Porém, quando reli a matéria, vários pontos me chamaram a atenção. Primeiramente os moradores que foram entrevistados para a montagem da reportagem, como disse anteriormente, foram os mesmos que entrevistei e eles reforçam, sob os mais diferentes aspectos, as narrativas que coletei para a minha pesquisa. Mas, o que me deixou realmente curiosa foi um dos subtítulos da reportagem que dizia “Melhorias iniciam em 90 dias”.

O texto que se segue a esta frase descreve um certo projeto de revitalização do Parque, que incluiria iluminação e trilhas suspensas e que precisaria de uma demanda de 500 mil Reais para ser realizado. O texto informa ainda que o dinheiro necessário para que as obras se iniciassem já estaria em posse da Prefeitura Municipal de Palhoça. Lendo isso muitas perguntas surgiram em minha cabeça: será que fizeram alguma pesquisa para saber que tipo de Parque as pessoas queriam? Que tipo de estruturas seriam construídas? Esse projeto realmente estava para sair do papel ou seria mais uma promessa politíqueira? A reportagem já havia sido feita no início do mês de abril e, um mês e meio depois, não percebi nenhum sinal de que o projeto seria posto em prática. Liguei então para a fundação Cambirela de Meio Ambiente da Prefeitura Municipal de Palhoça e um funcionário chamado **Z** me convidou para ir até a Prefeitura para conversarmos sobre o projeto.

Na Fundação Cambirela encontrei **Z** a minha espera. Ele é geógrafo e já trabalha há bastante tempo na Prefeitura (pelo menos desde a gestão anterior). Perguntei a ele se podia gravar a conversa e ele disse que não. Fiquei um pouco chateada, mas, entendi seus motivos. Ele então me mostrou uma pasta que continha o projeto de revitalização do Parque (orçamentos e plantas baixas).

---

<sup>44</sup> Essa reportagem se encontra no ANEXO VI.

O projeto prevê a construção de trilhas suspensas e decks para a visitação do manguezal, trilhas interpretativas que iriam margear alguns dos tanques, iluminação com fiação subterrânea, sede que incluiria sala de aula para receber visitantes, laboratório de pesquisa, banheiros públicos e, o que eu achei muitíssimo estranho, uma sede para a secretaria de Meio Ambiente de Palhoça – a Fundação Cambirela.

Perguntei então para **Z** se aquele projeto estava sendo feito de acordo com alguma pesquisa com os moradores de entorno do Parque, se eles estavam levando em consideração a opinião das pessoas sobre como elas gostariam de ver aquele local. Ele então me disse que no ano de 2003 algumas assistentes sociais estavam fazendo pesquisas sobre as condições de habitação de alguns residentes das margens do Parque no Bairro Barra do Aririú. Durante essas visitas elas teriam perguntado a estes sujeitos sobre a Unidade de Conservação e, a partir dessas breves entrevistas, a Fundação de Meio Ambiente teria tido algumas “idéias” para o projeto. Argumentei que o projeto de revitalização seria feito na área de “sede”, bem longe daqueles moradores que foram entrevistados pelas assistentes sociais e que os principais afetados (ou beneficiados) pelas mudanças, não seriam estas pessoas, residentes do Bairro Barra do Aririú, e sim os moradores da Rua Belarmino Antônio da Silva. Então ele disse que não poderia construir algo para servir de área de lazer apenas para os moradores de uma Rua, que não era só a opinião dos habitantes da Rua Belarmino que importava. Mas eu pensei: claro que não importa apenas a opinião deles, mas a Prefeitura nem ao menos fez um pequeno esforço para ouvi-los!

Claro que sei que “melhorias” no Parque devem beneficiar todos os munícipes, mas não posso deixar de pensar que a ligação mais direta com as mudanças aconteceriam ali, já que o projeto, como o próprio **Z** disse, foi criado pensando apenas na área no fim da Rua Belarmino, visto que o restante do Parque é manguezal que possui uma série de restrições de uso. **Z** então falou que, em relação à situação dos residentes daquela região, a maneira como o Parque estava sendo pensado atenderia às “aflições” dos moradores. Eu fiquei então, por alguns instantes, pensando no que eu tinha aprendido com aquelas pessoas. Será que, como **Z** dizia, iluminação e trilhas suspensas iriam mudar o modo como meus entrevistados viam o Parque?

Continuamos conversando sobre o Parque. **Z** falou que os moradores da Rua Belarmino Antônio da Silva tinham razão de se sentirem prejudicados, pois o Parque, abandonado como estava, oferecia riscos “reais” à população da região, visto que o fluxo de drogados e marginais que iam até lá era muito grande. Disse ainda que com a

iluminação o movimento dessas pessoas cairia. Nesse momento eu fiquei imaginando se **Z** pensava que os frequentadores do Parque eram espécies de “vampiros” que fugissem da luz, afinal para mim a iluminação isoladamente talvez só aumentasse o período que as pessoas utilizariam o local.

Ainda falando sobre o projeto do Parque ele falou que não queria que “os Tanques” virassem uma praça, muito menos uma como a Praça do Centro de Palhoça: um local de desocupados. Queria que o Parque se tornasse um local que pudesse ser usado pela população para realizar caminhadas, para uma visita, para estudos de escolas.

Perguntei então a **Z** se realmente o tal projeto iria sair dentro de noventa dias como relatava o jornal e se a verba estava mesmo na Prefeitura. **Z** relatou-me que os 280 mil Reais necessários para a reforma do Parque (não seriam 500 mil como o Jornal disse?) ainda não haviam chegado à Fundação, pois este dinheiro vinha do Governo Federal como compensação pelas obras de duplicação da BR101 (mas o dinheiro já não estava na prefeitura segundo o Jornal?). Logo, não havia previsão para o início das mudanças e na realidade, nem ele, nem quaisquer funcionários da Fundação Cambirela, haviam analisado o Projeto a fundo para aprová-lo. Questionei então se ele sabia quem havia dado aquelas informações ao Jornal, ele apenas “deu de ombros”, sem mais palavras.

Continuando nossa conversa, indaguei também de quem era a responsabilidade pelo Parque no momento. **Z** contou-me que o local estava sob “administração”<sup>45</sup> da Secretaria de Obras, e que eles eram meio ignorantes<sup>46</sup> para fazer o serviço. O cuidar do Parque para eles, como **Z** narrou, consiste apenas em capinar o local, até mesmo com fogo, e deixar mais livre a passagem para carros que vai da entrada do Parque até aproximadamente a metade da sede (ver mapas, ANEXO VII). Falou também que a Prefeitura tem insistido para que a polícia militar realize rondas mais frequentes no Parque – o que os moradores dizem que não está acontecendo.

Ao fim da nossa conversa sai bastante desanimada, afinal, as minhas suspeitas haviam se confirmado: era mais uma promessa politiqueira, ainda mais que estamos em

---

<sup>45</sup> Estas aspas são do próprio Marcos. Enquanto ele falava fez sinal com os dedos. Provavelmente querendo me indicar que a Secretaria de Obras tinha a obrigação de cuidar do Parque no momento. Mas estava longe de cumprir sua obrigação efetivamente, como eu pude comprovar depois de todas essas minhas visitas ao Parque nos últimos meses.

<sup>46</sup> Termo usado pelo próprio Marcos.

ano de eleições municipais. Refleti também sobre o papel do Jornal Palavra Palhocense: será que eles haviam “mentido” só para acalmar o povo da Rua Belarmino e melhorar a imagem da administração atual do município? Fiquei bastante preocupada com isso e um pouquinho satisfeita de ter ido lá: afinal, será que eu havia instalado uma “pulga atrás da orelha” de **Z**? Será que ele refletiria sobre a omissão da Fundação Cambirela ao não ouvir a opinião dos moradores mais uma vez, como não ouviu quando da criação do Parque?

Depois de ter vivido alguns momentos com os moradores, não posso deixar de dizer que simpatizo com eles e que fico triste que eles não tenham sido consultados para a realização de um projeto no Parque. De vez em quando encontro algum dos meus entrevistados no mercado, na rua, na farmácia, e então eles sempre me perguntam: como vai seu trabalho? Acho que nessa pergunta também há a pergunta: quando você vai retornar esse trabalho para nós? Será que o que eu fiz vai ajudar a mudar a situação do Parque?

Por mais que discorde da maioria das visões que os meus entrevistados têm do Parque, depois desse trabalho não posso deixar de entendê-los.

Esperava que com meu trabalho eu pudesse realizar mudanças, deslocamentos nos modos como os moradores viam o Parque. Esperava que ao fim deste trabalho, escrevendo este capítulo, eu pudesse estar falando dos excelentes resultados da minha pesquisa, das grandes mudanças que eu proporcionei. Talvez tenha sido ilusão, ingenuidade promovida pelo meu grande desejo político de ver o Parque em uma situação melhor do que a que se encontra atualmente – em abandono. Mas o que seria desse trabalho se não tivesse sido movido por essa vontade de mudar, de ajudar as pessoas – e a mim mesma - a encontrar outros olhares?

Porém, não posso deixar de ressaltar que aconteceram sim mudanças nas visões destes moradores. Mesmo que as nuances entre as falas de antes e as narrativas após o meu trabalho sejam pequenas. Pequenas, mas acredito que essas acanhadas diferenças entre o antes e o depois já representem uma diminuta chama que poderá impulsionar os moradores a buscar um Parque que concilie seus desejos e as necessidades daquele ambiente.

Posso dizer ainda que provavelmente fui eu quem sofreu o maior deslocamento de olhar, talvez não sobre o Parque, mas sobre eles, os moradores da Rua Belarmino Antônio da Silva. Antes aqueles sujeitos sem rostos, sem história, representavam pra mim apenas uma triste realidade de pessoas desinformadas que não gostavam do

Parque, sujeitos cegos à beleza do lugar. Hoje eles são pra mim cores vivas, vozes vibrantes, pelas quais a sociedade fala e que trazem em suas histórias, queira eu ou não, motivos e significados que me fizeram repensar o Parque, minha história, minhas próprias falas e atitudes. Depois de tudo isso, de ter escrito esta história eu faço a pergunta a mim mesma: o que eu acho do Parque? O que ele significa para mim?

Difícil responder a esta questão em poucas palavras. Por isso, para respondê-la e finalizar este trabalho resolvi contar uma outra história, criar outras legendas para as fotografias dos moradores. Afinal o que importa não são as lentes, mecânicas ou culturais, mas sim, quem vê através delas.

## 6.1 - O Parque para mim.

Logo ali, atravessando a rua, existe um lugar. Um Parque. Vazio para muitos e cheio para outros poucos. É um lugar que insiste em resistir, que insiste em se manter, mesmo com a frieza dos muros que o pressionam.



Mesmo que para muitos este lugar só sirva para passar, para esconder, para sujar.



Mesmo que muitas vezes este lugar permaneça esquecido por tantos. Esse lugar continua lá para quem sabe olhar...



É só aprender a ver que neste lugar a vista se enche de pequenos detalhes. Aprender que há muito além do vazio, do abandono que de tão abandonado por tudo em volta se perde

e então você percebe... Detalhes de cores, de sons, de aromas, de texturas. É só querer ver...



As pequenas ondas que encrespam a superfície da água, as multiplicidades de tons de verde que compõe as copas das árvores, os pequenos insetos pululando por sobre o capim, as aves que cantam delicadamente em lugares escondidos, os peixes que saltam e estalam sobre as águas, a sombra de árvores sob a qual sentar e deixar o mundo esperar.



Porque o restante do mundo é logo ali, com as buzinas dos carros, o ranger das portas, o grito das sirenes, as lamentações daqueles que esqueceram que logo ali, ali pertinho, a alguns passos há um outro caminho. Um caminho para desviar outros caminhos e deixar-se passar. Um caminho pelo qual passear e ir deixando para trás o peso da vida em roda viva, que se esquece da vida em harmonia que está ali, bem ali naquele pequeno descaminho.



Caminho por onde um dia, com certeza, muitos vão passar.

Para ver e conhecer. Ensinar e aprender.

Onde passarão pais com seus filhos.

Onde as pétalas de flores estarão abertas.



Onde professores irão caminhar com seus alunos.

Onde aves voarão para fazer seus ninhos.

Onde pesquisadores farão suas descobertas.

Onde borboletas sairão dos seus casulos.

Onde políticos passarão para cumprir suas promessas.

Este, um dia, será um lugar, não mais vazio de sensações boas. Será um lugar não mais lembrado pelo desgostar. Mas sim pela sua vivacidade, pela sua beleza, pelo bem que irá trazer para toda a natureza, bicho, planta, gente.

## Referências:

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **História: a arte de inventar o passado**. Bauru – EDUSC, 2007. 254p.

BARCELOS, Valdo. **Antropofagia cultural e educação ambiental – contribuições à formação de professores (as)**. Anais da 28ª Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação em Educação, Caxambu, 2005. Disponível em <<http://www.anped.org.br/reunioes/28/textos/gt22/gt221091int.rtf>>. Acesso em: 04 de novembro de 2007.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro – Jorge Zahar, 2001. 260p.

BRÜGUER, Paula. Visões estreitas na educação ambiental. **Revista Ciência Hoje**. Rio de Janeiro - nº 141, vol. 24, p.63 – 65, agosto de 1998.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico**. São Paulo – Cortez, 2004. 256p.

FILHO, Luiz Vasconcelos da Silva; TONSO, Sandro. **Vivência fotográfica e Complexidade: a fotografia como meio para entender a complexidade do Ribeirão Pires**. Anais do V Congresso Ibero-americano de Educação Ambiental, Joinville, 2006. Disponível em <[http://www.5iberoea.org.br/artigos/i\\_fichatrabalho.php?id=1203&a=a.html](http://www.5iberoea.org.br/artigos/i_fichatrabalho.php?id=1203&a=a.html)>. Acesso em: 04 de novembro de 2007.

FRANÇA, Andréa. Ser imagem para outro. In.: MEDOLA, Ana Silvia Lopes Davi; ARAUJO, Denize Correa; BRUNO, Fernanda. **Imagem, Visibilidade e Cultura Midiática**. Porto Alegre – Sulina, 2007. 47-61p.

GRÜN, Mauro. Uma discussão sobre valores éticos em Educação Ambiental. **Educação & Realidade**. Porto Alegre - nº 2, vol. 19, p. 171-195, Julho e Dezembro de 1994.

GUIMARÃES, Leandro Belinaso. A natureza da arena cultural. **Jornal "a Página"**. Portugal: ano 15, nº 155, p. 7, Abril de 2006. Disponível em: <<http://www.apagina.pt/arquivo/Artigo.asp?ID=4517>>. Acesso em: 01 de novembro de 2007.

**JANELA da alma.** Direção e produção de João Jardim e Walter Carvalho. Brasil: Europa Filmes, 2003. 1 DVD (73 minutos), son.,col., legendado/dublado.

MICHELON, Francisca Ferreira. O mundo reconstruído em prata revelada: a discussão da fotografia como recurso e resultado do olhar investigativo. In: GALIAZZI, Maria do Carmo; FREITAS, José Vicente. **Metodologias emergentes em educação Ambiental.** 2ª Ed. Ijuí – Editora Unijaí, 2007. 216p.

**NASCIDOS em Bordéis.** Direção e produção de Zana Briski e Ross Kauffman. Índia/EUA: Focus Filmes, 2004. 1 DVD (85 minutos), son., col., legendado/dublado.

OLIVERIRA, Marília Flores; OLIVEIRA, Seixas Orlando J. R. de ; BARTHOLO, Roberto. **Da Representação Simbólica ao Princípio da Responsabilidade: Linguagem Fotográfica e Educação Ambiental.** Anais do III Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação em Pesquisa em Ambiente e Sociedade – Brasília, 2006. Disponível em: <[http://www.anppas.org.br/encontro\\_anual/encontro3/arquivos/TA114-02032006-185600.DOC](http://www.anppas.org.br/encontro_anual/encontro3/arquivos/TA114-02032006-185600.DOC)>. Acesso em: 04 de novembro de 2007.

OZ, Amós. **De repente, nas profundezas do bosque.** (1939) São Paulo – Companhia das letras, 2007. 141p.

RESES, Gabriela de Leon Nóbrega. **Metodologias de Educação Ambiental: a água como um tema gerador.** Trabalho de Conclusão de Curso/ Ciências Biológicas. Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. 2007. 97p.

RIBAS, Maria Cristina. Depoimentos à meia luz: a *Janela da Alma* ou um breve tratado sobre a miopia. **ALCEU.** Rio de Janeiro, v.3, n.6, p. 65 a 78, janeiro/julho de 2003. Disponível em <[http://publique.rdc.puc-rio.br/revistaalceu/media/alceu\\_n6\\_Ribas.pdf](http://publique.rdc.puc-rio.br/revistaalceu/media/alceu_n6_Ribas.pdf)>. Acesso em: 25 de outubro de 2007.

ROSÁRIO, Lenir Alda do Rosário (coord.). **A natureza do Parque Estadual da Serra do Tabuleiro.** Florianópolis – FATMA, 2003. 128p.

SAMPAIO, Shaula Maíra Vicentini. **Notas sobre a “Fabricação” de Educadores/as Ambientais: Identidades sob Rasuras e Costuras.** Dissertação de mestrado / Curso de pós-graduação em educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, 2005. 201p.

SILVA, Eduardo Hermes. Motivação e envolvimento comunitário para conservação da natureza no entorno do Parque Estadual da Serra do Tabuleiro: abordagem conceitual metodológica. **Tecendo subjetividades em educação e meio ambiente**. Florianópolis: NUP/CED/UFSC, 2003. 23 – 39p.

SILVA, Sílvio Domingos Mendes da Silva. **Percepção sobre o meio ambiente por parte de migrantes no manguezal do Município de Palhoça – SC**. Dissertação de mestrado / Curso de pós-graduação em Agrosistemas. Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, 2005. 131p.

SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. A entrevista na pesquisa em educação – uma arena de significados. **Caminhos investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação**. Rio de Janeiro - DP&A Editora, 2007. 119 – 141p.

WUNDER, Alik. **“Encontro de águas” na Barra do Ribeira: Imagens entre experiências e identidades na escola**. Dissertação de mestrado / Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas – Unicamp. 2002. 214p.

WUNDER, Alik; SPEGLICH, Erica; CARVALHO, Fabiana Aparecida de; AMORIM, Antônio Carlos R. de Amorim. A educação ambiental: entornos pós-modernos. **Pesquisa em Educação Ambiental**. São Carlos - nº 2, vol. 2, p. 67-87, julho- dezembro de 2007.

ZANCO, Janice. **Vidas e trilhas na lagoa do Peri**. Trabalho de Conclusão de Curso/ Ciências Biológicas. Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. 2002. 107p.

**ANEXO I – Decreto de criação do Parque.**

**DECRETO Nº 428/96**

**CRIA O PARQUE ECOLÓGICO MUNICIPAL DE PALHOÇA E DÁ OUTRAS PROVIDÊNCIAS**

REINALDO WEINGARTNER, Prefeito Municipal de Palhoça, no uso de suas atribuições que lhe confere a Lei nº 447/96, de 29 de abril de 1996.

**DECRETA:**

ARTIGO 1º - Fica criado nos termos do artigo 5º alínea “A” e Parágrafo único, da Lei Federal nº 4.771 de 15/09/65, o Parque Ecológico Municipal de Palhoça.

ARTIGO 2º - Para fins deste Decreto, entende-se por Parque Ecológico Municipal de Palhoça, a área de Mangue a ser demarcada no prazo de 90 (noventa) dias a contar da data de sua publicação.

PARÁGRAFO 1º - O Poder público ficará incumbido de demarcar fisicamente os limites do Parque, bem como promover a devida fiscalização para que este Decreto seja cumprido.

PARÁGRAFO 2º - A demarcação física do parque será feita através de mourões, os quais não poderão ser arrancados, derrubados, mudados de lugar, ou servir para outras finalidades.

**ARTIGO 3º - OS OBJETIVOS DA CRIAÇÃO DO PARQUE SÃO:**

I – Preservar o patrimônio natural representado pela Fauna, Flora e Paisagem, de modo que possa utilizado como área de interesse ecológico e de pesquisas científicas.

II – Aproveitar as condições peculiares de sua paisagem natural e cultural para o adequado desenvolvimento de atividades educativas, de lazer e recreação.

III – Promover a recuperação da cobertura vegetal típica da região, em área que se fizer necessária.

ARTIGO 4º - Aplicam-se ao Parque Ecológico Municipal de Palhoça todas as disposições pertinentes aos parques, contidas nas legislações Federal, Estadual e Municipal, ficando o Executivo Municipal, autorizado a celebrar convênios com entidades Federais, Estaduais, buscando alcançar os objetivos fixados neste Decreto.

ARTIGO 5º - A área atual do Parque passa a ser Área de Preservação Permanente.

ARTIGO 6º - É proibido em toda e extensão do Parque, o parcelamento do solo, abertura ou prolongamento de vias, aterro e qualquer tipo de edificação.

PARÁGRAFO ÚNICO – Executa-se no disposto do “caput” deste artigo, as construções necessárias para a implantação dos equipamentos públicos imprescindíveis à operacionalização do Parque e ao uso público, sendo as mesmas integradas à paisagem e compatíveis com a preservação do patrimônio natural e cultural; bem como as construções exclusivamente para pequenas embarcações de pescadores artesanais.

ARTIGO 7º - O sistema viário do Parque compor-se-á, preferencialmente, por caminhos e trilhas de pedestres, já existentes e por rios e canais do sistema hídrico do Parque.

PARÁGRAFO ÚNICO - O acesso, a circulação e a permanência temporária de visitantes na área do Parque serão admitidos em condições a serem fixadas por regulamento próprio, ressalvando o que dispõe este Decreto.

ARTIGO 8º - Fica expressamente proibida a supressão ou corte de qualquer espécie vegetal da área do Parque, salvo para fins educacionais e/ou científicos, mesmo assim quando devidamente autorizado pela Administração do parque.

ARTIGO 9º - É expressamente proibida a prática de qualquer ato de caça, perseguição, apanha, coleta, aprisionamento e abate de exemplares da fauna do Parque.

PARÁGRAFO 1º - Esta proibição não abrange a pesca de subsistência ou de recreação de superfície, respeitadas as normas e restrições específicas dos setores de fiscalização pesqueira.

PARÁGRAFO 2º - É proibido introduzir animais domésticos em toda área do parque.

ARTIGO 10º - Os usos e atividades permitidos na área do Parque são:

I – Estudos científicos, mantendo-se intactos todos os elementos naturais.

II – Atividades de lazer e recreação, em áreas a serem fixadas por regulamento do Parque.

III – Administração do Parque.

- Fiscalização e Sinalização

ARTIGO 11º - A Secretaria de Meio Ambiente, Migração e Habitação da Prefeitura Municipal de Palhoça, caberá a gestão técnica, administrativa e operacional do Parque, fiscalizando através do seu corpo de fiscais o cumprimento do disposto neste Decreto e na legislação em vigor, podendo aplicar autos de infração, multas, apreensão e outras penalidades inerentes, ao Poder de Polícia Administrativa.

ARTIGO 12º - Em toda extensão do Parque é proibido jogar lixo domiciliar ou comercial, detritos, entulhos e efluentes líquidos poluentes, sob pena de multa.

ARTIGO 13º - Este Decreto entrará em vigor na data de sua publicação revogadas as disposições em contrário.

Palhoça, 13 de maio de 1996.

**ANEXO II: Termo de Consentimento livre e Esclarecido**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO

**Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**

Eu, .....,  
concordo de livre e espontânea vontade em participar como voluntário(a) no Projeto de Pesquisa sobre o Parque Ecológico Municipal de Palhoça que me foi esclarecido pela acadêmica responsável pelo trabalho. Fui esclarecido(a) sobre a justificativa, objetivos e procedimentos que serão utilizados na pesquisa; sobre o fato que este é um projeto de pesquisa que não tem fins lucrativos; e que as fotografias e textos produzidos por mim poderão ser utilizados pela pesquisadora em seu Trabalho de Conclusão de Curso, sendo a minha identidade mantida em sigilo.

.....  
(Assinatura)

Palhoça, ..... de ..... de 2008.

Pesquisadora responsável: Juliana Evelyn dos Santos

Orientador: Leandro Belinaso Guimarães.

UFSC / CED / MEN / Grupo de Estudos Tecendo.

Contato: 3721-2212

### **ANEXO III - Caderno de Campo.**

Apresento aqui algumas partes do meu caderno de campo. Ele documenta o início da minha pesquisa, em tom de narrativa, como um diário. Optei por não apresentá-lo em sua versão completa neste trabalho pois, em alguns trechos ele envolve o nome de pessoas e situações que considero um pouco “delicadas”, pois geralmente envolvem críticas à prefeitura. Aparecem aqui então praticamente apenas trechos que contenham as minhas impressões e no caso da transcrição das entrevistas com os moradores da Rua Belarmino João da Silva, acredito que a mudança de nome para a representação por uma letra já é suficiente para não colocar a imagem de meus entrevistados em risco. Enfim, estes “cortes” visam simplesmente evitar que este trabalho seja fonte de conflitos.

#### **Das buscas por informações iniciais.**

##### **Diário do dia: 05.09.2007**

Fui até a Prefeitura buscar informações sobre o Parque e me encaminharam para o Setor de Meio Ambiente – Fundação Cambirela. Fiquei um tanto decepcionada. Notei um pouco de despreparo no atendimento dos estagiários, pareciam saber pouco ou quase nada em relação ao Parque. Não sei se eu esperei demais em relação a isso, ou se realmente minha decepção em relação à falta de informações já deveria ser esperada. Conversei com um dos meninos (eram dois ali no momento) e perguntei se ele poderia me fornecer algum tipo de material sobre o Parque, como documento de fundação, projetos realizados pela prefeitura no local, etc. E para mais desapontamento ele me disse que isso só seria possível com uma conversa com o secretário, o Jean. Pediu então que eu voltasse no outro dia, entre 13:30 e 15:00 horas. Ok.

##### **Diário do dia: 06.09.2007**

Fui até a prefeitura novamente. O secretário não estava lá. Eu não marquei novo encontro, decidi insistir, mas sem hora marcada.

##### **Diário do dia: 12.09.2007**

Dia muito proveitoso. Conversei com o secretário de meio ambiente Jean. Ele não foi de muita ajuda, ouviu o que eu tinha pra dizer, sem um interesse aparente, fez um discurso político daqueles que choramingam todas as pitangas e os papéis das longas burocracias que impedem a prefeitura de agir mais efetivamente no Parque e, finalmente, indicou uma moça que iria me ajudar na procura dos documentos do Parque. Ela então me deu uma pasta – arquivo onde havia um monte de papéis em uma grande bagunça. A grande maioria era inútil e até bem triste, pois a grande maioria consistia em projetos (até interessantes) que não tiveram sucesso ou nunca foram implementados. O único documento que achei proveitoso é o documento do Decreto de criação do Parque. Nele notei coisas interessantes, como por exemplo, o fato de o Parque ter sido inicialmente demarcado com mourões. Ao comentar isso com a moça, ela me disse que vários destes mourões foram mudados de lugar, usados para fixar cordas varais, ou que até mesmo nem existem mais. Tudo isso obra dos moradores de entorno que queriam ampliar seus terrenos e avançavam sobre o Parque. Outro fato interessante é que o

decreto determina que o zoneamento do Parque deveria ser realizado em até três meses após a demarcação com os mourões. Até hoje, como eu suspeitava e como a moça lá da prefeitura confirmou, esse zoneamento não foi feito.

#### **Diário do dia: 26.09.2007**

Encontrei com a **T**<sup>47</sup> hoje, uma conhecida minha, quando ia à casa de uma amiga em comum. Durante a conversa fiquei sabendo que ela mora na Rua da Lotérica<sup>48</sup>. Comentei com ela que iria fazer um trabalho com os moradores daquela rua, então ela me falou várias coisas “interessantes”. Comentou de os assaltos no local que vêm aumentando ultimamente e, enquanto discorria sobre o assunto, parecia sempre remeter a violência à presença do Parque. Comentou também de um fato que havia acontecido há algum tempo atrás, há mais ou menos 3 anos, do qual eu lembro, quando os moradores fecharam a entrada do Parque por conta própria, para impedir o acesso de qualquer pessoa ao Parque e que eles pretendiam fazer isso novamente – havia rumores. Relatou também que apesar desses casos de violência as irmãs vão às vezes pescar nos tanques. Eu fiquei pensando se a atividade de pesca seria permitida dentro do Parque, e olhei o Decreto de criação e vi que no Artigo 9º<sup>49</sup> há uma colocação sobre isso. Este artigo determina que não pode haver atividades de caça, perseguição, apanha, coleta, aprisionamento e abate de exemplares da fauna do Parque. E, logo abaixo, o parágrafo 1º faz uma exceção a esta regra, dizendo que a proibição não abrange a pesca de subsistência ou recreação de superfície. Então, acho que as irmãs da Maria, afinal, não estão fora da lei.

#### **Diário do dia: 14.10.2007**

Hoje realizei algumas entrevistas preliminares para o meu trabalho. Escolhi este dia, em uma manhã de domingo, pois acreditava que seria o dia da semana em que eu encontraria maior número de pessoas em casa para serem entrevistadas e a suspeita se confirmou. Segue a transcrição delas.

#### **Entrevista 1.**

Entrevistados: H e B.

Descrição da situação: **H** possui 58 anos e **B** idade aproximada a esta. Fiz o primeiro contato com seu **B**, que estava cuidando da grama em frente à sua casa. Sua casa, pequena e bem simples de comparada às muitas outras da rua, é quadrada com fachada branca um pouco envelhecida, ao lado da casa um telhado se estica como em uma grande varanda onde havia uma mesa com algumas pessoas em volta, no que parecia o fim de um almoço em família. A casa fica bem próxima do início da rua e por isso um pouco mais afastada do Parque. Ao ouvir meus propósitos seu **B** chamou sua esposa, dona **H**, dizendo que a sua mulher, por passar mais tempo em casa, saberia falar melhor sobre o assunto. **H**, uma senhora com os cabelos um pouco grisalhos, veio parecendo meio que sem jeito, enxugando as mãos em um avental. Apesar de parecer um pouco retraída (talvez por estar falando a uma desconhecida e ainda tendo sua fala gravada),

---

<sup>47</sup> Letra escolhida para designar um dos sujeitos desta narrativa.

<sup>48</sup> Rua Belarmino Antônio da Silva.

<sup>49</sup> Ver ANEXO I.

foi simpática comigo. Enquanto conversávamos, eu de pé do lado de fora do quintal e dona **H** do lado de dentro, seu **G** continuou suas atividades. Assim, seguiu-se a entrevista:

**Juliana:** Qual a sua opinião em relação ao Parque ecológico? Ele não influi em nada?

**H:** Não, para nós é indiferente aquilo ali, porque as pessoas que passam aqui para nós eles não prejudica em nada. Nunca ninguém fez nada. Nunca, coisa que criança anda tudo aí. Menino tá aqui no portão eles nunca mexem, nem com o cachorro nada.

**Juliana:** Vocês visitam o Parque?

**H:** Não... Só ele (o marido) que leva o cachorro pra passear lá.

**Juliana:** Então para vocês é...

**H:** É como se não tivesse. Para nós tanto faz... Se tivesse, se não tivesse. É uma pena porque tudo que eles colocam lá, uma bancada, uma coisa eles destrói, né?

**Juliana:** Então a senhora acha que falta apoio da prefeitura?

**H:** Acho que tem que ter alguém pra ficar ali, pra vigiar. Mas quem é que vai querer ficar?

**G:** De vez em quando a polícia dá uma passada por ali.

**H:** Mas a polícia de vez em quando entra aqui pra dentro vai até lá trás e volta tudo, mas não pegam nada né... A gente... Eu já fui lá pra trás não tem? E tinha uma gurizada lá, moleque, mocinha, mas nunca mexeram com ninguém, nunca fizeram nada. Pode ir até lá colher goiaba e tudo lá tem bastante. Eles nunca incomodaram, tem gente que até fala muito deles, mas eu não posso dizer nada do pessoal que passa por aqui. Se eles querem usar drogas usam, eu não denuncio por isso eles não mexem comigo. Eles (os moradores) queriam até fechar o Parque, mas eu não concordo porque tem gente que não pode ir até a praia aí vai ali e toma banho, e a gente pega goiaba.

## **Entrevista 2:**

**Entrevistada: S.**

**Descrição da situação:** Meu contato com **S**, deu-se depois que conversei com um moço que estava na frente de sua casa e, um pouco a contragosto, chamou-a. Sua casa, localizada mais ou menos no centro da rua (entre o início e a entrada do Parque) é muito bonita, é uma casa grande com varanda, janelas grandes voltadas para a rua, fachada e jardins bem cuidados. **S** tem 30 anos e mora na Rua há 18 anos. Conversamos na frente de sua casa, enquanto sua filha brincava à nossa volta. Ela se mostrou muito interessada ao falar sobre o Parque e se mostrou disponível para próximos contatos. Segue a entrevista:

**S:** Depois que a prefeitura comprou e que ficou municipal só dá problema. Nós até fizemos um abaixo assinado pra ver se a prefeitura fechava o Parque, porque no verão a gente se incomoda um monte. O pessoal vai pra lá pra trás para se drogar. Eles matam aula e vão lá pra trás. Já falamos com a polícia pra fazer ronda. Só que até agora não tomaram providência. Botaram um portão pra fechar mas não resolve, não adianta mas não foi tomada providência nenhuma. O pessoal daqui todo mundo reclama, tu pode falar com quem tu quiser que ninguém... Até hoje a gente foi lá passear lá pra trás mas está assim bem abandonado e a gente nem vai porque tem medo né, porque os drogados vão para lá e tu só encontra seringa, camisinha, só essas coisas assim. Então é bem complicado. A gente que mora aqui, depois que a Prefeitura comprou acabou nosso sossego né. As crianças brincavam na rua até dez onze horas da noite antes quando era particular (a área da sede do Parque). Depois que a prefeitura comprou acabou o sossego assim.

**Juliana:** Mas era particular como? O que tinha ali?

**S:** Tinha um caseiro. Era de um senhor, tinha açude, tinha criação de peixe, de camarão, daí tinha um moço que cuidava. Era fechado, não entrava ninguém né, tinha um cachorro tudo. E depois a prefeitura comprou e daí bota “Parque Ecológico” mas não tem ecológico lá, não tem nada, porque infelizmente a gente não pode frequentar, não pode ir né.

**Juliana:** Mas nunca teve nada ali (depois de virar Parque), ninguém cuidando?

**S:** Não. Uma vez teve um pessoal dos escoteiros que foram lá trás e limparam, colocaram uns bancos mas não tem mais, acho que se tiver um banquinho é muito. Tem um banquinho ali no começo, o resto destruíram tudo. É só para bagunça mesmo, porque não tem família que vá lá para passear. A gente tem medo né. Sempre que vai tem que ter um homem junto. Hoje a gente foi, mas ir eu sozinha, eu... Quando ela era menorzinha a gente ia e ficava o dia inteiro lá, e hoje em dia não dá mais. A gente tem medo né. Não tem mais condições infelizmente, hoje, só dá problema.

### **Entrevista 3:**

**Entrevistados:** C e M (esposa de C)

**Descrição da situação:** Parei na frente de uma casa simples e com um quintal grande onde crianças brincavam. Aquele quintal causou-me um estranhamento pois ele era totalmente de cimento, era comprido e cinza que se completava com o branco e falta de detalhes da casa. As únicas cores que se destacavam no lugar era da roupa de domingo das crianças e da gritaria que elas faziam. Chamei uma menina pequenina que meio desconfiada, olhando-me com “o rabo do olho” foi chamar algum adulto. Lembrei-me que minha mãe sempre dizia para que eu não falasse com estranhos. Ela deve ter recebido a mesma instrução. Passado pouco tempo, um homem jovem veio me atender. A princípio C se sentiu pouco à vontade de conversar comigo, parecia meio tímido. Soltou-se mais logo depois sua esposa chegou. C tem 31 anos e mora há 30 na Rua da Lotérica, sua esposa, M, passou a morar ali após casar-se com C. Eles têm uma filhinha pequena, de uns quatro anos e um menino de oito. Conversamos em frente a casa deles, enquanto a menina, curiosa ficava ora no colo da mãe, ora no colo do pai.

**Juliana:** O que vocês acham do Parque?

**C:** Eu não gosto.

**M:** Eu não gosto porque passa muita gente assim... Pro morador assim não é muito bom, passa muito, muito maconheiro que vai lá só pra fumar maconha, essas coisa toda assim... Aí trás gente boa e trás gente ruim, pra rua, essas coisas, aí o roubo aumenta aqui.

**C:** É, é uma roubalheira, é demais.

**M:** É já roubaram aqui em casa tênis, essas coisa toda. Tem um lado bom também né. Se fosse uma coisa bem cuidada, mas fica ali jogado, não tem ninguém para cuidar. Se fosse bem cuidado era diferente.

**Juliana:** Você vai lá ao Parque?

**C:** Eu vou, de vez em quando eu vou... Às vezes vou lá pra pescar.

**Juliana:** E a menina você leva?

**C:** Às vezes eu levo, às vezes não. Só de dia assim, à noite eu vou pescar, aí eu vou com uns colegas. Mas de dia assim eu levo quando vou pra lá. E só isso que eu acho do Parque, assim, não tem mais muita coisa.

**M:** É... Eu quando venho almoçar em casa meio-dia, deixo meu filho aqui com a empregada a tarde, eu tranco tudo os portões porque a tarde vai tudo mala ruim lá pra trás. Eu não deixo ela na rua né porque passa gente mal encarada, essas pessoas ruins né e tem que deixar tudo trancado aí, porque eu tenho medo de eles invadir a casa, aí...

#### **Entrevista 4:**

Entrevistados: **L** e **D**.

Descrição da situação: **D** arrumava algumas telhas no terreno quando atendeu ao meu chamado e convidou-me para entrar. Sua casa localizada próximo ao Parque se estende no fundo do quintal, uma meia água, onde ao fundo se ouve a voz estridente de um papagaio e os estressados latidos de um cachorro – os dois parecem brigar. Na garagem conversamos um pouco e após ter explicado minhas intenções de pesquisa, ele chamou sua esposa, **L**. **L** ao saber do que se tratava ficou indignada e muito nervosa. A princípio recusou-se a falar, dizendo “não” repetidas vezes e muito alto. **D** tentava explicar a situação contrafeito até que ela ouviu e iniciamos a conversa na garagem da casa deles. **L** e **N** pareciam ter aproximadamente 40 anos e ambos moravam na localidade há 4 anos aproximadamente, ou seja, já conheceram a região como Unidade de Conservação. Segue a entrevista:

**D:** Ela tá fazendo pra dar uma entrevista aqui sobre o Parque ecológico.

**L:** Aaaaaaaaiiiii não eu já dei e falaram um monte de coisa que eu não falei. É mas a outra repórter veio aqui e falou um monte de coisa que eu não falei. Aquela Mariana. Falou um monte de coisa que nós não levamos as nossas crianças no Parque, o vizinho tem uma filha de 22 anos e outra de 15, e eu tenho uma de 14.

**Juliana:** Ela falou que vocês não levavam a criança ao Parque?

**L:** É...

**D:** Falar sobre o Parque?

**Juliana:** É, o que vocês acham do Parque, qual a influência que ele tem na vida dos moradores?

**D:** Pra gente não vale muita coisa, porque tá abandonado porque a Prefeitura deixou aquilo ali em estado de abandono. Não tem iluminação. Não tem é... As famílias da rua não podem frequentar... Só usa mais tráfico de drogas; pessoal usa muito pessoal com namorado, na verdade a finalidade que era para ter mesmo não tem. Parque ecológico que a gente conhece aí é todo fechado com um lugar pra estudo, aqui não tem né.

**Juliana:** É, bem isso que eu estou querendo, porque eu fiz um trabalho aqui no Parque com comportamento de preás e o pessoal roubou armadilhas, termômetro da Universidade. As meninas do grupo sempre tinham que ir acompanhadas com algum guri, então ficava bem complicado.

**L:** É, eu não vou ali sozinha.

**D:** Poucas famílias utilizam aquilo ali, poucas famílias.

**L:** Falaram que é bem movimentado assim no feriado, no verão, é bem movimentado.

**D:** É um pessoal da favela. Não é bem favela, é o pessoal do Caminho Novo. Mas , não é só pessoal ruim não, é também um pessoal que vai pescar. Mas famílias mesmo é bem raro, é bem pouco.

**L:** É... A gente não pode usufruir da beleza, porque diz que antigamente tinha muitos tanques... Só que não podes usufruir. Eu não vou ali sozinha.

#### **Diário do dia 30.03.2008**

Dando continuidade à minha pesquisa, hoje fui novamente a campo, buscar novas entrevistas e visitar novamente as pessoas que eu já havia entrevistado antes. Esta saída portanto, teve como objetivo, além de ampliar o leque de discursos sobre o Parque, conversar com as pessoas sobre a segunda etapa do trabalho: as fotografias e narrativas. Fui muito bem recebida na maioria das vezes. Porém em duas casas as pessoas que me atenderam mal quiseram me ouvir. Essas duas casas eram muito bonitas, grandes e com fachadas bem decoradas, situadas próximas à entrada da rua. Em

uma dessas, que se erguia em dois pavimentos atrás de um pequeno jardim onde tudo parecia minuciosamente em seu devido lugar, percebi movimentos dentro da casa e chamei, repetidas vezes. Depois de algum tempo (provavelmente quando perceberam que eu não iria desistir) finalmente me atenderam, com aquela cara de que “aqui não tem pão velho”. Estas “caras” são uma das coisas que me desanimam muito nas minhas andanças. Algumas pessoas não atendem ao chamado ou atendem de muita má vontade. Imagino que ao ouvir as palmas e os chamados pensem que é alguém pedindo esmola, um vendedor chato ou religioso querendo passar a sua fé. Aí eu até entendo e faço uma “anotação mental” para nunca fazer uma cara de “aqui não tem pão velho” para quem quer que seja. Assim, depois desses segundos de reflexão, tentei conversar com a senhora que me atendeu. Após eu ter explicado minhas intenções ela me perguntou:

- Você quer fazer isso para reabrir o Parque?

Juliana: Sim, pode ser que meu trabalho ajude o Parque a ser reaberto.

- A então eu não quero ajudar não. Não quero que aquela coisa seja aberta porque vai ter muito movimento aqui.

Segui então caminhando em busca de novas entrevistas...

### **Entrevista 1:**

Entrevistado: W e R

Descrição da situação: Bem próxima a casa de L está uma casa de dois pavimentos com um grande galpão do lado. O portão antigo estava sendo trocado por um novo que ao invés de grades tinha grandes placas de vidro para fazer limite com a rua. Porém a obra ainda não estava completa e havia livre acesso ao quintal. Um pouco temerosa, entrei no quintal e toquei a campainha que estava dentro de um pequeno Hall de entrada. Logo após apertar ouvir o dim-dom ao longe, um homem de aproximadamente 50 anos com cabelos grisalhos e usando óculos espiou-me da sacada do andar de cima, disse –me para esperar um pouco e logo após apareceu na porta da frente para conversar comigo. Não demorou muito e uma senhora apareceu na porta e parou ao lado dele. R, esposa de W, estava muito elegante de vestido e salto alto. Foi muito simpática e depois de alguma conversa insistiu muito para que eu entrasse em sua casa para que ficássemos mais a vontade. De início recusei, achei que não devia aceitar, já que às vezes fazemos ofertas que não esperamos que as pessoas aceitassem, mas as fazemos por boa educação. Pensei que fosse o caso, afinal eu era uma estranha e a maioria das pessoas não convida uma estranha para entrar na sua casa. Além disso, antes de sair de casa, Leandro me alertou para não entrar na casa de ninguém, porque poderia ser “perigoso”. Quando ele me falou isso achei engraçado e até um pouco bobo, mas frente à situação fiquei em dúvida. Apesar disso R insistiu, mas algumas vezes e por fim aceitei. Ela e W conduziram-me até sua sala de estar, muito aconchegante com sofás macios e fotos de família sobre uma mesa. Serviram-me água e lá fiquei muito a vontade e assim a conversa se estendeu por bastante tempo.

**Juliana:** O que o senhor acha do Parque?

**W:** Bem, o Parque ali foi criado sem que ninguém aqui tivesse sido consultado. Ali no final da rua era uma propriedade particular, que eu não sei se ela (a prefeitura) desapropriou corretamente o proprietário. A propriedade tem uma área de mangue que é de preservação, só que ficou abandonado serviu só pra droga, pra prostituição e tem menores ali se envolvendo com drogas tudo isso tem ali. A gente até já reclamou várias vezes aí pra prefeitura, até botaram um portão ali, não sei se tá fechado ou não.

**R:** Oi. Boa tarde.

**Juliana:** Oi, boa tarde.

**R:** Queres entrar um pouquinho?

**Juliana:** Não, pode ser aqui mesmo. Tudo bem, obrigada.

**W:** E isso... Fez com que viesse muita malandragem aqui pra dentro. Até roubando as casas aqui eles já estão em função disso. E ficou totalmente abandonado e ninguém toma providência. Até no ministério público já foram lá reclamar, mas como é um órgão da prefeitura né... Eu acho que até poderia existir o Parque desde que fosse uma coisa organizada que tivesse alguém para tomar conta né... E foi abandonado...

**Juliana:** é que na verdade assim ó, eu trabalhei ali com os preás e esse meu trabalho de conclusão de curso surgiu justamente da necessidade que eu tive de quando eu trabalhei com preás porque era um grupo com várias meninas e só tinha um menino e nós tínhamos que fazer o trabalho sempre em duplas, só que a gente sempre tinha que ir com um menino ou com o meu marido porque nós não tínhamos coragem de ir sozinhas, sabe? Porque sempre tinha gente ali, roubaram material de pesquisa, termômetro, gaiola, tudo assim sabe? Então eu comecei a ver que o Parque que era para ser uma coisa boa para a comunidade, um local de conhecimento, tem sido como vocês mesmo dizem algo apenas para incomodar todo mundo.

**W:** É, a gente não tinha até então não se tinha registro de roubo nas casas, assalto, agora é constante. Passam esses malandros que não tem o que fazer né... E até os próprios alunos que vem para o colégio ai os pais pensam que eles estão no colégio e estão ali atrás usando drogas. Tem um monte de meninas adolescentes que fazem esse tipo de coisa. A gente mora aqui e vê elas passarem. Só que, a gente vai se envolver de que maneira? A prefeitura é que teria que tomar providência, não sei por que foram eles que desapropriaram. Até então o senhor que tinha ali....

**Juliana:** e você tem ouvido falar alguma coisa sobre a marina?

**W:** a isso é coisa de...

**R:** Marina?

**Juliana:** É porque eu ouvi o Ronério (prefeito de Palhoça) falando na TV que ia ter uma marina...

**W:** Isso não. O prefeito fala um monte, mas agir que é bom nada. O que é necessário eles não fazem.

**Juliana:** é eles criam um Parque e inventam de colocar uma marina, o que pioraria a vida dos moradores aqui desta rua. Imagina o trânsito de pessoas aqui...

**W:** Não tem estrutura para isso. Não tem infra-estrutura. Não tem rua que funcione. Como é que eles vão fazer isso? Acesso por onde? Já começa pela entrada da Rua que a prefeitura não tomou providência, fizeram as calçadas em cima da rua, sem espaço para nós entrarmos sairmos já é uma incomodação de vez em quando a gentes está se incomodando, nem em relação a isso eles tomam providência, agora vão fazer marina de que maneira? Eu acho que se está para fazer lá dentro de Florianópolis e nunca fizeram na capital eles vão fazer aqui?

**Juliana:** mas voltando ao Parque. De que maneira ele influencia na via de vocês? Vocês o visitam?

**W:** Olha, pra mim, pra nós não tem influenciado em nada...

**R:** Não!!!! Para nós só piorou.

**Juliana:** Só piorou?

**W:** é em função disso que eu te falei. Ficou muito vulnerável, serviu para quase nada.

**R:** Você está gravando? Então vem sentar aqui dentro.

**Juliana:** Tudo bem então.

**W:** Então ali era para ser uma área preservada não é? Porque ali tinha fruta tinha árvores de caju, goiaba, araçá, essas frutas silvestres. E daí invadiram e acho que até a folha dessas árvores eles comeram.

**R:** Fumaram as folhas de certo né?

\* Risos

**W:** Colocaram uns canos pra fazer lixeiro né, mas eles arrancaram e jogaram nas lagoas!

**Juliana:** é até o banco eles jogaram nas lagoas.

**R:** é veio esse pessoal e estragou tudo né. Quer dizer a intenção da prefeitura foi uma intenção boa né só que não deu o resultado que eles esperavam.

**W:** Eu acho assim né que querem fazer um Parque, abrir um portão e deixar abandonado não vale nada.

**R:** Ali teria que ter vigia né. Na verdade a prefeitura teria que tomar uma providência para ter vigia pelo menos. Olha já faz bastante tempo que eu fui ali atrás e eu fiquei horrorizada com o que eu vi. Assim porque a prefeitura tinha construído ali churrasqueira, banheiro né e aí tu vai ali e é até vergonhoso tu levar uma criança ali, pelas frases que tem ali escrito...

**Juliana:** é agora, já faz algum tempo que não há mesmo mais a casinha, que estava já bem pichada.

**R:** A é? É mesmo era tudo pichado cheio de palavrão tudo com uns desenhos assim eróticos, eram coisas assim horríveis. E até acredito que já teve uma época aí que foi até bem pior que ia muito adolescente para ali e alguém da nossa rua tomou uma providência, chamou um juiz de menores e pediu para tomarem providências. Até parou por um tempo mas depois voltou tudo de novo.

**Juliana:** Uma vez já fecharam a entrada do Parque não é? Foram os moradores dessa rua não?

**R:** é isso, fizemos sim. Fomos nós, tivemos que fechar de tanto adolescente, porque eles vinham para a aula e daí eles realmente não vinham para a aula iam para ali né?

**W:** é aquele pessoal daquele outro colégio ali o Wenceslau<sup>50</sup> lá. Tinha dia assim que eles vinham em dezenas. Iam tudo para lá e depois voltavam.

**R:** Quando era uma propriedade particular lá tinha criação de camarão, tinha criação de peixe quer dizer se uma escola viesse ali fazer uma pesquisa acredito que o antigo dono não se incomodaria, pelo menos era uma propriedade particular que tinha que pedir permissão para entrar. Mas tinha muito mais fundamento para uma pesquisa do que agora. Quem é que vai ali para pesquisar agora?

**Juliana:** Ué, eu!

\* Risos

**R:** Pois é, mas o caso é que nem caranguejo tem mais.

**Juliana:** é até tem, mas eu concordo com vocês, é difícil porque é bem inseguro.

**R:** é não tem segurança não tem mesmo.

**W:** Ainda mais para uma mulher...

**R:** é e um professor que tem responsabilidade não trás nenhum aluno pra ali. Porque corre risco. Já aconteceram muitas coisas ali com jovens assim. Outro dia eu vi uma moça sair dali totalmente drogada, caindo aqui pela calçada. Ainda nós que tivemos que chamar a polícia, pra poder atender a moça porque a gente não vai se meter né? Mas a moça estava ali totalmente drogada até dando convulsão e são casos assim que a gente vê no dia a dia né no decorrer do tempo. Não é todo o dia que tem né mas na maioria do tempo... Só passa para ali mesmo pessoas que são da droga. Difícilmente tu vez uma escola passar ali. Antes vinha muita escola né. Fazer pesquisa.

**W:** O Carrossel<sup>51</sup> toda semana tinha um dia que eles traziam as crianças para ali. Mas acabou. Assim não tem mais nada para fazer ali.

**R:** Não tem como fazer um piquenique.

**W:** Não, não dá mais. Além de não ter estrutura adequada é o desconforto porque de vez em quando vem um elemento e leva roubo pra lá.

---

<sup>50</sup> O colégio Wenceslau Bueno fica bem próximo ao Parque. É um colégio estadual que atende crianças de 1º a 9º ano do Ensino Fundamental.

<sup>51</sup> O Colégio Carrossel também ficava próximo ao Parque. Pertencente a rede particular de ensino, durante muito tempo foi considerado a melhor escola da região. Hoje ele não existe mais, foi vendido à rede Bardhal que faliu e a escola foi fechada.

**R:** aqui o roubo é um inferno, porque agora o que eles roubam no comércio da praça eles vem correndo esconder aqui atrás. Depois mais tarde é que eles vêm pegar o roubo sabe? A gente vê é bicicleta e de vez em quando a polícia vem dar uma batida ali. Porque é ali que os pivetes se escondem. Se tivesse um controle da prefeitura, alguém que vigiasse não ia acontecer isso.

**Juliana:** é o problema é que eu fui à prefeitura e vi que se depender de lá o negócio não anda muito.

**W:** é porque eles só sabem é aplicar multa na pessoa que, por exemplo, ta fazendo alguma coisa como aqui mesmo no meu quintal eu queimei um pacote de lixo do meu material e eles vieram aqui e disseram que eu estava poluindo o mangue, o meio ambiente para me aplicar uma multa, mas aí aquilo ali fica jogado, mas nós não podemos queimar nosso lixo dentro do nosso quintal.

**R:** Até teve umas reuniões aqui nessa rua e até uma delas foi aqui na nossa casa e aí eles colocaram aquele portão ali depois que os moradores pediram para por um portão e um vigia. Só que até hoje o vigia não apareceu. Só colocaram o portão então durante todo o dia não tem ninguém para cuidar.

**W:** A gente já chegou ao ponto de se reunir para abrir a vala que tinha anterior para não ter mais passagem de nada para lá. A gente já chegou a se reunir aqui eu e mais alguns vizinhos pensando nisso, para pegar uma máquina e abrir ali para não ter mais passagem de ninguém para lá em função disso, porque a prefeitura não toma providências. Aí quando eles souberam que a gente ia fazer isso veio um não sei quem da prefeitura, um vereador né? Ai veio fez uma reunião e disse que ia fazer alguma coisa e colocaram o portão. MS o portão também fica aberto é vulnerável não ajuda, as pessoas mesmo fechado passam pelo lado.

**R:** Quando era propriedade particular era mais preservado do que é hoje podes ter certeza disso porque o homem que tinha ali a fazenda dele ele preservava mesmo, tinha criação de peixes e de camarão, e ele tinha assim marreco, uns animais assim que ele cuidava, mas era preservado. Ninguém entrava ali para estragar nada agora está tudo estragado. Jogaram tudo dentro da vala.

**W:** e a nossa preocupação maior é que daqui a pouco aquilo dali pode virar uma favela. E a gente até se admira de não ter acontecido isso ainda.

**R:** Mas tem um carreteiro desses quando eles vieram ali que já estava se instalando ali. A nossa preocupação maior ainda é essa. É que eles já estão tentando ocupar, mas pelo menos a prefeitura já veio ali e tirou. Um desses catadores de papelão já estava instalado ali dentro.

**Juliana:** Nossa eu não sabia disso.

**R:** é a prefeitura já andou tirando.

**W:** é imagina se o pessoal começa a se instalar ali vira uma favela. E aí o que a gente vai fazer.

**Juliana:** é na rua onde a minha mãe mora as pessoas já invadiram o Parque, fizeram uma pontezinha sobre o rio e construíram perto do mangue.

**R:** é não vai demorar muito para se tornar favela aquilo dali. Porque raramente vem alguém da prefeitura ali fiscalizar e aí quando vem... Depois de eles construírem um barraco ali quem é que vai tirar?

**Juliana:** Bem, é o que vem acontecendo na Ponte do Imaruí.

**W:** O prefeito atual não fez nada. Ninguém moveu uma palha para fazer nada aí.

**R:** Na época do prefeito Paulo Vidal foi feita ainda alguma melhoria ali, eles aterraram assim para fazer a estrada ali para passar o carro e colocaram mais umas coisas ali.

**W:** Depois abandonaram por completo. O Ronério não fez nada! Aliás ele faz muito é pintar rua e botar uma placa "Bela por natureza" que de bela por natureza não tem nada. Pintar meio fio e colocar lâmpada aí na época de natal é uma maravilha.

**R:** é nós queremos dar força aí para o teu trabalho para que tu possas nos ajudar a pensar a melhorar o lugar.

**Juliana:** Claro. Eu espero poder retribuir a ajuda de vocês.

## **Entrevista 2:**

Entrevistado: J.

Descrição da situação: Visitei uma casa que na saída anterior não consegui contato. A casa é linda, tem uma varanda na frente, um quintal muito grande e fica exatamente ao lado da entrada do Parque, pois é a última casa do lado direito da rua no sentido Centro – Parque. Na extremidade onde o quintal faz fronteira com o terreno do Parque não há muros, mas há árvores bem juntas umas das outras e logo depois um canal. Havia vários jovens na varanda e alguém tocando um violão. Quando perguntei por quem morava ali chamaram alguém dentro da casa. Poucos instantes depois apareceu **J**, um senhor de aparentes 40 anos, que me atendeu no portão da minha casa, com uma expressão meio desconfiada. Após explicar-lhe minhas intenções ficou muito interessado, a expressão fechada mudou e então ele chamou-me para sentar na varanda da sua casa. A princípio disse que precisava ser rápido, pois não tardaria começar a o jogo de futebol do seu time. Porém, após o início da conversa, ficou empolgado ao conversar sobre o assunto e muito disposto a ajudar em minha pesquisa.

**Juliana:** O que você acha do Parque Ecológico?

**J:** Olha, eu nasci aqui e vivi praticamente a vida toda aqui. Vi esse Parque ser criado e para ser sincero, eu acho que ele não serve para nada. Apesar de estar morando do lado do Parque eu praticamente não vou lá!

**Juliana:** Porque o senhor não visita o Parque?

**J:** Porque eu só vejo mala indo para lá. Pessoas que vão lá para fumar, cheirar, fazer sexo. Eu tenho até vergonha de ir lá. Quer ver no verão! Muita incomodação. Apesar de que nesse verão não foi tanto. A gurizada das escolas mata aula e vem pra cá vagabundear. Se você quiser, eu até te levo lá pra você ver. É só mexer nos matos que pulam uns dez muito malucos. [Risos] Estava sentando aqui agora e passou uns dez tudo doido. É de manhã, de tarde e a noite. O tempo todo.

**Juliana:** Mas o que você acha que pode ser feito para mudar essa situação?

**J:** Não sei. Nós já tentamos mudar a situação, mas as coisas não mudam. Colocaram esse portão aí só de enfeite porque vive aberto. Quando isso aí era particular, o cara era meu amigo. Tinha criação de peixe, camarão, pé de fruta, vendia leite de cabra. Vinha até escola visitar. Era tudo muito bem cuidado. Depois que a prefeitura comprou ficou tudo jogado. Agora não vem mais escola aqui. Está muito mal cuidado, não tem segurança. Aí é a Prefeitura querendo colocar iluminação<sup>52</sup>, vem o IBAMA e briga dizendo que atrapalha os bichos. Sei lá. Sempre tem um órgão público brigando com o outro e nada se resolve. Ficam encrencando, encrencando e não dá em nada. Há algum tempo atrás tinha um pessoal que vinha soltar aqueles aviõezinhos, aqueles que fazem um barulhão, como é que é o nome mesmo?

**Juliana:** Aeromodelos?

**J:** Isso, isso. Então, até que quando eles vinham aqui estava mais bem cuidado. Mas aí eles desistiram, se mudaram, acho que cansaram dos malas. Agora só a prefeitura vem aqui duas vezes por ano. Vem e corta o mato. Como se mudasse muita coisa. E aí eu não entendo!!! Porque eles cortam o mato, não é preservação? Se a gente corta um pouquinho, sempre tem alguém que denuncia. Ó o vizinho aqui perto até já levou multa. Mas a prefeitura pode. Acho que os órgãos públicos deveriam dar mais atenção para isso aqui. Arrumar pra todos poderem visitar, os vizinhos, e também as escolas.

---

<sup>52</sup> Quando fui à Secretaria do Meio Ambiente da Prefeitura de Palhoça e consultei os documentos referentes ao Parque, havia no meio da papelada misturada um projeto de iluminação da entrada do Parque e da área de visitação, que como tantas outras promessas, nunca saiu do papel.

## Diário do dia 12.04.2008

Hoje eu e o primeiro grupo de moradores fomos ao Parque realizar a segunda parte do trabalho: a produção das imagens que representariam o Parque para cada um. Esse grupo era composto inicialmente por **R**, **W**, **J** e **L**. Estavam todos prontos na hora marcada e pareceram – me bastante empolgados para o trabalho, o que me deixou muitíssimo contente. Achei engraçado que **R** e **W** estavam muitíssimo elegantes, pareciam, a meu ver, vestidos para uma festa. Fiquei imaginando se eu teria dito alguma coisa que fizesse com que eles estivessem daquele jeito, afinal me preocupei com **R** em seu salto agulha – como ela iria andar pelo Parque? Só imaginei uma resposta para isso: acho que eles pensaram que iriam posar para fotos no Parque, o que foi confirmado quando **R** se surpreendeu ao entender que era ela quem iria bater as fotos. Enquanto caminhávamos os moradores iam narrando várias histórias sobre o Parque e conversando entre si sobre o local. Fiquei muito feliz quando eles se mostraram surpresos por, como disseram, ainda ter pé de fruta. **W** subiu em um pé de araçá e foi bastante divertido. Quem mais fotografou foi dona **L**, **J** também fotografou bastante, mas logo foi embora por conta de um outro compromisso. Quando estávamos indo embora um morador, que eu ainda não conhecia, percebendo o movimento próximo a entrada foi chegando. **N** disse que seu irmão, **J**, havia lhe contado sobre o trabalho e por isso percebendo o movimento pegou sua câmera e veio ao nosso encontro. Ele foi muito simpático conversou conosco e pareceu disposto a contribuir com o trabalho.

Arquivos de áudio

**R:** Esta rua foi aterrada quando o Seu Chico era prefeito há vários anos já.

**L:** Aí fizemos uma reunião com o vereador, como é o nome dele? O Manoel do cartório, ele é que deu uma reunião aí pra gente e fez o Portal. Porque antes era tudo aberto entendesse?

**Juliana:** É eu lembro que antes tinha outro Portal.

**R:** Mas é que com o Portal fica aberto do mesmo jeito não tem um controle.

**Juliana:** é fica aberto do mesmo jeito.

**R:** Não tem uma vigilância. Teria que ter uma vigilância aqui por 24 horas. Olha só aqui os lixos que tem. Quando isso aqui era um terreno como eu te falei, que era propriedade particular isso aqui era muito bem cuidado. O dono, o cara que cuidava daqui ele tinha criação. Tu vais ver essa reportagem que saiu no Palhocense<sup>53</sup>, nós falamos tudo para ela<sup>54</sup>. Ela tirou foto lá dentro do “Tanques”. Porque assim que eles inauguraram foi colocado assim banco, mesa foi feito churrasqueira, mas a turma desmanchou tudo.

**L:** Aaa... Não demorou nem uma semana né **R**? Eu vim aqui com o Nilson e já tinha banco quebrado tudo dentro da vala.

**R:** Olha a maré ta cheia e ta saindo água tudo por aqui ó.

**L:** a é daqui a pouco se continuar enchendo aqui a gente não passa.

**Juliana:** é mesmo?

**L:** é claro, vira aqui ó.

**Juliana:** é eu nunca vi cheio aqui.

**L:** Não, fica, fica sim. Fica tudo cheio aqui.

**R:** ó quando era propriedade particular esses tanques tinham criação de peixe e de camarão.

**L:** é nessa época eu não morava aqui ainda. Mas era melhor né **R**?

---

<sup>53</sup> Palavra Palhocense é um jornal local, de circulação gratuita. A reportagem destacada pela moradora está em anexo neste trabalho e será comentada ao longo do texto.

<sup>54</sup> Referência à repórter do Jornal Palavra Palhocense.

**R:** Depois a prefeitura autorizou todo mundo a entrar aqui. Com rede, eles começaram a fazer a pesca de arrastão. Acabaram com tudo não tem mais peixe aí.

**Juliana:** Não, mas até que tem, sabe por quê? É que eu vinha aqui em torno das seis e meia da manhã e via um monte de aves se alimentando dos bichos que vivem dentro dos lagos. E esses lagos tem ligação com o mar.

**R:** ah, daí vem é.

**Juliana:** Daí desova tainhota.

**R:** Uuu, mas quando era do cara que a gente entrava aqui, só entrava com a autorização do dono, nossa a gente pegava os peixe aqui era pulando assim, era a coisa mais linda assim.

**Juliana:** é também achei que não tinha nada, que eram lagos mortos.

**L:** é tem, tem peixe.

**R:** a mas tu não imaginas como era antigamente.

**Juliana:** a mas hoje também é bem bonito. De manhã cedo é a coisa mais linda. Cheio de garças.

**R:** quando era do seu Luis Flor, o dono daqui, teve uma época que a maré ficou muito baixa e foi carregado peixe de carrinho de tanto que morreu, morreram asfixiados. Aí é que a gente viu como tinha peixe. Era lindo aqui dentro menina. **L** era coisa linda aqui aqueles peixes enormes. Aqui é outro tanque ó. Mas eu vou te mostrar lá onde ela tirou foto que ta assim ó cheio de lixo.

**L:** a olha só olha só. Tira uma fotinha disso aqui **R**. Porque as pessoas jogam as coisas no chão? Isso daqui o pessoal não pode fazer né?

**R:** e lá<sup>55</sup> também tem muito lixo.

**L:** é que eles estragam as coisas.

**R:** Isso aí é dessa turma que vem. O pior mesmo aqui pra nós, o problema que a gente está enfrentando é que tem muita droga, as crianças de menor vem aqui e rola sexo, rola tudo que puderem imaginar, aqui dentro. Nem os moradores mais podem pisar aqui a gente tem medo.

**L:** Já viu os pés de fruta que tem aqui dentro?

**R:** é os pés de fruta estão todos cortados, nós estivemos mostrando na reportagem.

**Juliana:** é, não é só isso. “Meus preás” eles vivem nessa grama alta onde fazem trilhas e ninhos e um dia quando eu trabalhava aqui cheguei de manhã e o capim tinha sido cortado e queimado.

**R:** é isso aqui era um dos lixeiros do Parque né. Tinha bastante lixeira. Até era para botar lixo assim tudo separadinho tinha nome né as lixeiras, vidro, plástico, isso quando eles inauguraram, eles colocaram. Só que os vândalos quebraram tudo, pegaram e jogaram tudo olha lá ó.

**L:** é quebraram tudo e ainda jogaram dentro do tanque.

**R:** Olha lá **L** ó, olha como tem sujeira. E o que tinha aqui de araçá, tinha pé de caju. Hoje tu vê um ou outro pé de caju, mas tinha muitos, pois então a gente colhia caju!

**Juliana:** e essa fruta aqui, é araçá?

**L:** Não, isso aqui é biricó, é o nosso damasco. É uma fruta rara hoje, caríssima!

**Juliana:** Ah, agora eu lembro, comia quando era pequena.

**L:** pois é hoje é o damasco que só rico come.

**R:** poxa gente, vocês não conheceram como era isso aqui quando era particular, era pé de fruta por isso tudo. Agora só tem um pé de caju velho que eu vi.

**L:** A é que tem pé de caju!

**R:** é tem um bem velho lá atrás e eles cortaram tudo depois que a prefeitura abriu isso aqui.

---

<sup>55</sup> Nessa parte da conversa nós (eu, **R** e **L**) estávamos bem próximas da entrada do Parque, enquanto seu **W** e **J** já estavam mais adiantados dentro do Parque. Quando **R** se refere a lá ela quer dizer em uma região mais para dentro da “sede” do Parque.

**L:** poxa, mas aqui passava carro agora não passa mais nada, olha só o mato comendo.

**R:** Mas o que a gente queria dizer pra ti é que quando era particular era mais preservado. Depois que a prefeitura abriu daí a gente... Isso aqui não vai demorar para virar favela. Outro dia a gente já teve que tirar um carroceiro daqui porque ele já estava morando aqui atrás.

**L:** é isso o D. falou também que acha que isso aqui vai virar favela mesmo.

**Juliana:** é, lá na minha rua, quer dizer, na rua onde a minha mãe mora aconteceu mais ou menos isso. No fim da rua tem um riozinho que umas pessoas fizeram uma ponte, aterraram o mangue e construíram uma casa. Acho que foi invasão do Parque.

**L:** a isso é o que mais acontece. Daí depois assim de alguns anos daí tu vê na televisão: coitados estão despencando dos morros, meu Deus! A eletricidade que pega fogo porque é tudo puxado, tudo aquelas coisas que não tem condições. Esse é o nosso crescimento desordenado. E pode olhar que esse povo aí é povo que vem de fora.

**R:** ah tinha tanta fruta boa, araçá.

**Juliana:** é lá tem, é pitanga. A pitanga daqui é ótima, lá depois do último tanque. É meio difícil de chegar lá, porque acho que lá não é tanque é rio e aí alaga. Lá é tanque também o último? Porque lá para trás tem um banhado.

\*Aqui nos encontramos novamente com **J** e **W**.

**J:** Não lá é tanque também. Ele transborda um pouquinho com a maré cheia. Não tem nada de banhado ele tem nas divisas... Ta vendo aquela garcinha branca lá? Lá perto do meu terreno são extremos que passa uma cerca de arame, são tanques normais, lá é um tanque, dois tanques, três tanque, quatro tanque são tudo tanque. Olha, bati doze fotos.

**Juliana:** arram, mas não sei se vocês sabem que o Parque não compreende só essa área aqui. Ele deveria ir lá da Ponde do Imaruí, do Patural, até o Tomé lá na Barra do Aririú.

**J:** Não na realidade o Parque é tudo que tu estás vendo aí ó faz parte das montanhas.

**Juliana:** a sim, mas o Cambirela e os morros em volta pertencem ao Parque da Serra do Tabuleiro.

**J:** arram, é mas tudo é um Parque. Claro, claro legal.

**Juliana:** Obrigada seu J. Tchau até mais!

**L:** é uma pena que eu já tenha pegado isto aqui assim destruído.

**R:** ó aqui pra dentro esse caminho está cheio de lixo. E ali tinha uma construção que eles fizeram, tinha uma churrasqueira.

**Juliana:** Sim, sim eu me lembro de quando tinha essa construção aqui, mas eu já a conheci toda pichada, já nos seus últimos dias.

**L:** é um pé de caju isso daqui?

**R:** é, é um pé de caju.

**L:** não diga! Jura?

**R:** isso aqui diz "o coisa" que é uma figueira.

**L:** não acredito que isso aqui é um pé de caju!

**R:** é e esse aqui eu acho que é um pé de figueira. Ali ó esse outro pé lá e outro pé de caju ó.

**L:** o vizinha, onde é que tem outro pé de caju vizinha?

**R:** ali ó. Olha só, a repórter foi por esse canto aqui e encontrou muito lixo lá. E era ali onde tinha os banheiros. Mas aí virou motel né?

**Juliana:** sim eu também me lembro dos banheiros aqui.

**R:** tu sempre morou aqui?

**Juliana:** não, meus avós moravam aqui. Meu vô às vezes trazia os netos até aqui para nós brincarmos. Depois que eu mudei aqui para Palhoça há uns oito anos.

**R:** olha aqui também tem bastante lixo, onde tinha uma outra casinha.

**Juliana:** é agora o capim já ta recuperando o seu espaço.

**L:** a olha o damasco olha que coisa mais fofa!

**Juliana:** é realmente bem bonito.

\* Nesse momento reencontramos **W** em cima de um araçazeiro apanhando as frutas e segue-se um momento muito divertido do nosso encontro em que comemos as frutas que seu **W** apanha para nós. Logo que chegamos **L** empolgada grita para ele:

**L:** o **W!** O que é que tu ta fazendo aí em cima o que? Eu também quero! Ô **W** eu também quero! Se ele não me trazer um araçá ele vai apanhar!

**R:** tem araçá aí? O **W** ela<sup>56</sup> vai bater uma foto contigo aí apanhando araçá.

**W:** a é?

**L:** Vou, vou sim!

\* Risadas.

**R:** apanha aquele ali na ponta para mim bem madurinho.

**L:** é, é olha ali o tamanho! Ô **W** faz o favor de subir até ali em cima né? Olha ali **R** olha ali! Coisa linda!

**R:** o que é esse aqui do lado **W**?

**L:** é biricó! Esse que é o damasco!

**R:** a, esse que é o biricó!

**L:** nunca comeu isso aqui **R**?

**R:** Não...

**L:** ô meu Deus do céu **R!**

**R:** cajá eu já comi, agora... Mas esse aí não. liiii já vi que tu andavas muito nos matos heim minha vizinha?

**Juliana:** quem? Eu?

\*Risos

**R:** não... Ela ali ó.

**L:** queres um <sup>57</sup>Juliana?

**Juliana:** pode ser.

**W:** Quebraram os galhos tudo!

**L:** come a massinha de dentro que é boa. A meu Deus! Damasco tem veneno **W**? Olha li o tamanho, olha ali!

**R:** ui, isso tem um cheiro enjoado pra caramba. Ai eu não gostei do cheiro!

**Juliana:** é ele tem um cheiro bem doce né?

**R:** ai não vou gostar, é que nem cajá, não vou gostar!

**L:** ai mas come, come pra ti ver como é bom! Isso eu comia tanto quando era pequena, vivia trepada nesses pé de fruta. Ô **W**, podes ir até ali naquela ponta.

**W:** Tá, tu queres mais araçá?

**L:** claro que quero né?

**W:** então apara quando cair.

**L:** ai **R** vai mais pra lá, vai que ele ta jogando os araçazinhos aqui pra ti **R**.

**R:** olha ali aquela penca ali que coisa mais linda.

**L:** não, mas esse pé de araçá não é normal, deve ser de vez. Olha o tamanho desse aqui!

**R:** é esse é o verdadeiro araçá.

**L:** é o filhinho da goiaba né?

**R:** **W** mais ali tem uns madurinhos. Mas ali tu não vais conseguir chegar, tu vais cair.

**L:** **R** não queres experimentar isso aqui?

**R:** ui não, disso aí eu não gostei do cheiro!

**L:** Hum, é tão bom! Uma delícia!

**R:** Vamos lá **W!** Desce daí que a Juliana precisa das tuas fotos **W!** Mas para de jogar as frutinhas daí **W!** Vai cair tudo no chão e vai desperdiçar!!

**W:** Calma que eu vou dizer onde caiu! Ó caiu um ali ó!

---

<sup>56</sup> **L** estava com a câmara nesse momento.

<sup>57</sup> **L** me ofereceu um araçá.

**L:** aqui?

**W:** Não! Vai reto, mais pro lado. Agora um pouquinho mais pra frente! Aí.

**L:** achei! Esses araçazinhos estão bem grados.

**R:** a é olha só quanto que ta verde! Isso é até um pecado!

**L:** queres mais maduro ou mais verde.

**Juliana:** ui, está travando!

\* **W** desce do pé de araçá e pega a câmera.

**W:** olha, fiquei até impressionado com isso aqui. Não tem mais nada que interesse. O mato tomou conta de tudo. As lagoas tinham tudo capim baixo em volta. A pessoa tinha aceso a elas... A máquina está pronta?

**Juliana:** sim o senhor só precisa escolher o que vai fotografar e apertar o botão.

**W:** esse botão aqui em cima?

**Juliana:** isso.

**W:** quantas fotos eu tenho que bater?

**Juliana:** Pelo menos duas.

\* Nesse momento um casal de aproximadamente vinte anos de idade chegam de motocicleta no Parque e se aproximam de um dos tanques.

**L:** olha lá Juliana, vai lá e pergunta se a gente pode bater foto deles ali.

\* Sigo a sugestão de **L** e vou até lá conversar com as pessoas que acabaram de chegar.

**Juliana:** Olá! Com licença. Meu nome é Juliana e eu estou realizando uma pesquisa aqui no Parque. Podemos conversar?

**Homem:** <sup>58</sup>Claro.

**Juliana:** vocês moram aqui perto?

**Homem:** eu moro aqui em Palhoça mesmo. E ela mora no Campeche.

**Juliana:** Vocês vêm aqui sempre? Qual o motivo da visita?

**Homem:** eu participei de um projeto de um grupo de ajuda da igreja. A gente fez um mutirão aqui para limpar o Parque.

**Juliana:** é mesmo? Quando foi?

**Homem:** foi em 2003, eu acho. Não sei se teve outra vez. Aí eu estava passando aqui perto e vim aqui mostrar o lugar para ela. Seria bom né se o pessoal aqui de Palhoça visitasse mais o lugar. Vamos embora?

\* Acho que eu acabei assustando o casal e eles foram embora. Caminhei novamente até o ponto em que os moradores estavam e eles acabaram não tirando nenhuma foto do casal. Nós continuamos conversando e caminhando.

**W:** olha, isso aqui era tudo capim, mas agora o mato tomou conta. Vai fazer mais o que aí? Deixaram abandonado.

**R:** olha aqui quanto lixo. Quando a moça do jornal veio aqui dava para ver mais lixo, porque era de manhã e a maré tava vazia né. Aí aparece um monte de lixo. Olha aqui nesse tanque tem um banco de concreto jogado bem ali. Era para sentar do lado do tanque só que eles jogaram dentro da vala, dentro do tanque. É o que o **J** diz ó. Depois aqui do tanque tem ainda lá uma cerca<sup>59</sup> pra depois ter o rio<sup>60</sup> que passa lá ó.

---

<sup>58</sup> Por ter sido um encontro rápido, o casal acabou não se apresentando. Assim refiro-me a eles como homem e mulher.

<sup>59</sup> Nas minhas andanças pelo Parque durante o meu trabalho com os preás eu vi apenas um pedaço bem pequeno de cerca próximo a entrada do Parque. O local onde **J** e **R** dizem haver uma cerca já foi visitado por mim e não havia cerca lá. Pode ser que tenha sido retirada pela própria Prefeitura na época em que o terreno da “sede” foi comprado.

<sup>60</sup> Provavelmente é o Rio Palhoça. Durante a minha conversa com o Marcos, funcionário da Fundação do Meio Ambiente de Palhoça (conversa descrita na última parte deste trabalho), ele comenta que em volta o Parque há um rio – o rio Palhoça e alguns canais de drenagem, que já adquiriram características de rios, pois possuem diversos seres vivos.

Faz essa volta para chegar no mar. E aqui olha entre esses dois tanques a prefeitura fez uma pista para aqueles aviõezinhos.

**Juliana:** aeromodelos?

**R:** é aqui tinha essa pista, mas ta vendo como o mato está invadindo?

**Juliana:** e quem construiu os tanques? Foi o antigo dono que vendeu a área para a Prefeitura?

**W:** Não na verdade quem construiu os tanques foi um outro dono, seu João Canavarrá que depois vendeu isso aqui para o Seu Luiz Flor.

**R:** depois do seu Luiz Flor teve outro dono ainda. Um cara do Kobrassol que foi indenizado. Mas esse cara ficou pouco tempo.

**Juliana:** então vocês não conheceram apenas um dono?

**R:** não, a gente conheceu uns três donos daqui.

Juliana: a sim.

**R:** foi o terceiro dono que foi indenizado. Daí morreu o seu Luiz Flor e outro cara comprou. O último dono daqui ele dança lá no Skala<sup>61</sup> se tu quiseres eu te apresento. Quando a gente for lá, L eu também te mostro ele. Foi ele que foi indenizado aqui pela Prefeitura. Daí a Prefeitura tinha dois anos pra....

**L:** pra que é que a Prefeitura faz isso pra quê? Tirar uma pessoa que cuidava daqui pra depois deixar jogado as traças.

**R:** olha, a Prefeitura tinha dois anos para fazer as benfeitorias e até hoje não fez.

**W:** antes tinha um monte de pé de fruta agora não tem mais nada!

**R:** é precisavas ver como tinha pé de caju. A gente às vezes costumava vir aqui domingo à tarde quando isso aqui era propriedade particular né? Os donos foram até bem conhecidos da gente. Eles eram bem gente boa. Mas aqui dentro ele criava ó desde marreco a vaca leiteira.

**W:** é tinha marreco.

**R:** tinham uns cachorros bravos que não entrava ninguém aqui no quintal dele. Ele tinha um caseiro que cuidava aqui.

**W:** mas como fazia tempo que eu não vinha aqui!

**L:** é eu também, fazia bastante tempo.

**W:** ô! Faz mas de anos que eu não vinha.

**L:** é faz muito tempo, a última vez que eu vim, vim só até o pé de araquá<sup>62</sup> ali, vim eu e as minhas filhas e tinha um senhor que morava ali embaixo que vinha aqui e capinava, deixava tudo roçadinho bonitinho.

**W:** acho que fazia uns três anos que eu não passava daquele portão ali.

**R:** depois que o Ronério entrou aí não foi feito mais nada. A não ser o Portal novo que foi feito agora. Aquela coisa horrorosa ali.

**L:** a mas o portal ainda foi feito por causa das nossas reuniões ali. Precisou desse banzé todo pra sair.

**R:** mas o quê que adiantou né:

**W:** o prefeito de vocês só sabe pintar o meio fio<sup>63</sup>.

**L:** Rá! O dia que eu votar de novo pra ele tu podes dizer!

---

<sup>61</sup> Clube musical do bairro Kobrassol do município de São José.

<sup>62</sup> Esse pé de araquá a que L se refere está a aproximadamente 50 metros do portal de entrada do Parque.

<sup>63</sup> O *slogan* da atual gestão é “Palhoça: bela por natureza”. Porém pouco, ou quase nada pela dita beleza natural da cidade foi feito. Por outro lado a urbanização do centro foi “renovada”: placas vermelhas com esta frase estampada estão por toda a cidade. Juntamente com isso logo que o atual prefeito assumiu o Centro da cidade foi “revitalizado”, tendo seus meios-fios, bancos de praça e estradas pintadas de vermelho e branco e algumas ruas da periferia foram calçadas.

**Juliana:** e como é que acontecem essas reuniões?

**R:** foram feitas duas reuniões né?

**L:** é uma na casa dela<sup>64</sup> e uma na casa da Leila. Também foram feitas essas reuniões porque na nossa rua não podia construir nada. Daí eu e umas vizinhas fomos atrás do vereador Manuel do cartório, procuramos outros vereadores e fomos a uma reunião na câmara de vereadores pra pedir isso né que aí uma rua dessas não poder construir nada? Aí realmente saiu a lei no jornalzinho e pelo menos isso resolveu.

**Juliana:** mas porque tinha problema de construir? O Parque não foi “demarcado do fim da rua para cá? Do portal para cá?

**L:** não sei. O IBAMA diz que a nossa rua era uma rua de mangue e que foi aterrada aí não podia construir mais nada.

**R:** é que naquela época era assim ó: no lado da L<sup>65</sup> por exemplo o seu Roldi tomou para ele. Ele era o primeiro morador. Naquela época podia fazer isso. Ele ia pegando e ia aterrando os lotes. Do lado de cá foi a dona Glória que foi a primeira moradora que também foi tomado e aterrando.

**Juliana:** é que o Parque é mais recente né?

**R:** olha não é tão recente não.

**Juliana:** é, é de 1996 o Decreto de Criação do Parque.

**R:** pois é pra ti ver quantos anos já faz.

**L:** quando é uma coisa que eles querem fazer pra mostrar eles deixam tudo pronto em um ano. Por exemplo ali a Elza Lucki<sup>66</sup> foi rapidinho. O prefeito de antes conseguiu dinheiro e esse foi lá e fez.

**R:** é olha só né gente, daí há alguns dias aqui não passa mais ninguém por causa do mato ó. Na realidade antes era mais preservadinho assim, agora...

**L:** é bem mais né.

**R:** agora foi abandonado totalmente.

**L:** tinham que passar uma máquina aqui né....

**Juliana:** mas, como vocês consideram a preservação do Parque? De que maneira vocês acham que ele estaria mais preservado?

**R:** a teria que ter alguém aqui para cuidar né? Para limpar. Para... Olha só: querendo ou não eles fizeram uma rua para passar carros e pessoas. Mas olha só como está o estado dessa rua. Foi isso aqui que a guria do jornal gravou tudo ó. Isso aqui teria que estar roçadinho, limpinho. Essa semana ainda entrou dois cavalos pra cá.

**L:** é vi, passaram correndo.

**R:** é acho que andaram fugindo aí. Então o portal ta aberto e eles vêm pra cá, vem e roçam tudo aí, mas acho que eles acabam estragando. Mas o que a gente mais queria mesmo é que tivesse uma vigilância. Porque agora eles deram em assaltar as casas por causa desse espaço. Tudo que eles roubam na praça, é uma bicicleta é um eletrodoméstico eles trazem pra cá pra depois a noite desovar o roubo entendesse? Pode ver: se roubar uma bicicleta na praça eles vem pra cá esconder. A polícia pode vir atrás porque eles estão aqui. Eles escondem o roubo aqui. Então se tornou perigoso pra nós que somos moradores.

**L:** pra que fazer isso olha quebrar um galho do coitado do araçá que é tão lindo!

**R:** isto aqui era para ser uma área de lazer e virou uma preocupação para os moradores. Além do que os jovens se estragam aqui.

**L:** claro a gente vê pela rua.

---

<sup>64</sup> De R.

<sup>65</sup> Lado direito da rua para quem está no sentido Centro de Palhoça – Parque.

<sup>66</sup> Foi uma das primeiras obras da atual gestão. Uma das ruas do Bairro Ponte do Imaruí foi transformada em avenida com calçadão e pista para bicicletas e corridas.

**R:** meninas de onze anos passam aqui super drogadas, dando até convulsão! Como outro dia tinha uma moça caída ali. Até eu ia chamar a polícia.

**L:** aquela daquele dia?

**R:** é aquela lá. Ela veio caindo, caindo, dando convulsão. A gente já nem pode mais ver isso!

**L:** claro ela tava com um litro de cachaça.

**R:** se isso aqui estivesse fechado isso não ocorreria porque ela não iria vir pra cá.. Os amigos trouxeram ela. De certo usou algum entorpecente sei lá, era forte e ela começou a dar convulsão. Aí abandonaram ela ali sozinha. Até eu ia chamar a polícia mas aí veio uma amiga dela e buscou ela.

**Juliana:** mas como assim? Vocês gostariam de trancar pra não deixar a população entrar? Como?

**R:** daí teria que marcar hora para entrar aqui. Assim as escolas viriam aqui para fazer um estudo. Isso aqui serve para isso não é?.

\* Nesse momento eu conheço um novo morador: seu N. ele veio chegando ao grupo quando nós já estávamos quase saindo do Parque.

**W:** a eu acho que isso aqui é um caso perdido!

**L:** a é W! Mas se a prefeitura viesse aqui e desse uma renovada.

**W:** a prefeitura não faz nada. A prefeitura não vai mais fazer investimento nisso daqui.

**L:** ai mas não gasta tanto pra passar uma máquina, pra arrumar a rua.

**N:** mas não é só a estrada é tudo isso lá ó! Do lado dessas lagoas antes era tudo pasto, tudo limpo!

**W:** é na realidade não tinha nenhum desses pés de mangue como tem agora.

**N:** vai ter Parque da onde? Vai virar mato!

**Juliana:** Gostaria de fazer uma pergunta para vocês, o que é Parque? O que é um Parque para vocês? Ou o que deveria ser um Parque como esses para vocês?

**N:** na realidade para mim Parque tem o mesmo conceito de praça. Guardadas as devidas proporções... É um lugar onde tu podes vir, onde tu podes passear.... Agora hoje aqui...

**L:** com esse lugar aqui cheio de mato é muito difícil de se tornar uma praça.

**N:** tu deverias ir em um Parque ecológico que tem em Itajaí. Aí tu verias o que é um Parque.

**Juliana:** sim, mas imagino que esse Parque do qual o senhor está falando não se assemelhe tanto assim a uma praça. Afinal, um parque ecológico pode até ter uma área de visitação com bancos para as pessoas sentarem, mas não se propõe a ser uma praça. Um parque é um lugar para preservar a natureza, onde pode haver visitação...

**L:** a, tinha que poder as escolas trazer as crianças, fazer pesquisas.... Fazer pic-nic com as crianças.

**N:** mas como pode se isso aqui ta tomado pelo mato? Se tornou uma área muito perigosa.

**L:** ui eu não venho aqui.

**R:** então, esse outro casal que acabou de passar aqui agora tu não visse, mas eles estavam ali dentro de uma trilha fazendo a cabeça. O V ainda foi olhar pra que a gente não fosse lá porque eles podiam estar mantendo relações sei lá. Então como é que tu vai trazer um filho teu aqui? Pra mostrar o capim comendo?

**Juliana:** entendo.

**R:** está cheio de vândalos! Os moradores não podem pisar aqui. Só pisa aqui quem vem fazer a cabeça.

**N:** olha. O Parque deveria ser fechado. Aberto só das 9 até as 17 horas para a visitação e ter uma trilha que mostrasse o que é que tem aqui, mas...

**L:** é até umas cinco horas estava bom.

**R:** é e a gente está é precisando de uma força de vocês.

**Juliana:** sim, eu gostaria muito que meu trabalho pudesse ajudá-los com relação ao Parque.

**N:** tem até um projeto pra gastar um milhão de Reais aqui, soque projeto é projeto, eles não vão gastar aqui porque isso aqui não aparece!

**L:** acho que aparece sim. A partir da hora que isso aqui for povoado que todo mundo começar a dizer: ai que lindo! Enquanto não visitarem não aparece para eles, não tem valor para a Prefeitura, então pra que é que eles vão fazer alguma coisa? Eles colocaram aqui os banquinhos, as lixeiras, mas não deu pra vir porque uma semana depois já estava tudo quebrado. Então quer dizer, o que adiantou para eles? Só dinheiro jogado fora.

**Juliana:** entendo.

**L:** é porque pra isso, pra arrumar aqui, vai depender de prefeito e de todo mundo lá pra poder fazer alguma coisa.

**N:** eu estava na Prefeitura essa semana, resolvendo um problema lá e eles estavam apresentando o Projeto do parque. Muito bonito. Fazer um deck lá na beira do mar.

**L:** poxa podia até fazer o réveillon lá!

**Juliana:** e a história da marina, o que vocês acham?

**L:** ui tas doida! Não dá, não dá!

**N:** marina aqui é inviável por causa do, do....

**Juliana:** do manguezal?

**N:** não, não é nem por causa do mangue, é por causa da profundidade.

**L:** ui e vai virar um inferno não tem acesso, a nossa rua é pequena, vai ser passagem!

**N:** mas não liga! O que o Ronério fala não se escreve!

**R:** eu queria que tivesse vigilância aqui porque daí sim eu acho que teria preservação!

**L:** ai eu queria que tivesse mais pés de fruta!

**N:** mas fruta aqui é complicado por causa da água salgada.

**L:** mas dá né porque a gente comeu araçá.

**R:** é porque as árvores que tinha aqui eles cortaram. Tinha muitos pés de caju...

\* Nesse momento estamos próximos à entrada do Parque e do fim do passeio. Então me despeço do grupo e dou instruções para a confecção das narrativas. Depois que todos vão, volto a um novo passeio com **N** para que ele confeccione suas fotografias. O passeio desta vez é curto e trocamos poucas palavras:

**N:** o **J** me contou do teu trabalho e eu disse que queria ver. Só que eu me esqueci, uma pena! Aí a minha esposa veio dizer pra mim que viu vocês passando aí é que eu fui me lembrar. Aí me arrumei e peguei a câmera.

**Juliana:** que bom que o senhor veio, vai ser bem interessante ter mais um entrevistado.

**N:** é...

\* Caminhamos um pouco e o que se ouve no arquivo de áudio é o barulho dos nossos passos. Logo **N** volta a falar:

**N:** aqui dentro tem é uns pés de goiaba bonitos. Mas aqui é perigoso. Realmente perigoso. Além disso o mato tomou conta. Antes tinha umas trilhas, tinha churrasqueira. Simplesmente depredaram tudo. Quando isso aqui tinha dono era uma outra situação. A entrada não era aqui pela nossa rua, era por trás do campo do Guarani.

**Juliana:** é mesmo? Eu não sabia!

**N:** sim, tinha uma ponte ali e isso aqui era tudo fechado. Depois é que desmancharam a ponte quando a Prefeitura tomou conta.

\* No fim do passeio nos despedimos e, como as fotos estavam na câmera de **N**, ele se comprometeu a enviá-las para meu e-mail. Assim trocamos os endereços de e-mail, para que eu também pudesse mandar o texto com as instruções para que ele pudesse fazer a narrativa.

## Diário do dia 27.04.2008

Hoje fui com **C** e **M** até o Parque realizar a etapa fotográfica com eles. Além de nós três, estavam também os dois filhos do casal: um menino (**E**) de oito e uma menina (**B**) de quatro anos. Ainda, completando o grupo, a irmã (**A**) de **M** e seu filho da mesma idade do filho de **C** e **M**. foi um passeio bem divertido. Gostei muito de caminhar com eles pelo Parque. As crianças correram pelo lugar, andaram pelos matos, perguntaram-me sobre sementes e inflorescências “estranhas” que encontraram pelo caminho. Observei a curiosidade deles pelo lugar e a rapidez com que eles se deslocavam de um lugar a outro vasculhando as vegetações. Fiquei bastante surpresa de ver que os pais não se importavam que eles tivessem o mato no meio da canela, pelo contrário deixaram as crianças soltas brincando. Além disso, acho que esse passeio se diferenciou um pouco dos outros porque não houveram tantas “reclamações” do lugar. Perguntei-me se seria pelo fato de serem os moradores mais jovens que eu entrevistei (ele com 32 e ela com 30).

**Juliana:** que dia bonito. Que bom que deu sol hoje né?

**M:** é hoje ta bom.

**Juliana:** Já veio aqui no fim dessa rua?

**A:** não, não conheço aqui não.

**B:** nós vamos tomar banho no rio pai?

**C:** não filha, não é bom de tomar banho lá.

**B:** tem jacaré?

**C:** não filha, não tem não.

**M:** nossa como o mato ta alto né?

**C:** é nossa, como cresceu!

**M:** o mato não tava tão alto assim.

**C:** antes tinha muito é pé de caju aqui.

**Juliana:** acho que tem um lá perto dos outros tanques.

**C:** é um bem grande.

**Juliana:** um bem retorcido.

**M:** olha como o tanque ta cheio amor! Deve ter siri.

**Juliana:** hoje está movimentado, gente entrando e saindo.

**M:** é tem sempre um monte de gente passando aqui. Nos dias de semana o pessoal mata aula e vem tudo pra cá.

**B:** ô pai vamos pescar?

**C:** não, não pode.

**M:** caísse no buraco filha? Levanta e corre lá com o mano. Só cuidado ali que tem espinho.

**C:** olha, cadê o banco?

**Juliana:** jogaram dentro desse tanque.

**M:** esse aqui é pé de araquá também?

**Juliana:** e aquele ali é o pé de caju.

**C:** isso. E aquele outro ali acho que chama “baga de macaco”. Olha e aqui tinha uma casinha que derrubaram.

**Juliana:** sim eu lembro que também tinha um banheiro ali pra dentro.

**B:** olha mãe que bonito! Que bonito!<sup>67</sup>

**M:** sai daí querida! Tu não podes aparecer na foto!

**Juliana:** deixa ela, pode deixar ela na foto. Não tem problema.

**C:** os quero-queros tinham ninho ali se lembra amor?

**M:** não sei...

**Juliana:** tem ainda.

---

<sup>67</sup> Ela estava se referindo a um dos tanques.

**C:** tem ainda?

**Juliana:** tem sim olha lá eles.

**C:** é faz tempo foi ano passado ou retrasado que eu vim aqui e já tinha ninho deles ali perto. Tinha dois e o filhotinho. Tavas comigo aquele dia amor?

**M:** acho que não.

**C:** é ali bem no meinho né?

**Juliana:** lá atrás também tem umas aves bem bonitas. Acho que durante esse horário elas ficam escondidas porque passa muita gente.

**C:** lá acho que não é bem um tanque, é um rio não é?

**Juliana:** é acho que sim, porque faz meio que um banhado né?

**C:** ei F! Cuidado com o quero-quero!

**M:** aqui no verão vem muita gente tomar banho

**Juliana:** pois é, mas esses tanques não recebem água daquelas valas que passam atrás das casas? Não tem esgoto?

**C:** não acho que esses daqui só tem ligação com o mar.

\* Nesse momento um senhor que aparentava ter uns sessenta anos chega ao lado de um dos tanques com uma menina de aproximadamente dez anos. Tira algumas peças de roupa da menina e entra com ela no tanque. Eles nadam e brincam.

**C:** aquele senhor lá com a menina, será que ele é pai dela? Ui tem uma cara de pedófilo!

**B:** olha pai viu a menina ta tomando banho! Deixa pelo menos eu molhar o pé!

**C:** não dá filha. Olha naquele tanque que eles estão tem uma parte que é de areia, por isso que dá pra tomar banho. Nos outros é só lodo e lama.

**B:** a então vamos ver a praia, não tem praia?

\* Nesse momento chega um carro da Polícia Militar para fazer ronda no Parque. Andam com o carro sem dó por qualquer lugar, por cima do capim, próximo aos arbustos e inclusive no lugar onde tinha ninho de quero-quero. Fiquei bastante chateada com isso e decidi ir falar com eles. Enquanto isso os policiais estacionaram e pediram que o homem e a menina saíssem do tanque.

**Juliana:** vocês têm feito muitas rondas aqui?

**Policial:** de vez em quando tem que vir aqui porque o pessoal da rua aqui da entrada liga pra denunciar alguma coisa. Isso aqui só dá trabalho pra gente. Só incomodação.

**Juliana:** mas as denúncias são referentes à que?

**Policial:** a essa malandragem que anda e vem usar droga aqui, fazer baderna.

**Juliana:** sim, só queria pedir a vocês que tentassem evitar passar com o carro em algumas áreas onde pode haver ninhos de aves e outros animais.

**Policial:** querida, a gente tem mais o que se incomodar do que se preocupar com passarinho. Agora dá licença que a gente precisa ir.

**Juliana:** ok, obrigada.

**M:** vem crianças!

**Juliana:** olha, viram? Andem bem devagarzinho que vocês vão ver os preás correndo.

**F:** o que, que é preá?

**Juliana:** parecem ratos, só que são maiores e não tem cola grande.

**B:** a eu já vi no Richard!<sup>68</sup> O Richard ia adorar vir aqui!

**M:** a é até parece que ele ia vir aqui pra Palhoça!

**A:** mas ele tava aqui em Santa Catarina, ele foi ver as baleias, a baleia franca, os golfinhos.

---

<sup>68</sup> Richard é um biólogo que apresenta um programa de TV na rede Record, onde visita diferentes lugares e captura os animais para mostrá-los as câmeras. Eu particularmente acho esse programa de um grande mau gosto, já que há uma grande interferência, por parte do narrador, na vida dos animais. Porém muitas crianças adoram. Meus alunos da 4ª série sempre comentam sobre o programa, o que me preocupa bastante.

**Juliana:** eu nunca vi baleias ao vivo. Tenho muita vontade de ver.

**M:** lá em Laguna sempre dá de ver golfinho.

## **ANEXO IV: Narrativas completas dos moradores.**

### **Narrativas feitas a partir das imagens.**

Nesta parte do meu caderno de campo organizo as fotografias que os moradores produziram e selecionaram como imagens que representassem as visões que eles possuíam sobre o Parque. Abaixo de cada texto que os moradores construíram, está a dupla de imagens que produziram.

#### **Narrativa de L**

Conheço o Parque há cinco anos, mas já é o bastante para saber que poderia ser um lugar bonito e agradável. Gostaria que se tornasse habitável, pois possui algumas árvores frutíferas e poderíamos plantar mais. Para isso precisamos de apoio. A prefeitura cuidaria por exemplo da iluminação, uma vez por semana da limpeza. A polícia, com suas rondas diárias. E outros tipos de trabalho para que o povo se conscientizasse de não jogar lixo fora da lixeira, não quebrar as árvores. Só assim conseguiríamos colher bons frutos. Talvez as pessoas conseguissem voltar a pescar, sem jogar nada nos açudes. É claro que também as crianças do colégio poderiam vir com as professoras fazer pesquisas, conhecer, passar tardes ou manhãs agradáveis, ou mesmo as famílias. Mas, no momento, não podemos fazer nada disso. Vamos esperar que as autoridades tomem as providências iniciais. Quem não gostaria de ter um lugar no centro da cidade para passear e ver a ecologia preservada?



## **Narrativa de W**

Sendo morador e vizinho do Parque ecológico, fiquei surpreso ao observar que o que chamávamos de Parque Ecológico, hoje está totalmente abandonado. Infelizmente não tivemos a oportunidade de acompanhar tudo o que se passa no Parque Ecológico devido ao medo que sentimos em relação aos indivíduos que freqüentam o Parque, e ao que é feito no mesmo. Tendo a oportunidade nesses últimos dias de visitar o Parque, ficamos impressionados com a devastação e abandono. Os tanques de peixes, assim como os animais e as árvores que ali existiam, já não existem mais. O local está totalmente abandonado.



## **Narrativa de R**

Mediante estas fotos, pude observar o abandono do Parque Ecológico pelas autoridades municipais, atualmente responsáveis por sua manutenção. O local onde hoje é utilizado apenas como ponto de encontro para uso de entorpecentes, e como terreno baldio, já foi mantido como Parque Ecológico, onde eram cultivados peixes, camarões, árvores frutíferas, e outros animais. O Parque, que anteriormente era ambiente agradável e bem conservado foi invadido e totalmente degradado por vândalos, onde hoje a única coisa que encontramos é um terreno dominado pelo lixo.



## **Narrativa de J**

Meu nome é **J**, tenho 46 anos. Posso dizer que tive o privilégio de conhecer o primeiro dono da área, que hoje dizem ser um Parque Ecológico. Tenho o prazer de dizer também, que passei todas as transformações que a área teve até se tornar patrimônio público do município de Palhoça.

Nasci aqui mesmo, ao lado do Parque, sendo um grande admirador do local, o qual possui um imenso manguezal. Não é para menos que os meus tios maternos vendiam folhas das plantas do mangue para fazer chá. Por estes e outros motivos não posso concordar com o que vejo passar nesses dias meses e anos. O descaso com a área que está em completo abandono, desprezo por parte dos administradores. O mínimo que poderia ser feito, numa área tão grandiosa e valiosa é dar mais atenção, mais valor, sendo que os órgãos públicos alegam nunca possuir verba. O ideal seria manter o local limpo, cuidado e vigiado.



## **Narrativa de N**

A narrativa completa N e as fotografias que ele selecionou estão nas páginas 68 e 69 deste trabalho.

## **Narrativa de M**

Eu queria que o Parque fosse um lugar onde a gente pudesse passear e levar as crianças, como nessa foto que eu tirei. Que a gente pudesse aproveitar o lugar para passear, que tivesse pedalinho nos tanques para as crianças brincarem e que colocassem de novo bancos em volta dos tanques para sentar.

Gostaria que o Parque fosse mais bem cuidado, que não tivesse um mato tão alto como o que aparece nas fotos, que tivesse mais árvores frutíferas e que tivesse

um vigia para impedir a entrada desse pessoal que vem aqui só para fazer coisa o que não deve. Desse jeito acho que todos nós iríamos gostar mais do Parque e teríamos um lugar de lazer bem perto da nossa casa.



### **Narrativa de C**

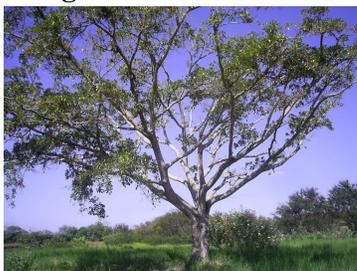
Moro perto do Parque desde que nasci, desde que ele era propriedade particular e vi as mudanças que aconteceram ali. Sempre fui ali pescar com os meus amigos, ainda hoje faço isso de vez em quando. Gosto do lugar, pois ele é muito bonito e acho uma pena que ele esteja abandonado pela prefeitura. Acho que o lugar precisava ter uma limpeza em volta dos tanques. Tinha que tirar o lixo e o mato que tem muito e está muito alto pra gente poder andar em volta deles, fazer umas trilhas. Tinha que ter bancos de novo. Mas acho que o principal é que tenha segurança no Parque, que tenha controle das pessoas que entram pra que os vândalos não destruam mais os bancos e as churrasqueiras se eles quiserem construir e para que a gente possa vir aqui com a família mais sossegado.





**ANEXO VI: Fotografias que não foram utilizadas pelos moradores.**

**Fotografias de L**



**Fotografias de M**



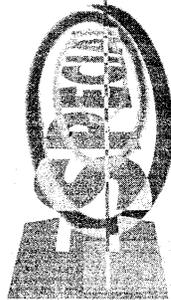
**Fotografias de C**



**Fotografias de J**







# Parque Municipal Continua abandonado

Maior área verde do Centro de Palhoça ainda é reduto de usuários de drogas, prostituição e vandalismo

Texto: Mariana Cardoso

Não há como esquecer. Há exatamente um ano e 10 meses, a equipe do Jornal Palavra Palhocense testemunhou um cenário que continua trazendo medo e preocupação à população de Palhoça, principalmente aos moradores da Rua Belarmino Antônio da Silva, que dá acesso à sede do Parque Ecológico Municipal. A maior área verde do Centro de Palhoça ainda é reduto de usuários de drogas, prostituição e vandalismo e permanece completamente abandonada pelas autoridades municipais.

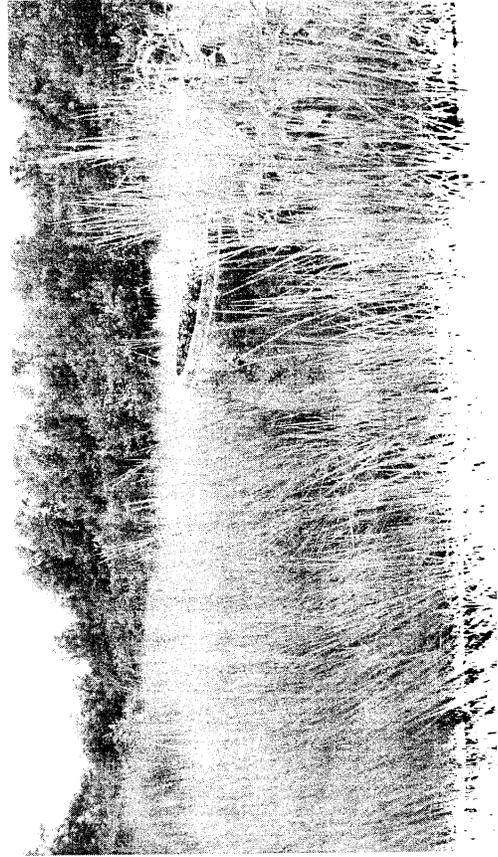
Segundo os moradores, os principais problemas do local são a falta de segurança e de manutenção. Logo na entrada do Parque, o mato alto camufla a placa que identifica o espaço, totalmente danificada pelo tempo. Há ainda diversos tipos de lixo espalhados entre a vegetação nativa, principalmente ao redor do municipal, como garrafas pet, sacolas plásticas, latas de tinta e demora-

de prata e ainda a bicicleta da empregada", conta Roseli, que observa diariamente a movimentação de carros e pessoas em direção ao Parque. "Os alunos deixam a escola e vêm beber e usar drogas com os amigos aqui dentro. A movimentação é constante, inclusive de madrugada", completa a moradora.

Ao visitar o local na manhã dessa terça-feira, por volta das 9h30, nossa reportagem flagrou um casal e outro homem usando drogas. "A Polícia Militar fazia rondas dentro do parque antigamente, mas nunca mais apareceu", relatam os moradores. Em agosto do ano passado, a Prefeitura Municipal de Palhoça construiu um portão de madeira e traçou seus portões, impedindo a entrada da população, mas os cadeados foram arrombados. "Não há como pensar em melhorar o parque sem primeiro pensar em segurança para ele", finaliza Roseli.

### Polluição e assoreamento do rio

Há quem não esteja satisfeito com o estado atual do rio, principalmente por causa da poluição e do assoreamento.



## Maior área verde do Centro de Palhoça ainda é reduto de usuários de drogas, prostituição e vandalismo

Texto: Mariana Cardoso

Não há como esquecer. Há exatamente um ano e 10 meses, a equipe do Jornal Palavra Palhocense testemunhou um cenário que continua trazendo medo e preocupação à população de Palhoça, principalmente aos moradores da Rua Belarmino Antônio da Silva, que dá acesso à sede do Parque Ecológico Municipal. A maior área verde do Centro de Palhoça ainda é reduto de usuários de drogas, prostituição e vandalismo e permanece completamente abandonada pelas autoridades municipais.

Segundo os moradores, os principais problemas do local são a falta de segurança e de manutenção. Logo na entrada do Parque, o mato alto camufla a placa que identifica o espaço, totalmente danificada pelo tempo. Há ainda diversos tipos de lixo espalhados entre a vegetação nativa, principalmente ao redor do manguezal, como garrafas pet, sacolas, restos de construção e demais objetos. "Temos medo de vir passar no parque como fazíamos antigamente, pois vimos muita gente entrar aqui para usar droga e fazer sexo sem qualquer vergonha", conta João Luiz Medeiros, de 46 anos, um dos moradores mais antigos da localidade.

O mato alto, segundo ele, facilita ainda a ação de bandidos que se escondem no Parque durante o dia para assaltar as residências do entorno, um drama já vivido por sua vizinha, Roseli Elminda Silveira, de 48 anos. "Um ladrão invadiu minha casa às 13h e roubou o computador do meu filho, joias

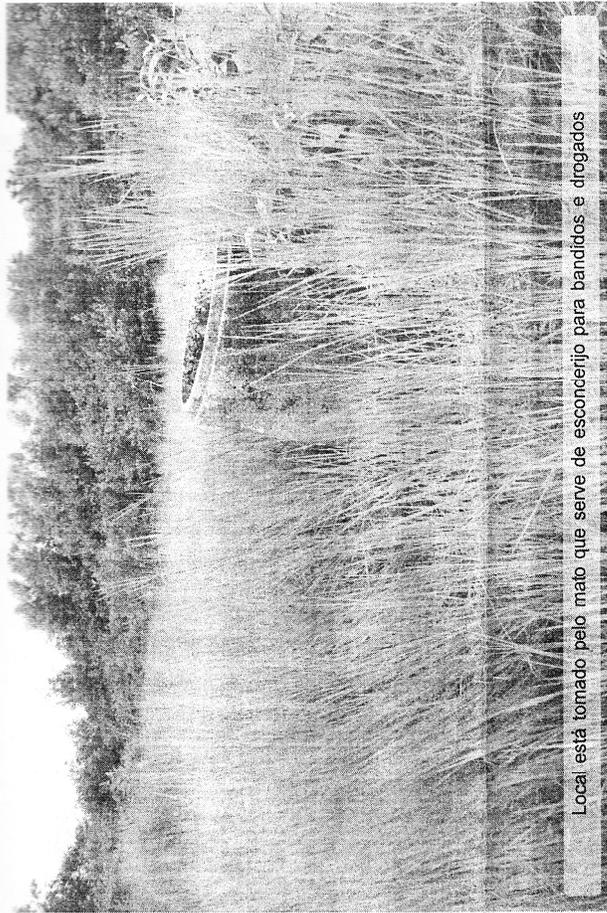
de prata e ainda a bicicleta da empregada", conta Roseli, que observa diariamente a movimentação de carros e pessoas em direção ao Parque. "Os alunos deixam a escola e vêm beber e usar drogas com os amigos aqui dentro. A movimentação é constante, inclusive de madrugada", completa a moradora.

Ao visitar o local na manhã dessa terça-feira, por volta das 9h30, nossa reportagem flagrou um casal e outro homem usando drogas. "A Polícia Militar fazia rondas dentro do parque antigamente, mas nunca mais apareceu", relatam os moradores. Em agosto do ano passado, a Prefeitura Municipal de Palhoça construiu um portal de madeira e trançou seus portões, impedindo a entrada da população, mas os cadeados foram arrombados. "Não há como pensar em melhorar o parque sem primeiro pensar em segurança para ele", finaliza Roseli.

### Polição e assoreamento do rio

Há aproximadamente 15 dias, moradores que vivem no entorno do parque observam, diariamente, geralmente no período da manhã, a poluição amarela ainda mais a vegetação nativa. Trata-se de um líquido branco e leitoso, ainda desconhecido, que é despejado no rio do manguezal, logo na entrada do Parque, pela tubulação de esgoto. O Superintendente Municipal do Meio Ambiente, Eliton Verardi Dutra, desconhece o problema e garantiu tomar providências junto à Vigilância Sanitária de Palhoça.

No local existe ainda outro agravan-



Local está tomado pelo mato que serve de esconceijo para bandidos e drogados

te; conforme contam os moradores, há seis anos as máquinas da Prefeitura não realizam a limpeza do rio e dos córregos do Parque, que estão assoreados e cheios de lixo.

### 12 anos sem comemorações

Em abril deste ano, mês de aniversário de emancipação de Palhoça, o Parque Ecológico completa 12 anos de criação, efetivada através do Decreto nº 428/96, de 29 de abril de 1996, sob determinação do então prefeito Reinaldo Weingartner. Sua extensão, compreendida numa faixa de beira mar que vai do Paturá à Ponta do Fomé, chega a quase 261 mil metros quadrados, sendo que 85,6 mil desse montante formam a sede do Parque Ecológico Municipal.

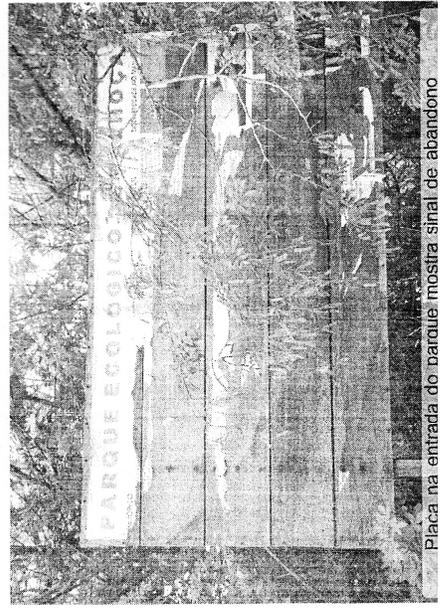
Desde que foi instituído e adquirido pelo poder municipal, o Parque Ecológico envelhece (e desaparece) em ritmo acelerado, vítima da intervenção humana, entre ateros irregulares, poluição química e doméstica e outros, um legado de destruição ignorado por tantas gestões. Há 25 anos, segundo moradores, era possível ver dentro do parque camilhões carregando toneladas de peixes e camarões, anticamente cultivados

ca, iluminação, bancos e playground. Segundo o Superintendente Dutra, os recursos para a viabilização do projeto (R\$ 500 mil) já estão disponíveis e as obras devem iniciar em 90 dias. "A intenção da Prefeitura é inaugurar o projeto até dezembro deste ano", revela.

**Melhorias iniciam em 90 dias**  
A Prefeitura Municipal possui há quase dois anos um projeto de revitalização da área que prevê, entre outros benefícios, a construção de trilhas suspensas sobre o manguezal, a construção de uma sede para o parque, cer-



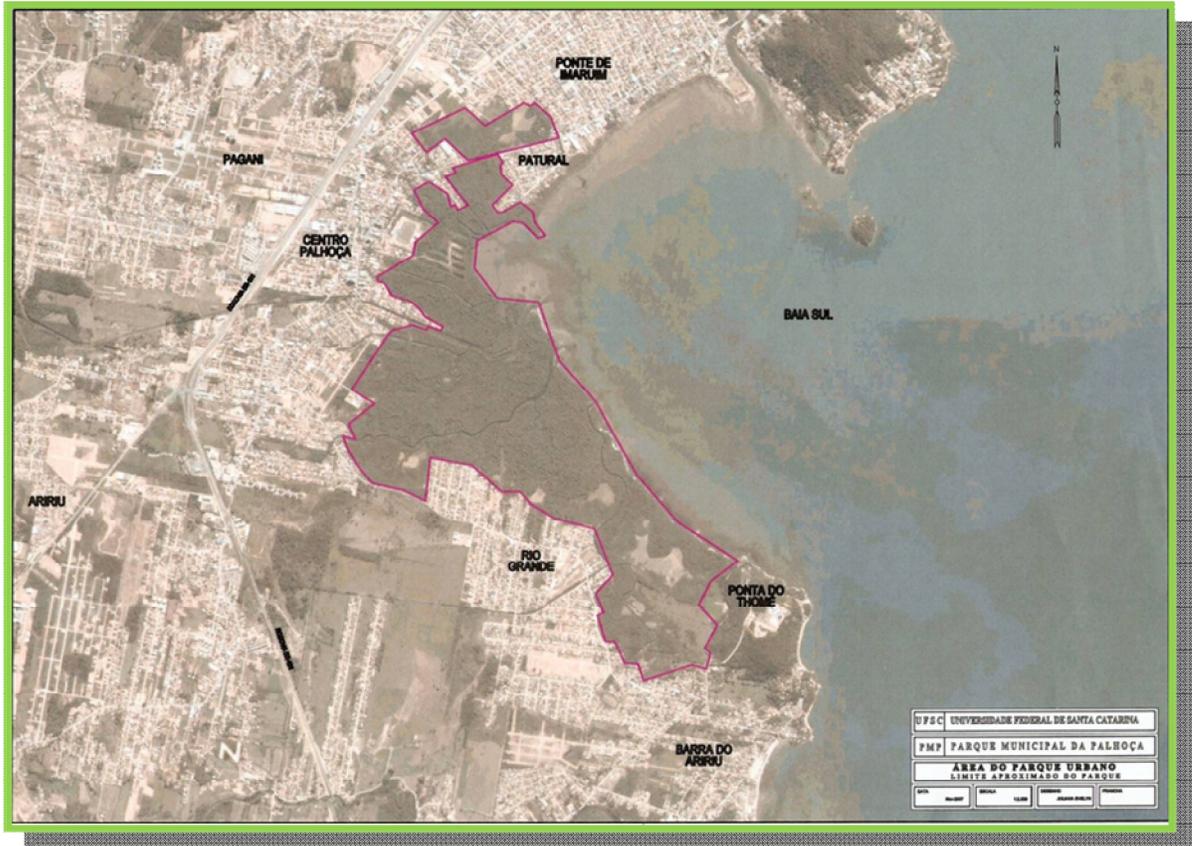
Restos de lixo são encontrados por toda a parte no manguezal



Placa na entrada do parque mostra sinal de abandono

## ANEXO VIII: Mapas

**Mapa I:** Esta imagem mostra uma delimitação aproximada do Parque Municipal de Palhoça, já que não há, até o momento, zoneamento da área. É interessante notar a grande urbanização em volta da Unidade de Conservação.



**Mapa II:** Esta imagem destacava a posição da Rua Belarmino Antônio da Silva, onde foi realizado este trabalho.



**Mapa III:** Esta imagem mostra em detalhe onde seria a área de visitação e sede do Parque. Pode-se notar os onze tanques e o caminho entre eles, por onde realizamos nosso passeio.

